

**Câmpus
Central**
UnU - Anápolis - CSEH
Nelson de Abreu Júnior



**Universidade
Estadual de Goiás**

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE GOIÁS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU* INTERDISCIPLINAR EM
TERRITÓRIOS E EXPRESSÕES CULTURAIS NO CERRADO

RITA CASTORINA GONÇALVES GUNDIM LEMES

**A DAMA DAS ORQUÍDEAS: O CERRADO E A EDUCAÇÃO NA PRODUÇÃO DE
AMÁLIA HERMANO TEIXEIRA**

ANÁPOLIS

2023

RITA CASTORINA GONÇALVES GUNDIM LEMES

**A DAMA DAS ORQUÍDEAS: O CERRADO E A EDUCAÇÃO NA PRODUÇÃO DE
AMÁLIA HERMANO TEIXEIRA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação Territórios e Expressões Culturais no Cerrado da Universidade Estadual de Goiás, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestra em Ciências Sociais e Humanidades na linha de pesquisa Saberes, Sociedade e Natureza no Cerrado.

Orientadora: Profa. Dra. Maria de Fátima Oliveira.

Coorientador: Prof. Dr. Eliézer Cardoso de Oliveira.

ANÁPOLIS

2023



ESTADO DE GOIÁS
UNIVERSIDADE ESTADUAL DE GOIÁS - UEG
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM TERRITÓRIOS E EXPRESSÕES CULTURAIS NO CERRADO

ANEXO Nº 3 -/2023 - UEG/TECCER-19389

TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA PUBLICAÇÃO DE DISSERTAÇÕES NA BIBLIOTECA DIGITAL (BDTD)

Na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Estadual de Goiás a disponibilizar, gratuitamente, por meio da Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD/UEG), regulamentada pela Resolução, CsA n.1087/2019 sem ressarcimento dos direitos autorais, de acordo com a Lei nº 9610/98, para fins de leitura, impressão e/ou download, a título de divulgação da produção científica brasileira, a partir desta data.

Estando ciente que o conteúdo disponibilizado é de inteira responsabilidade do autor / autora.

Dados do autora

Rita Castorina Gonçalves Gundim Lemes, rita.gundim@hotmail.com

Dados do trabalho

A DAMA DAS ORQUÍDEAS: O CERRADO E A EDUCAÇÃO NA PRODUÇÃO DE AMÁLIA HERMANO TEIXEIRA

(X) Dissertação

Programa de Pós-Graduação em Territórios e Expressões Culturais no Cerrado

Concorda com a liberação documento? [x] SIM [] NÃO

Obs: Período de embargo é de um ano a partir da data de defesa

[ANÁPOLIS, 11 DE MAIO DE 2023]

Rita Castorina Gonçalves Gundim Lemes

Assinatura da autora

Profa. Dra. Maria de Fatima Oliveira

Assinatura da orientadora

ANAPOLIS - GO, aos 11 dias do mês de maio de 2023.



Documento assinado eletronicamente por **Rita Castorina Gonçalves Gundim Lemes, Usuário Externo**, em 11/05/2023, às 11:25, conforme art. 2º, § 2º, III, "b", da Lei 17.039/2010 e art. 3ºB, I, do Decreto nº 8.808/2016.



Documento assinado eletronicamente por **MARIA DE FATIMA OLIVEIRA, Orientador (a)**, em 11/05/2023, às 11:27, conforme art. 2º, § 2º, III, "b", da Lei 17.039/2010 e art. 3ºB, I, do Decreto nº 8.808/2016.



A autenticidade do documento pode ser conferida no site http://sei.go.gov.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=1 informando o código verificador 47590022 e o código CRC 87184DBF.

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM TERRITÓRIOS E EXPRESSÕES CULTURAIS NO
CERRADO

AVENIDA JUSCELINO KUBITSCHEK Nº 146, BLOCO II - 3º ANDAR - Bairro BAIRRO
JUNDIAÍ - ANAPOLIS - GO - CEP 75110-390 - (62)3328-1188.



Referência: Processo nº 202300020005291



SEI 47590022

Ficha catalográfica

L552d

Lemes, Rita Castorina Gonçalves Gundim.

A Dama das orquídeas [manuscrito] : o cerrado e a educação na produção de Amália Hermano Teixeira / Rita Castorina Gundim Lemes. - 2023.
156 f. : il.

Orientadora: Profa. Dra. Maria de Fátima Oliveira.

Co-orientador: Prof. Dr. Eliézer Cardoso de Oliveira.

Dissertação (Mestrado em Territórios e Expressões Culturais no Cerrado),
Universidade Estadual de Goiás, Unidade Universitária Anápolis de Ciências
Socioeconômicas e Humanas, Anápolis, 2023.

Inclui bibliografia.

1.Educação - Cerrado. 2.História regional - Cerrado. 3. Cerrado e educação
– Amália Hermano Teixeira. 4.Dissertações – TECCER - UEG/UnUCSEH. I.
Oliveira, Maria de Fátima. II.Oliveira, Eliézer Cardoso de. III.Título.

CDU 911.3:37(251.3)(043)

Elaborada por Aparecida Marta de Jesus
Bibliotecária da UnUCSEH
CRB-1/2385



ESTADO DE GOIÁS
UNIVERSIDADE ESTADUAL DE GOIÁS - UEG
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM TERRITÓRIOS E EXPRESSÕES CULTURAIS NO CERRADO

ANEXO Nº 9/2023 - UEG/TECCER-19389

Aos treze dias do mês de fevereiro do ano de dois mil e vinte e três, a partir das nove horas, por meio de videoconferência entre os componentes da banca, realizou-se a sessão de julgamento da dissertação da discente **RITA CASTORINA GONÇALVES GUNDIM LEMES**, intitulada **"A DAMA DAS ORQUÍDEAS: O CERRADO E A EDUCAÇÃO NA PRODUÇÃO DE AMÁLIA HERMANO TEIXEIRA"**. A Banca Examinadora foi composta pelos seguintes Professores: Dra. Maria de Fátima Oliveira (Orientadora), Dr. Eliézer Cardoso de Oliveira (Coorientador), Dra. Giovana Galvão Tavares (Examinadora Externa - UniEvangélica) e Dr. Ademir Luiz da Silva (Examinador Interno). Os membros da banca fizeram suas observações e sugestões, as quais deverão ser consideradas pela discente e sua orientadora. Em seguida a Banca Examinadora reuniu-se, em sessão secreta, atribuindo a discente os seguintes resultados.

Dra. Maria de Fátima Oliveira (Orientadora)

(x) aprovado () reprovado.

Dr. Eliézer Cardoso de Oliveira (Coorientador)

(x) aprovado () reprovado.

Dra. Giovana Galvão Tavares (Examinadora Externa - UniEvangélica)

(x) aprovado () reprovado.

Dr. Ademir Luiz da Silva (Examinador Interno)

(x) aprovado () reprovado.

Resultado Final: (X) aprovado () reprovado.

Reaberta a sessão pública, a Orientadora proclamou o resultado e encerrou a sessão às doze horas, da qual foi lavrada a presente ata que vai ser assinada por mim, Alex Douglas Costa secretário do Programa de Pós-graduação *Stricto Sensu* Interdisciplinar em Territórios e Expressões Culturais no Cerrado, discente e pelos membros da banca examinadora supracitada.

ANAPOLIS - GO, aos 24 dias do mês de fevereiro de 2023.



Documento assinado eletronicamente por **ELIEZER CARDOSO DE OLIVEIRA, Docente de Ensino Superior**, em 24/02/2023, às 15:01, conforme art. 2º, § 2º, III, "b", da Lei 17.039/2010 e art. 3ºB, I, do Decreto nº 8.808/2016.



Documento assinado eletronicamente por **MARIA DE FATIMA OLIVEIRA, Orientador (a)**, em 07/03/2023, às 15:37, conforme art. 2º, § 2º, III, "b", da Lei 17.039/2010 e art. 3ºB, I, do Decreto nº 8.808/2016.



Documento assinado eletronicamente por **Rita Castorina Gonçalves Gundim Lemes, Usuário Externo**, em 13/03/2023, às 16:12, conforme art. 2º, § 2º, III, "b", da Lei 17.039/2010 e art. 3ºB, I, do Decreto nº 8.808/2016.



Documento assinado eletronicamente por **Giovana Galvão Tavares, Usuário Externo**, em 05/05/2023, às 09:36, conforme art. 2º, § 2º, III, "b", da Lei 17.039/2010 e art. 3ºB, I, do Decreto nº 8.808/2016.



Documento assinado eletronicamente por **ALEX DOUGLAS COSTA E SILVA, Secretário (a)**, em 11/05/2023, às 09:22, conforme art. 2º, § 2º, III, "b", da Lei 17.039/2010 e art. 3ºB, I, do Decreto nº 8.808/2016.



Documento assinado eletronicamente por **ADEMIR LUIZ DA SILVA, Docente de Ensino Superior**, em 11/05/2023, às 16:06, conforme art. 2º, § 2º, III, "b", da Lei 17.039/2010 e art. 3ºB, I, do Decreto nº 8.808/2016.



A autenticidade do documento pode ser conferida no site http://sei.go.gov.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=1 informando o código verificador **45099970** e o código CRC **E3C23775**.

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM TERRITÓRIOS E EXPRESSÕES CULTURAIS NO
CERRADO
AVENIDA JUSCELINO KUBITSCHEK Nº 146, BLOCO II - 3º ANDAR - Bairro BAIRRO
JUNDIAÍ - ANAPOLIS - GO - CEP 75110-390 - (62)3328-1188.



Referência: Processo nº 202200020004878



SEI 45099970

RESUMO

O presente estudo tem por objetivo geral compreender como foi a atuação de Amália Hermano Teixeira – mulher tocantinense/goiana – em diversas áreas do conhecimento, principalmente nas questões educacionais, que abrangem, também, seu amor e dedicação à temas voltados para a natureza. Então, a fim de alcançá-lo, elencou-se como objetivos específicos: analisar qual a representação da natureza pela ótica de Amália, através de sua produção intelectual e; compreender qual a visão construída sobre ela a partir dos estudos que a tem como tema de pesquisa. A investigação pautou-se na análise de seu acervo pessoal – que se encontra no Instituto Histórico e Geográfico de Goiás (IHGG) –, além de suas publicações de artigos científicos e livros autorais, que comportam o período de 1940 a 1990 e, ainda, por meio da produção bibliográfica sobre ela. O recorte espacial compreende o território goiano do século XX, que engloba o antigo Norte de Goiás, atual Tocantins. A fundamentação teórica baseou-se na História Cultural, objetivando um melhor entendimento sobre a participação do indivíduo como agente histórico. Desse modo, delineou-se a seguinte questão de pesquisa: como foi a atuação de Amália, considerando sua trajetória pessoal e profissional, em prol das questões educacionais e como amante da natureza, e qual o seu legado para essas áreas em Goiás? Os resultados apontam que Amália foi uma personalidade que se destacou em diversos setores do conhecimento, com atuação na docência, no jornalismo, na advocacia e na botânica, área em que era comumente vista por amigos e estudiosos como uma defensora da educação pedagógica de cunho pragmático por meio de fundação de clubes agrícolas, buscando o ensino rural e atuando em prol da natureza. A relevância social do tema está em compreender questões mais amplas que perpassam a história de uma determinada região e, nesse caso, destacar a atuação feminina no âmbito acadêmico e intelectual referente à natureza, mais especificamente ao Cerrado. Amália conseguiu dar visibilidade à flora cerratense, especialmente às orquídeas e, enquanto colecionadora e amante da natureza, promoveu e participou de eventos, publicando diversos trabalhos com a finalidade de divulgar os seus conhecimentos sobre educação, clubes agrícolas, natureza e, principalmente, sobre as orquídeas. Esta dissertação está dividida em três capítulos. No primeiro, optou-se por mostrar a trajetória de vida da referida intelectual, nos aspectos pessoal e social, como um sujeito que vivenciou a história e dela participou. A proposta do segundo capítulo foi realizar um Estado da Arte, um levantamento da produção dos escritos sobre ela. O último capítulo foi dedicado a analisar o pensamento de Amália Hermano Teixeira a partir de suas publicações, material esse que reflete seu envolvimento e relação com a educação, natureza, política, cultura, dentre outros.

Palavras-chave: Amália Hermano Teixeira; história regional; educação; Cerrado.

ABSTRACT

The present study aims to understand how was the performance of Amália Hermano Teixeira – woman from Tocantins/Goiás – in several areas of knowledge, especially in educational issues that also cover his love and dedication to themes focused on nature. In addition, it was also sought, as specific objectives, to analyze the representation of nature from the perspective of Amália, through her intellectual production and understand the vision that was built from the studies that have it as a research theme. The research was based on the analysis of his personal collection – which is in the Historical and Geographic Institute of Goiás (IHGG) – in addition to his publications in the form of articles in scientific journals, authorial books, which cover the period from 1940 to 1990, and still, through the bibliographical production on it. The spatial cut comprises the territory of Goiás of the twentieth century, which encompasses the former North of Goiás, current Tocantins. The theoretical foundation was based on Cultural History, with a view to a better understanding of the participation of the individual as a historical agent. The following research question was outlined: How was Amália's performance, considering her personal and professional trajectory, in favor of educational issues and as a nature lover and what is her legacy for these areas in Goiás? The results indicate that Amália was a personality that stood out in several sectors of knowledge, working in teaching, journalism, law and botany, in the area in which it was commonly seen by friends and scholars as na advocate of pragmatic pedagogical education through the foundation of agricultural clubs aimed at rural education and acting on behalf of nature. The social relevance of the theme is to understand broader issues that pervade the history of a particular region and, in this case, to highlight the female performance in the academic and intellectual sphere related to nature, more specifically the Cerrado. Amália managed to give visibility to the Cerratense flora, especially orchids, and as a collector and nature lover, promoted and participated in events, publishing several works in order to disseminate their knowledge about education, agricultural clubs, nature and especially about orchids. This dissertation is divided into three chapters. In the first, we chose to show the life trajectory of the intellectual, in the personal and social aspects, as a subject who experienced history and participated in it. The proposal of the second chapter was to carry out a State of the Art, a survey of the production of the writings about it. The last chapter was dedicated to analyzing the thought of Amália Hermano Teixeira from her publications, material that reflects her involvement and relationship with education, nature, politics, culture, among others.

Keywords: Amália Hermano Teixeira; regional history; education; Cerrado.

LISTA DE FOTOGRAFIAS

Fotografia 1 - Amália Hermano Teixeira (1916-1991)	21
Fotografia 2 - Hóspedes e proprietários em frente a Pensão Manduca	30
Fotografia 3 - Os quartanistas do Lyceu de Goyaz que se diplomaram em 1934	36
Fotografia 4 - Amália no Baile do Batismo Cultural em 1942 no Palácio das Esmeraldas	41
Fotografia 5 - Bazar Oió Praça Anhanguera – Lançamento de livro do escritor José Mauro Vasconcelos (sem data)	43
Fotografia 6 – Amália Hermano no evento na antiga Escola Normal Oficial de Goiás, depois Instituto de Educação de Goiás (IEG) no ano de 1939.....	62
Fotografia 7 - I Congresso de Intelectuais de Goiânia, em fevereiro de 1954	69
Fotografia 8 - I Congresso Nacional de Intelectuais	69
Fotografia 9 - Amália Hermano Teixeira no quintal de sua casa	76
Fotografia 10 - XX Congresso Nacional de Botânica, realizado em 1969, em Goiânia.....	78
Fotografia 11 - Amália Hermano Teixeira na Pedra Goiana.....	80
Fotografia 12 - Árvore do Papel - Tibouchina Papyrus.....	81
Fotografia 13 - Amália Hermano e Roberto Burle Marx em expedições.....	82
Fotografia 14 - Dois momentos do casal Amália e Maximiano	97
Fotografia 15 - Amália, Burle Marx e Maximiano.....	99
Fotografia 16 - Amália, Maximiano e outros no Parque Nacional do Itatiaia.....	100
Fotografia 17 - Maximiano e Amália	100
Fotografia 18 - Amália no Palácio das Esmeraldas com Dr. Pedro Ludovico Teixeira (1955)	109
Fotografia 19 - Begônia Rizomatosa e Begônia Re	127

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Espaço Cultural Amália Hermano Teixeira.....	44
Figura 2 - Colégio Estadual Amália Hermano Teixeira.....	45
Figura 3 - Condomínio Edifício Amália Hermano.....	47
Figura 4 - Orquidário do Jardim Botânico de Goiânia.....	47
Figura 5 - Casa de Cultura Amália Hermano Teixeira (foto antiga).....	48
Figura 6 - Casa de Cultura Amália Hermano Teixeira (foto recente).....	49
Figura 7 - Livro Didático “História de Goiás”.....	104
Figura 8 - A Transbrasiliana.....	112

LISTA DE MAPAS

Mapa 1 - Mapa do Estado de Goiás na década de 1920	26
--	----

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Revisão bibliográfica: pesquisas que dialogam com o tema da dissertação	18
Quadro 2 - Instituições receptoras do nome de Amália Hermano Teixeira	43
Quadro 3 - Relação de publicações sobre Amália Hermano Teixeira.....	57
Quadro 4 - Relação de artigos publicados em revistas e jornais escritos por Amália Hermano Teixeira.....	93
Quadro 5 - Relação de livros escritos por Amália Hermano Teixeira.....	95
Quadro 6 - Publicações de Amália Hermano Teixeira na Revista de Educação de Goiás – 3ª fase.....	122

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	14
2 PELOS CAMINHOS DE AMÁLIA: DO ANTIGO NORTE GOIANO À CAPITAL DO ESTADO DE GOIÁS	21
2.1 NATIVIDADE, A REVOLTA DO DURO E A INFLUÊNCIA DA FAMÍLIA HERMANO	23
2.2 ENTRE A SERRA DOURADA E O RIO VERMELHO: AMÁLIA NA CIDADE DE GOIÁS	29
2.3 AMÁLIA HERMANO TEIXEIRA E SUA ATUAÇÃO EM GOIÂNIA, A NOVA CAPITAL DO ESTADO	39
3 VISÕES SOBRE AMÁLIA: PESQUISAS E PUBLICAÇÕES	55
3.1 AMÁLIA PROFESSORA	59
3.2 AMÁLIA, “AMANTE” DA NATUREZA	75
4 A OBRA DE AMÁLIA HERMANO TEIXEIRA E SUA REPRESENTAÇÃO DO CERRADO	89
4.1 ASPECTOS GERAIS DE SEUS LIVROS E PONTUAÇÕES SOBRE O CERRADO ...	95
4.2 A CONTRIBUIÇÃO DE AMÁLIA PARA A REVISTA OESTE	106
4.3 SUA PARTICIPAÇÃO NA <i>REVISTA DE EDUCAÇÃO</i>	120
4.4 OUTRAS CONTRIBUIÇÕES DE AMÁLIA	124
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	129
APÊNDICE A - LINHA CRONOLÓGICA DA VIDA DE AMÁLIA HERMANO TEIXEIRA	146
APÊNDICE B – RELAÇÃO DAS PUBLICAÇÕES QUE CITAM A CONTRIBUIÇÃO DE AMÁLIA HERMANO TEIXEIRA ENQUANTO EDUCADORA, NA LITERATURA, NA IMPRENSA E SOBRE AS QUESTÕES AMBIENTAIS	150

1 INTRODUÇÃO

Amália Hermano Teixeira (1916-1991) foi uma personalidade atuante em diversas áreas do conhecimento. Jornalista, advogada, professora e autora. De certo modo, pode-se afirmar que sua obra a coloca como uma defensora da educação pedagógica de cunho pragmático por meio da fundação de clubes agrícolas, objetivando o ensino rural, amante da natureza e, por extensão, do Cerrado.

A dissertação tem como objetivo geral compreender como foi a sua atuação em prol das questões educacionais e como amante da natureza, e qual o seu legado para essas áreas. Para isso, o estudo buscou, como objetivos específicos: identificar a sua contribuição no que diz respeito à natureza; analisar qual a representação da natureza na visão de Amália, através de sua produção intelectual; e compreender qual a visão que foi construída sobre ela a partir dos estudos que a tem como tema de pesquisa.

A delimitação temporal corresponde ao período de sua produção e atuação em diversas esferas voltadas à natureza, que se refere aos anos de 1940 a 1990. O recorte espacial compreende o território goiano do século XX, que engloba o antigo norte de Goiás, atual Tocantins. Diante disso, entendemos que estudar a história regional é de suma importância para o entendimento acerca da unidade observada, do espaço socializado e do cotidiano compartilhado, ou seja, favorece a ligação com as identidades locais. Sendo assim, uma pesquisa sobre Amália Hermano Teixeira – mulher que atuou em vários segmentos sociais, ao desempenhar papéis e funções variadas, enquanto profissional e cidadã – pode contribuir para conhecer e compreender aspectos educacionais, da natureza e, por consequência, do Cerrado, por um recorte histórico e temporal que ajude a evidenciar a historicidade regional goiana do século XX.

Desse modo, elegemos o seguinte problema de pesquisa: como foi a atuação de Amália, considerando sua trajetória pessoal e profissional, em prol das questões educacionais e da natureza, e qual o seu legado para essas áreas em Goiás? Outras questões secundárias também foram delineadas, são elas: qual é a representação de natureza na obra de Amália? Quais as contribuições dela para o movimento escolanovista, para os Clubes Agrícolas e para o campesinato em Goiás?

Partindo desses questionamentos, podemos levantar algumas hipóteses acerca da representação do Cerrado na obra de Amália. É possível afirmar, por meio de sua produção e

ações, que Amália possuía uma concepção romântica da natureza¹ (a qual está manifestada poeticamente em sua obra e implicitamente em sua vida pessoal/individual, profissional e social). Como intelectual, Amália foi uma das primeiras mulheres da nova capital (Goiânia), a dar visibilidade e destaque, por exemplo, à educação rural e ao Cerrado, para o desenvolvimento social, cultural e histórico de Goiás.

Nesse sentido, justifica-se esta pesquisa com a importância da temática, considerando a possibilidade de se fazer uma interface entre os estudos sobre as mulheres e as questões referentes à natureza. Embora já existam algumas investigações sobre o tema, a vida e a obra de Amália ainda oferecem um rico campo para se conhecer mais sobre aspectos da História de Goiás, do Cerrado e do meio ambiente. Ressalta-se, ainda, a afinidade deste projeto com a linha da pesquisa *Saberes, Sociedade e Natureza no Cerrado*, do Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Territórios e Expressões Culturais no Cerrado (PPG-TECCER), da Universidade Estadual de Goiás (UEG).

Com isso, destacamos que a relevância social do tema está em enfatizar a atuação feminina goiana no âmbito acadêmico e intelectual em prol da natureza; e no âmbito pessoal, a escolha se deve ao meu interesse e experiência, por já ter estudado a temática em dois momentos: primeiramente, como bolsista no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (Pibic/CNPQ) e no trabalho de conclusão de curso (TCC), na graduação. Além desses aspectos, o material do acervo de Amália Hermano Teixeira, disponível no Instituto Histórico e Geográfico de Goiás (IHGG) é expressivo e merece um tratamento mais aprofundado.

A pesquisa histórica sobre a relação de um indivíduo – a exemplo de Amália Hermano Teixeira e sua contribuição para a preservação da natureza – é de grande relevância para se compreender questões mais amplas que perpassam a história de uma determinada região. Nesse sentido, Chizzotti (1991) chama a atenção para alguns aspectos que enfatizam a importância desse tipo de pesquisa. Para o referido autor,

[...] cabe à pesquisa investigar o mundo em que o homem vive e o próprio homem. E para essa atividade, o pesquisador recorre à observação e à reflexão sobre problemas que enfrenta, e à experiência passada e atual dos homens na solução destes problemas, a fim de munir-se dos instrumentos mais adequados à sua ação e intervir no seu mundo para construí-lo adequado à sua vida (CHIZZOTTI, 1991, p. 2).

A influência e representação que um indivíduo exerce no processo histórico é algo relevante para a compreensão histórica do período que ele viveu, pois podem revelar um determinado contexto social e político, como no caso da representação da natureza na obra de

¹ Amália participou ativamente do movimento escolanovista em Goiás e, conforme aponta Martins (2018), os integrantes desse movimento (1937 a 1963) possuíam um caráter romântico em relação aos problemas educacionais referentes à sociedade.

Amália. Diante disso, Chartier (1991) apresenta referenciais conceituais que auxiliam na observação das diversas facetas das representações culturais, possibilitando a compreensão do fenômeno social estudado. Dessa forma, considerar as possibilidades de um trabalho que se vale da contribuição de um indivíduo para a sociedade pode contribuir para uma melhor compreensão da história local, visto que faz parte da dinâmica social e histórica. Por esse viés, Amado (1999, p. 13) ressalta que:

[...] o estudo regional oferece novas óticas de análise ao estudo de cunho nacional, podendo apresentar várias questões fundamentais da História (como os movimentos sociais, a ação do Estado, as atividades econômicas, a identidade cultural, etc.) a partir de um ângulo de visão que faz aflorar o específico, o próprio, o particular. A historiografia nacional ressalta semelhanças, a regional lida com as diferenças, a multiplicidade. A historiografia regional tem ainda a capacidade de apresentar o concreto e o cotidiano, o ser humano historicamente determinado, de fazer a ponte entre o individual e o social [...].

Ao utilizar a história regional como suporte historiográfico, percebe-se que os fatos que compõem esse painel da historiografia goiana, como a mudança da capital do estado, a existência da faculdade de Direito em Vila Boa e a pungente desvalorização e o preconceito em desfavor do norte goiano, que, atualmente, compõe o estado de Tocantins, constam como pontos que oferecem possibilidades de análises norteadoras do percurso social e intelectual vivenciados por Amália, que influenciaram na sua relação com a natureza. Visto isso, vale ressaltar o que Delory-Momberger (2012) destaca ao indicar que o fato de que o indivíduo é como um ser social singular e a utilização da biografia tem sua versatilidade e reconhecimento do valor da visão humana, dotada de subjetividade sobre sua vida, o mundo e a realidade que a circunda.

Os trabalhos supracitados de Chartier (1991) e Delory-Momberger (2012) acabam por direcionar a presente pesquisa aos conceitos de capital social (a rede de conhecimentos/relações sociais), capital cultural (a formação intelectual e artística/diplomas/competências) e capital simbólico (aquele proveniente de um campo/que confere privilégio, prestígio, honra, status) do sociólogo, etnólogo e filósofo francês, Bourdieu (1989). Com isso, compreendemos que a trajetória de vida de Amália, delineada neste estudo, revela como ela capitaliza, ao longo de sua história, os ativos, ou seja, esses três poderes ou capitais ressaltados por Bourdieu (1989), para ter uma posição de destaque em sua época e contexto. Para o autor, tal posição surge a partir da complexa relação desses elementos, a qual estará delineada ao longo deste estudo.

Esses três conceitos de Bourdieu (1989) ajudaram na compreensão das várias facetas da vida de Amália Hermano Teixeira: a mulher rica² e bem entrosada com gente poderosa, que

² Foge aos interesses deste estudo aprofundarmos sobre o capital econômico. Porém, cabe esclarecer que o capital econômico é a fonte de todas as outras formas de capital (PETERS, 2020).

estudou em instituições importantes e atuou em campos de saber. Pode-se dizer, inclusive, nos moldes de Ricoeur (2010, p. 208), que esses elementos e suas complexas relações formam um “pano de fundo [que] é feito da imbricação viva de todas as histórias vividas”. Assim, a trajetória de Amália surge desse pano de fundo, e, “[...] com esse surgimento, o sujeito implicado também surge”.

Parafraseando Pesavento (2006), entendemos que essas relações e representações relacionam-se ao conceito de memória. Por isso, acreditamos que a vida e obra de Amália podem ser utilizadas como fonte histórica, pois,

Nessa interface do individual e do social – que só existem um por meio do outro, que estão num processo incessante de produção recíproca – o espaço da pesquisa biográfica consistiria então em perceber a relação singular que o indivíduo mantém, pela sua atividade biográfica, com o mundo histórico e social e em estudar as formas construídas que ele dá à sua experiência. Para dizê-lo de modo mais sintético: o objeto visado pela pesquisa biográfica, mediante esses processos de gênese socioindividual, seria o estudo dos modos de constituição do indivíduo enquanto ser social e singular. Essa é, então, a singularidade que a pesquisa biográfica se dá por tarefa apreender, mas não é uma singularidade solipsista, é uma singularidade atravessada, informada pelo social, no sentido em que o social lhe dá seu quadro e seus materiais (DELORY-MOMBERGER, 2012, p. 523).

A pesquisa histórica, vista dessa forma, possibilita o diálogo com as diversas áreas do conhecimento, como a história ambiental. De acordo com Pádua (2010, p. 88), “[...] a natureza se apresenta, cada vez mais, algo em permanente construção e reconstrução ao longo do tempo, distante da visão tradicional de uma realidade pronta e acabada, que serviria de referencial estável para a agitação do viver humano”. Com isso, percebe-se que a atuação de Amália confirma a sua contribuição significativa para o processo de construção dos saberes da natureza, em Goiás e Tocantins, por intermédio de suas múltiplas ações.

Nessa mesma linha de interpretação, Worster (1991, p. 211-212) afirma que “[...] o historiador ambiental tem que enfrentar o formidável desafio de examinar as ideias como agentes ecológicos [...] ao perceber que ideias passam por uma influência do meio em que o sujeito está inserido”. Por isso, é importante se ater ao contexto da trajetória de vida de Amália Hermano ao valorizar a história regional, para que assim seja possível compreender sua representação da natureza do Cerrado.

Pensando nisso, efetuamos uma revisão bibliográfica das pesquisas que dialogam com o tema desta dissertação. Então, elaboramos o Quadro 1, com vistas a uma melhor compreensão.

Quadro 1 - Revisão bibliográfica: pesquisas que dialogam com o tema da dissertação

Título	Autor	Tipo de Produção	Ano
Uma semente para o futuro: os clubes agrícolas escolares e a formação de mentalidades ruralistas (Goiás, 1930-1960).	Deuzenir Dias Fernandes Barbosa	Dissertação	2017
A participação da intelectual Amália Hermano Teixeira no movimento escolanovista em Goiás – 1937 a 1963.	Luciana da Silva Martins	Dissertação	2018
Pelas páginas da revista Oeste: poder e imprensa em Goiás (1942-1944).	Rildo Bento de Souza	Artigo de revista	2018
Sororidade com saber goiano: o feminismo pioneiro de Consuelo Nasser.	Adrielly Melo Borges	Dissertação	2020

Fonte: elaborado pela autora (2022).

Segundo Barbosa (2017), Amália é vista como pioneira do movimento escolanovista em Goiás, além de ser uma das primeiras mulheres no estado a atuar como jornalista, tendo um olhar crítico em seus textos sobre as questões ambientais de sua época de atuação na imprensa. Ela também é reconhecida por seu pioneirismo como advogada, sendo umas das primeiras mulheres formadas como bacharela em Direito no estado de Goiás.

A dissertação de Borges A. (2020) contribui para a pesquisa, pois, embora não se trate especificamente sobre Amália, estuda e discute a trajetória de outra goiana, Consuelo Nasser. Ela foi uma das pioneiras do feminismo no estado de Goiás: foi jornalista, advogada e fundadora do Centro de Valorização da Mulher (Cevam) – uma iniciativa com relação aos problemas derivados da violência contra a mulher. Jornalista atuante, Consuelo Nasser foi editora do semanário *O Cinco de Março* (1959-1979), foi responsável financeira pela gestão dos jornais *Diário da Manhã* (1982-1984) e *Folha de Goyaz* (1984) e, ainda, fundou e editou o *Jornal Edição Extra* (1984-1985) e a *Revista Presença* (1986-1991).

Sobre a dissertação de Martins (2018), destacamos que estabelece um diálogo direto com a proposta de pesquisa em questão, pois a autora expressa os resultados de uma investigação que teve como foco as contribuições de Amália Hermano Teixeira no campo da educação em Goiás. Por último, no que se refere ao artigo de Souza R. (2018), este analisa a projeção da figura do então interventor federal de Goiás, Pedro Ludovico Teixeira, nas páginas da *Revista Oeste*, entre 1942 e 1944. A *Revista Oeste* tinha a intenção de ser um veículo disponível para escritores, poetas e intelectuais, e o referido artigo dialoga com a presente pesquisa, pois Amália contribuiu como escritora para esta revista.

A proposta metodológica foi orientada, primeiramente, pela análise da bibliografia já construída a respeito da autora, principalmente no que se trata da sua interação com a natureza.

A pesquisa contou, também, com a busca em ambientes virtuais – como a Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD) – e em instituições que receberam o nome de Amália Hermano Teixeira. Em seguida, para demonstrar sua representatividade em prol da temática, foi utilizado o acervo disponibilizado no IHGG – onde se encontra uma seção destinada à Amália – que foi catalogado e analisado. Nele, encontram-se fotos, correspondências, livros, revistas e jornais. Realizou-se, ainda, uma análise dos eventos goianos que tiveram a natureza como temática, verificando se houve a participação e contribuição de Amália. As fotografias foram importantes para obter informações acerca de aspectos de sua vida pessoal e de sua interação com a natureza.

Para um melhor entendimento da pesquisa, a dissertação foi dividida em três seções. Na primeira seção, optou-se por mostrar a trajetória de vida da referida intelectual, nos aspectos pessoal e social, como uma sujeita que vivenciou a história e dela participou. Inicialmente, fez-se a apresentação dos seus principais dados biográficos, apresentados em um sentido linear, de modo sequencial. Com isso, foi evidenciado o contexto histórico em que ela viveu e atuou, destacando sua ação na nova capital, Goiânia. Desse modo, partindo da perspectiva de Borges V. (2008, p. 222), que afirma que “[...] o ser humano existe somente dentro de uma rede de relações”, buscou-se apresentar reflexões sobre o percurso de vida vivenciado por uma mulher que, enquanto sujeita social, teve representatividade em vários campos e espaços.

A proposta da segunda seção foi a de fazer um Estado da Arte, ou seja, um levantamento ou, ainda, um delineamento da produção do conhecimento dos escritos sobre Amália. Figuram teses, dissertações, TCCs de graduação, artigos, reportagens, revistas e livros. Os principais estudos aqui encontrados estão no Apêndice B, os quais, delineados nesse capítulo, mostram a importância de Amália no âmbito acadêmico e sua relevância para os campos em que atuou, principalmente como professora, advogada e escritora.

Cabe ressaltar que apesar de Amália ainda ser pouco conhecida, ela vem sendo muito citada, conforme mostra o Apêndice B. O Estado da Arte é uma abordagem quantitativa com elucidações qualitativas. É uma “reconstrução, [sistematização e avaliação] do conhecimento vigente sobre [determinado] tema”, podendo significar uma importante contribuição ao avanço dos estudos científicos (PRODANOV; FREITAS, 2013, p. 82). Como se poderá notar, este tipo de levantamento revela como as universidades estão trabalhando com a mesma temática, o impacto desses estudos, os desdobramentos metodológicos e os pesquisadores que têm avançado com essa mesma abordagem, dentre outros apontamentos que podem surgir.

A última seção foi dedicada a analisar o pensamento de Amália Hermano Teixeira a partir de suas publicações: material esse que reflete seu envolvimento e relação com a educação,

natureza, política, cultura, dentre outros. Nesse tópico, foram utilizados os seguintes documentos: acervo de Amália Hermano Teixeira disponibilizado no IHGG, a Revista Oeste (de 1942 a 1945) em formato digital, exemplares da Revista de Educação (1959, 1960 e 1962) e livros de sua autoria, além de alguns recortes de jornais.

2 PELOS CAMINHOS DE AMÁLIA: DO ANTIGO NORTE GOIANO À CAPITAL DO ESTADO DE GOIÁS

Neste capítulo apresentamos a vida de Amália Hermano Teixeira, compreendendo os caminhos que ela percorreu, bem como sua influência política e cultural. Falar sobre ela é, de certo modo, estabelecer uma referência ao ser humano que existiu em um espaço e em uma determinada temporalidade (Fotografia 1). A partir dessa perspectiva, torna-se necessário apresentar alguns dos principais fatores e aspectos que desvelam sua existência.

Fotografia 1 - Amália Hermano Teixeira (1916-1991)



Fonte: Colégio Estadual Amália Hermano Teixeira (2007)³.

O nome *Amália*, segundo Curado (2016b, p. 3) é “[...] de origem germânica [e] significa trabalhadora, diligente, ativa, ou seja, este nome simboliza as características de uma mulher batalhadora, esforçada, cuidadosa e que está sempre atenta em tudo que faz”. Ainda, completa Curado (2016b, p. 3): “[...] nada mais singular que este nome para uma mulher como Amália Hermano Teixeira”.

De antemão, pode-se salientar que o seu pensamento, manifestado em suas múltiplas atuações e cenários, contribuiu para que se destacasse por seu pioneirismo em muitos campos. Nas seções e subseções a seguir, são abordados, de forma específica, seus principais campos de atuação e articulação.

No primeiro tópico desta seção, *Natividade, a revolta do Duro e a influência da família Hermano*, foram analisadas as origens de Amália Hermano Teixeira, como filiação, local de

³ Nota: Amália no jardim da frente em sua residência em Goiânia ao lado de suas orquídeas. No jardim da frente ficavam as rosas e plantas brancas (MARTINS, 2018).

nascimento e um pouco sobre a região onde ela nasceu. Conhecer essa parte de sua história nos ajuda a entender melhor a sua trajetória. Visto isso, um dos autores selecionados para fundamentar teoricamente esse primeiro tópico é Elias (1994). No que se refere ao movimento separatista do norte goiano, a pesquisa se valeu dos historiadores Palacín (1972, 1981, 1983) e Cavalcante (2003). Contudo, outros autores que tratam da temática também foram acessados para dar sustentação ao estudo.

No segundo tópico, *Entre a Serra Dourada e o Rio Vermelho: Amália na Cidade de Goiás*, foram discutidos aspectos que mostram a sua nova ambientação, as primeiras redes de sociabilidade – como na Pensão Manduca e no Lyceu de Goiás (lugar de sua formação inicial) – os aspectos culturais da cidade, entre outros. Esses pontos estão fundamentados em diversos estudos, dos quais destacam-se, por exemplo: Curado (2016a, 2016b), Souza V. (2020), Oliveira C. (2016) e Teixeira (1993).

No último tópico do capítulo, *Amália Hermano Teixeira e sua contribuição para Goiânia, a nova capital do Estado*⁴, foram apresentadas algumas reflexões sobre o tema. Foi nesta cidade que ela viveu a maior parte da vida e atuou mais ativamente enquanto profissional, prova disso é que muitas instituições goianienses receberam seu nome, como forma de homenageá-la.

As redes de interações sociais tecidas por Amália foram muito importantes durante sua vida. Portanto, a intenção é mostrar as interações de amizades, tendo em vista que se sabe da sua convivência com importantes intelectuais que atuaram naquele período no estado de Goiás. Algumas de suas amizades ultrapassaram as configurações amistosas, mas são consideradas convenientes e relevantes do ponto de vista histórico, e denotam a mencionada rede de interações sociais, às quais a própria autora atribui grande valor.

O conceito de *redes de interação social* pode ser contemplado pela perspectiva teórica apresentada por Elias (1994), para compreender os desdobramentos históricos do processo civilizatório. De acordo com o autor, as redes constituídas ao longo da historicidade da civilização reforçaram e comprovaram a caracterização social dos seres humanos enquanto indivíduos que vivem em sociedade, mas que, antes de tudo, são dotados de subjetividade, pessoalidade e personalidade. É importante detalhar as dificuldades que se tem de considerar as redes de interação social, pois, de acordo com Elias (1994, p. 16), existem dificuldades e essas são relacionadas à ausência de

⁴ Ao se mencionar contribuições para Goiânia, leva-se em conta o momento histórico de construção da cidade em si, bem como sua consolidação identitária como nova capital do estado, vinda a ser posicionada por meio do discurso político em torno da modernidade e do progresso.

[...] modelos conceituais e uma visão global mediante os quais possamos tornar compreensíveis, no pensamento, aquilo que vivenciamos diariamente na realidade, mediante os quais possamos compreender de que modo um grande número de indivíduos compõe entre si algo maior e diferente de uma coleção de indivíduos isolados: como é que eles formam uma ‘sociedade’ e como sucede a essa sociedade poder modificar-se de maneiras específicas, ter uma história que segue um curso não pretendido ou planejado por qualquer dos indivíduos que a compõem.

É notório que Amália – no transcorrer de sua trajetória e nos espaços que ocupou –, de alguma maneira, desenvolveu atividades e teceu uma significativa rede de interações. Desse modo, torna-se oportuno considerar algumas delas, principalmente com as pessoas que tiveram convivência mais próxima com a autora, sejam por afinidade política, por amizade ou por conveniência do cargo que ocupava, pois suas atividades intelectuais, institucionais e sociais contribuíram para a sua identidade, tanto pessoal quanto profissional.

Com isso, além de refletir sobre a experiência social de Amália, evidencia-se a experiência de outras mulheres e suas intersecções, principalmente no mercado de trabalho. Partindo dessa perspectiva, utilizou-se o conceito de capital social de Bourdieu (2010, p. 67):

Capital Social é o conjunto de recursos atuais e potenciais que estão associados à posse de uma rede durável de relações mais ou menos institucionalizadas de interconhecimento e inter-reconhecimento ou, em outros termos, à vinculação a um grupo cujo conjunto de agentes que não somente são dotados de propriedades comuns (passíveis de serem percebidas pelo observador, pelos outros ou por eles mesmos), mas também são unidos por ligações permanentes e úteis.

Bourdieu (2010, p. 68) enfatiza que as relações possibilitam a “[...] constituição de redes relacionais duráveis”, por possibilitarem a “[...] acumulação de um capital de caráter não econômico, porém utilizável como tal, destinado à acumulação e à reprodução social” (BOURDIEU, 2010, p. 68). Este conceito visa a explicação dos resultados sociais constituídos por diferentes indivíduos que estão dentro do pertencimento de determinado grupo social.

2.1 NATIVIDADE, A REVOLTA DO DURO E A INFLUÊNCIA DA FAMÍLIA HERMANO

Ao se ater aos seus escritos e, por meio de textos de outros autores que com ela conviveram, é possível conhecer um pouco sobre Amália José Hermano – seu nome de solteira – e sua família. Filha de Manoel José Hermano e Archângela Pereira Hermano, ela nasceu no dia 23 de setembro de 1916, em Matões, município de Natividade, na antiga região norte do estado de Goiás, que hoje corresponde ao estado de Tocantins (TEIXEIRA, 1993).

Cabe destacar que a concretização do desmembramento de Tocantins do estado de Goiás só ocorreu com a Constituição de 1988 e, somente “[...] no dia 1º de janeiro de 1989 foi instalado o Estado do Tocantins” (TOCANTINS, [2022?], p. 1). Amália viveu até a idade de 75 anos e faleceu, vítima de um derrame cerebral, em Goiânia, no dia 28 de abril de 1991, cidade em que

morou durante a maior parte de sua vida, desempenhando variadas funções (CARAUTA, 1991).

Amália, juntamente com as pessoas que compõem suas relações sociais, a começar pela sua família, têm suas interações processadas e vivenciadas dentro de um dado espaço territorial ocupado. Quando se menciona esse espaço, faz-se referência às teias de relações nas quais os sujeitos criam laços com os espaços onde vivem. A vivência relacional entre os grupos e entre as pessoas ocorre no espaço e nos territórios, de modo a não se olhar para o sujeito sem buscar entender as relações que este tem com seu *locus* existencial.

Ao refletir a respeito do antigo estado de Goiás e sua extensão territorial, Moraes (2000) salienta que a formação e transformação deste território sempre foram complexas. Segundo o autor, isso está diretamente relacionado ao fato de que tal processo está imbricado com traços da colonização europeia. Tal influência acaba afetando a organização e estrutura do espaço, manifestando nas formas de exploração e ocupação.

Nesse sentido, considerar o contexto histórico e geográfico do município de Natividade – região que, como já descrito, até 1988 era conhecida como norte do Estado de Goiás e, a partir de 1º de janeiro de 1988, tornou-se o então estado de Tocantins –, pode ser relevante para se compreender que Amália é natural de uma região com elementos e aspectos históricos específicos que interferem no seu seio familiar. Ao buscar elementos sobre sua trajetória, encontra-se que toda sua vida ocorreu no território de domínios do Cerrado, que fez parte da sua história, e que este fato pode direcionar possíveis inferências acerca da sua relação com ele.

O nome dado à sua cidade natal, Natividade, é uma referência à manifestação da religiosidade católica vivenciada devido à herança colonial portuguesa, que buscou fazer uma homenagem a Nossa Senhora da Natividade, a qual é santa padroeira do município. Assim, Natividade, graças a sua produção mineral notavelmente próspera, inicialmente um pequeno arraial no século XVIII, demarcado historicamente no Brasil como um período de grandes movimentos e momentos no que diz respeito à economia colonial pautada na mineração, veio a se consolidar como uma das comunidades mais importantes do antigo norte goiano, mesmo diante do acentuado isolamento com relação ao sul da província (MESSIAS, 2010; PALACÍN; MORAES, 1994).

Natividade é a cidade mais antiga de Tocantins e é conhecida, por isso, como “berço da cultura” (MESSIAS, 2010, p. 178). Ao se olhar a imponência urbana de Natividade⁵, cravada

⁵ O local de nascimento da professora Amália Hermano, ou seja, o município de Natividade, se encontra circunscrito na região Sudoeste do Estado do Tocantins, nas proximidades dos municípios: Almas, Arraiais, Conceição, Dianópolis, Paranã, Pindorama, Ponte Alta do Bom Jesus, e Taguatinga. Distam exatos 220 quilômetros da capital do Estado, Palmas, e está a 630 quilômetros de Brasília.

numa região predominada pelo bioma *Cerrado*, é facilmente observável que as marcas históricas, que são heranças do período colonial, remontam e remetem ao século XVIII, deixando evidente a influência da colonização portuguesa. Essa influência é bem notada e se faz presente na sua arquitetura sólida e requintada, nas comemorações religiosas, nas manifestações culturais, na culinária e no artesanato local, bem como na relação da população com o ambiente ocupado. Natividade, em seu centro histórico, abriga um acervo amplo no que tange aos aspectos arquitetônicos, urbanísticos, ambientais/paisagísticos e histórico.

Ainda, vale ressaltar que a terra onde nasceu Amália Hermano, segundo Vieira (2014, p. 65), “[...] com a exploração dos arraiais auríferos de Natividade, Trayras, São José, Pontal, Porto Real, Arraias, Cavalcante, Flores e Conceição, encontrados entre 1730 e 1740, começou o processo de ocupação populacional e desenvolvimento econômico do norte goiano”. Essa circunstância demonstra que a cidade, originalmente um arraial ou vila, teve seu desenvolvimento urbano iniciado e consolidado pelo ciclo do ouro na capitania goiana.

Por intermédio dos estudos realizados por Palacín e Moraes (1994), é reconhecível que estes trabalhos buscaram analisar os acontecimentos e situações históricas decorrentes da exploração mineral do ouro no território goiano de então. Assim, cabe lembrar que Natividade era o maior produtor de ouro no norte goiano durante o século XVIII.

Nessa perspectiva, a fim de entender melhor sobre o território de Natividade, podemos observar o Mapa 1, no qual percebe-se que, na década de 1920, período que sucede o nascimento de Amália no ano de 1916, o estado de Goiás era maior do que na atualidade. No referido mapa, Natividade apresenta-se como cidade – mantendo-se até a presente data – e o Duro – atual cidade de Dianópolis –, à direita, como vila.

De acordo com o Mapa 1, Natividade está localizada entre os graus 3 e 4 (oeste) e entre os graus 11 e 12 (sul). Em relação à distância, conforme o Mapa Rodoviário de Tocantins (2020), Natividade localiza-se a 183,47 km, em linha reta, e 233 km, em condução da capital Palmas. O trajeto pode ser feito pela 050 (rodovia estadual que é duplicada entre Palmas e Porto Nacional) e 010 (rodovia federal pavimentada).

século XIX”, e observava-se um desinteresse do país, de maneira geral, devido ao “esfriamento” do atrativo existente no período da mineração.

A realidade do norte goiano só começa a ser transformada com a criação do novo estado, Tocantins, em 1988. Antes, prevalecia a concepção de que o norte estava relegado ao descaso em comparação com o sul – isto era amparado e justificado devido à notável escassez de recursos e políticas públicas. Assim, de acordo com Cavalcante (2003), observa-se a construção de um ideário separatista.

Ainda, Vieira (2014), em consonância com Cavalcante (2003), autora pioneira em estudos sobre o discurso mudancista, afirmam que o separatismo foi evidenciado pela construção de Goiânia a partir do ano de 1933, entretanto, não é um fenômeno social que nasce propriamente no século XX, pois suas raízes remontam ao século anterior. A mudança da capital, para a autora, reforçava uma noção da necessidade das populações do norte no que se refere às diferenças sociais, buscando a aplicação da governabilidade pública. Isto renovou os debates e ainda deu novo fôlego aos movimentos que reivindicavam a separação como algo indispensável para situar o norte nos trilhos do progresso.

Sabe-se que a família de Amália era proprietária de terras. No norte, a posse e a propriedade rural representavam, segundo Vieira (2014), um dos principais bens, para não dizer o principal, denotando o poderio econômico de uma pessoa ou de um grupo familiar. Visto isso, devido a sua ida para o sul em busca de formação, infere-se que sua família tinha recursos para custear seus estudos, pois o acesso à instrução escolar e à formação institucionalizada era quase exclusiva às classes com maior poder aquisitivo. Não havia políticas públicas voltadas à ampliação de oferta e à democratização do acesso ao ensino.

Todo o processo histórico de povoamento e de formação da cidade de Natividade se manifesta, como aponta Carlos (2007), influenciando na formação e constituição dos sujeitos. Entretanto, ao longo da vida, como atesta, ainda, a geógrafa supracitada, os sujeitos vão construindo relações identitárias com outros lugares, ampliando as teias de interatividade entre o ser humano e os espaços que ocupam e vivenciam. Assim, pode-se observar que o pai de Amália, o senhor Manoel José Hermano, teve uma grande representatividade ao longo da vida. No Jornal Diário da Manhã contém um artigo sobre a Pensão Manduca e a República Tocantinaragua que afirma que “[...] em Natividade, Manduca foi conselheiro (vereador), sapateiro, proprietário de terras e gado” (DIÁRIO DA MANHÃ, 2018, p. 2).

Nessa perspectiva, é importante destacar, também, um importante fato histórico que influenciou a vida da família de Amália Hermano na região: a Chacina do Duro, também conhecida por *Chacina dos Nove* ou *Revolta do Duro*, que aconteceu entre dezembro de 1918

e janeiro de 1919, na cidade de São José do Duro, a qual atualmente pertence ao município de Dianópolis – TO. Este foi um exemplo de combate ao coronelismo pelo Estado. De acordo com o pesquisador Oliveira A. (2019), em entrevista ao Jornal Opção, a tragédia do Duro representa uma época em que a aristocracia, proprietária de terras, gado e homens armados era forte o suficiente para desencadear uma guerra – e quase vencê-la – contra o Estado. Como se nota, a família Hermano foi fugitiva direta da Revolta do Duro. A referida tragédia “[...] abalou São José do Ouro, depois São José do Duro e, mais tarde, Dianópolis [...], como foi destacado no romance *O tronco*, de Bernardo Élis” (CURADO, 2016b, p. 4, grifo nosso), e levado às telas de cinema.

Este acontecimento, que influenciou a família Hermano, está descrito no livro *Perfis: pessoas que marcaram minha vida* (1993). Na referida obra, Amália Hermano utiliza-se de uma entrevista com seu pai, Sr. Manduca, para detalhar a influência da Chacina do Duro na vida de sua família: “[...] Depois do barulho do Duro, deixando nossas propriedades, nosso gado, em dois sofridos meses nas estradas em lombo de animais, afinal, numa tarde de louca ventania, o pó vermelho e fino em redemoinhos pelos ares, chegamos a Curalinho [...]” (TEIXEIRA, 1993, p. 237).

Talvez o barulho a que se referia o Sr. Manduca fosse decorrente da violência da chacina. O referido episódio foi considerado “um dos [...] mais violentos e tristes da história do então São José do Duro” (CONEXÃO TOCANTINS, 2019, p. 1). Envolveu diretamente os membros da família Wolney e representantes do governo do estado, sendo abordado, tanto no romance histórico realista⁶ *O Tronco* de Élis (1979), como nos estudos de Aires Neto (2002), Chaul (1998), Curado (2016b), Oliveira A. (2019), Oliveira E. (2011) e Silva E. (2017).

Foi nesse contexto que, Amália Hermano, acompanhada de seus pais, se viram obrigados a fugir para o sul do estado. Manduca disse: “[...] na largada para o sul com todo meu pessoal, viajaram em cabeçote de sala ou embrulhados em panos nas bruacas, sofreram febre maligna, não sei como não morreram”; e completa: “foram dois sofridos meses nas estradas em lombos de animais” (TEIXEIRA, 1993, p. 237).

Foi assim que a família Hermano, temendo represálias, deixou a região da cidade natal em direção a Curalinho, hoje chamada de *Itaberaí* – GO. Nessa época, Amália estava com três anos. Segundo Curado (2016b), os motivos desta viagem repentina podem ser justificados pelas sangrentas disputas que levaram a óbitos de parentes próximos a Amália, o que pode ser

⁶ A Profa. Dra. em Teoria Literária e Literatura Comparada (USP), docente do Mestrado em História da PUC Goiás, Albertina Vicentini, encaixa a obra na categoria de romance histórico realista em seu artigo acadêmico “Romance Histórico, Realismo e Visibilidade No Tronco, de Bernardo Élis”.

confirmado por Teixeira (1993).

O contexto de terror contribuiu para que a família Hermano e muitas outras famílias fugissem do local, como é relatado também pela literatura. Segundo consta na obra de Élis (1979, p. 267), no momento do ataque do coronel Abílio Wolney, a maioria dos “defuntos eram vaqueiros [...], pois foram embebedados e tangidos na frente pelos jagunços, que vinham atrás os ameaçando”. E não foram só vaqueiros, jagunços e soldados mortos, “muitos [...] familiares dos moradores [foram] chacinados na antiga Vila”, conforme aponta Silva E. (2017, p. 179).

No novo local, Amália começa sua vida escolar e recebe os primeiros ensinamentos de sua tia e madrinha Maria Cazuza Hermano, conhecida na região como “Mestra Cazuza, professora municipal, e mariquinha, sua auxiliar” (TEIXEIRA, 1993, p. 237). De acordo com Amália, elas “[davam] lições numa comprida sala em nossa casa em frente à igreja de Nossa Senhora da Abadia, na principal praça” (TEIXEIRA, 1993, p. 237).

Por fim, ressaltamos que se mudaram novamente, dessa cidade para a Cidade de Goiás, antiga Vila Loba. Porém, nas fontes analisadas, não foi possível detectar qual o motivo da mudança da família.

2.2 ENTRE A SERRA DOURADA E O RIO VERMELHO: AMÁLIA NA CIDADE DE GOIÁS

A família de Amália Hermano mudou-se para a antiga capital do estado, Cidade de Goiás (Fotografia 2). No novo local de moradia da família a fonte de renda era a Pensão Manduca, de propriedade dos pais de Amália.

Fotografia 2 - Hóspedes e proprietários em frente a Pensão Manduca



Fonte: Acervo de Rosinha Hermano ([192-?]).

Legenda: 1 – Maximiano da Matta Teixeira, 2 – Deputado João D’ Abreu, 3 – Escritor José Lopes Rodrigues, 4 – Poeta José Décio Filho, 5 – Desembargador Rivadávia Licínio de Miranda, 6 – Deputado João Baptista de Abreu Cordeiro, 7 – Manoel José Hermano (Manduca), 8 – Professora Amália Hermano Teixeira (filha do casal Manduca e Archângela), 9 – Rosinha Hermano (irmã de Amália), 10 – Archângela Pereira Hermano.

Como se pode notar, o nome da pensão se referia ao apelido do pai de Amália. Era localizada na Rua 55, no Largo do Moreira, na Cidade de Goiás, antiga capital do estado. É importante destacá-la, pois a pensão teve sua inauguração no final do ano de 1920, quando Amália tinha quatro anos. Permaneceu até 1937, quando se mudam para a nova capital do estado, Goiânia (CURADO, 2016b).

A Pensão Manduca, segundo Curado (2016b, p. 4), era uma “[...] espécie de consulado da gente do norte de Goiás”. Assim, Amália pôde conhecer e conviver com alguns hóspedes, como: João Baptista de Abreu Cordeiro, advogado e deputado estadual de Goiás; e João Baptista de Abreu Cordeiro, membro da Academia Goiana de Letras e do Instituto Histórico e Geográfico de Goiás.

As mudanças de uma localidade para a outra interferiram nos estudos de Amália Hermano. De acordo com Curado (2016b, p. 4), na cidade de Goiás, ela “[...] fez o curso primário no Grupo Escolar: 1926-1928, com a dedicada mestra Emília Perillo Argenta”. O ensino secundário foi realizado no Lyceu de Goiás, o qual foi fundado em junho de 1846, na cidade de Goiás, pela Lei Estadual nº 9, e permaneceu como a única instituição de Ensino Secundário em Goiás, até 1929. Os anos dos seus estudos nessa instituição correspondem entre

os anos de 1930 e 1934.

Nesse sentido, vale ressaltar que ela se diplomou pela Escola Normal Oficial do estado de Goiás em 1935. De acordo com Curado (2016b, p. 4), “[...] assim Amália tinha o conhecimento técnico e também o didático”. Com isso, compreende-se, também, que a Cidade de Goiás permitiu que Amália conhecesse diversos intelectuais de sua época. Na obra póstuma que foi organizada pela família sob a supervisão de Jandira Hermano – sua irmã e amiga mais próxima –, Amália Hermano focaliza 53 nomes que de perto ou mesmo a distância influenciaram sua vida. Este, segundo Teixeira (1993), é composto por textos históricos.

Destacamos a seguir alguns desses casos: “[...] quando estudante, Bernardo Élis hospedou-se na Pensão Manduca, pensão do pai de Amália”. Anos depois, Rosinha Hermano, irmã de Amália, em depoimento sobre ele, disse: “O Bernardo Élis, morou aqui em casa, era uma graça. [Ele] escreveu um livro onde faz dedicatória a papai e a mamãe” (MARTINS, 2018, p. 84). O livro a que se refere Rosinha Hermano é *O Tronco*, romance que retrata os conflitos resultantes da luta pelo poder ocorrida na atual Natividade. Bernardo Élis, inclusive, “[...] foi um dos organizadores do Congresso dos intelectuais, quando ajudou Amália Hermano Teixeira e Jorge Amado no convite aos palestrantes, no ano de 1950” (MARTINS, 2018, p. 84).

Outro nome importante que se encontra no livro é o do professor Alcide Celso Ramos Jubé, natural da Cidade de Goiás. Na referida obra biográfica de Amália, *Dama das Flores*, relata que eram muitos os estudantes que “[...] antes mesmo de chegarem ao 4º ano primário, sonhavam com as aulas do professor Alcide” (TEIXEIRA, 1993, p. 7). Os jovens estudantes “[...] queriam se preparar para os exames de admissão ao ‘Lyceu de Goya’ [...] e uma vez ouvidas as lições do professor Alcide Jubé era aquele encantamento, que acompanhava os jovens pelos anos do curso ginasial, onde ele lecionava Geografia de Goiás e do Brasil [...]”.

Para Amália, eram bons tempos aqueles em que teve contato com o professor. Ainda, completa dizendo que “[...] a austeridade, o rigor, o exemplo dignificante do mestre, instruindo e, ao mesmo tempo, moldando caracteres, [formou] personalidades fortes” (TEIXEIRA, 1993, p. 7). Amália pontua que o professor Alcide Celso Ramos Jubé possuía títulos honrosos, dos quais o primeiro é o de professor, o de membro e sócio de vários institutos, além da autoria de cinco obras (TEIXEIRA, 1993, p. 8).

Outro importante nome presente no livro *Perfis: pessoas que marcaram minha vida*, de Amália, é o de seu “[...] mestre de francês no tradicional Lyceu de Goyaz”, que, nas palavras dela, foi um “[...] educador ilustrado e seguro, poliglota, poeta, jornalista, o professor Alfredo de Faria Castro. Ela ainda ressalta que foi ele quem “[...] sugeriu o nome Goiânia para a nova capital [do] Estado” (TEIXEIRA, 1993, p. 21). Em relação ao estudo de línguas, o professor

Alfredo de Faria Castro, nascido no Triângulo Mineiro, “[...] aos doze anos falava árabe, aprendido com os mascates”, inglês e o alemão que lecionava na referida escola.

Merece destaque, também, Venerando de Freitas Borges, que foi professor de Amália no Lyceu de Goyaz. Na época, até então, um jovem professor que lecionou desenho de 1928 a 1935, quando foi nomeado prefeito de Goiânia, sendo assim o primeiro prefeito da então nova capital goiana (TEIXEIRA, 1993).

Ana Lins dos Guimarães Peixoto Brêtas, mais conhecida como Cora Coralina – Cora, nome adotado aos 50 anos, nasceu em 1889, na Cidade de Goiás. Amália a conheceu no “Anuário Histórico e Geográfico de Goiás, publicado em 1910”, do professor Francisco Ferreira dos Santos Azevedo. Amália leu “[...] na parte literária” que a então “Cora Coralina, uma jovem de menos de 20 anos, [estava] entre os intelectuais da terra goiana” (TEIXEIRA, 1993, p. 43). Entretanto, as duas intelectuais se conheceram pessoalmente em Goiânia somente no ano de 1956, “[...] quando Cora Coralina, deixando São Paulo, busca sua terra natal”. Esse encontro Amália chama de memorável (TEIXEIRA, 1993).

Sobre Ana Lins dos Guimarães Peixoto Brêtas, Amália conta que parou de fazer doces e tornou-se Cora Coralina para fazer poemas (TEIXEIRA, 1993). Afirma que eram frequentes os encontros com Cora Coralina e, em um desses, ela contou-lhe sobre dois dos antigos proprietários da “velha casa da ponte” e em outro contou-lhe sobre a escolha do pseudônimo: “Em Goiás havia muitas Anas [...]. Não queria que nenhuma Ana mais bonita levasse as glórias da minha poesia. Cora vem do coração. Coralina é um coração vermelho. Minha intenção não era ter xará” (TEIXEIRA, 1993, p. 44).

Amália vai finalizando o seu texto dizendo que Cora Coralina é um “[...] espírito jovem, [...] prosadora e poetisa goiana tão querida” e finaliza agradecendo pelas “[...] sementes que recebera de presente dela” (TEIXEIRA, 1993, p. 47). De acordo com Martins (2018, p. 89), nessa época, Amália já possuía vínculo com a Universidade Federal de Goiás (UFG). Então, conseguiu “junto ao Departamento de Publicações [...] apoio financeiro para que Cora [Coralina] publicasse um livro”. A autora completa que a relação entre Amália e Cora Coralina deram “[...] bons frutos, pois desde então Cora Coralina, apoiada em suas próprias qualidades e a outros auxílios, tornou-se reconhecida nacionalmente”.

Na antiga capital, Cidade de Goiás, Amália conheceu também a doutora em música Belkiss Spenciere Carneiro de Mendonça⁷. Segundo Amália, Belkiss “[...] nasceu com duas

⁷ Belkiss Spenciere Carneiro de Mendonça foi Professora Titular de piano do Instituto de Artes da UFG e diretora, concertista, jurada em vários concursos e cofundadora do Conservatório Goiano de Música (TEIXEIRA, 1993, p. 78).

boas estrelas[:] [...] sua avó, Maria Angélica da Costa Brandão, a Nhanhá do Couto, brilhante pianista da antiga capital [...] e seu marido, o médico Simão Carneiro de Mendonça” (TEIXEIRA, 1993, p. 75).

A Cidade de Goiás foi um celeiro de boas relações para Amália. Entre estas, estava, também, Claro Augusto de Godoy, que marcou sua vida. Amália o descreve como sendo “[...] figura exponencial na política, no magistério superior, na advocacia, no jornalismo, nos estudos históricos e genealógicos”. Explicou que “[...] o doutor Claro impressiona pela inteligência, cultura, fina educação, simpatia, modéstia e capacidade de servir” (TEIXEIRA, 1993, p. 94). Não podendo sair para cursar direito em outra cidade, ele foi um dos responsáveis pela “[...] campanha séria pela criação de uma faculdade de direito, [empreitada que obteve êxito] em 1º de julho de 1916 [com a instalação] na então capital a Faculdade de Livre de Ciências Jurídicas e Sociais” (TEIXEIRA, 1993, p. 95).

Além dos destacados personagens acima, foram muitas outras pessoas cultas que Amália conheceu na Cidade de Goiás, as quais influenciaram sua vida (TEIXEIRA, 1993). Percebe-se, a partir das descrições supramencionadas, que o meio no qual vivia Amália era de um contexto social importante na Cidade de Goiás. Uma cidade singular, de passado glorioso, de grande valor histórico, cultural e de tradições importantes para o lugar e, inclusive, para a compreensão da própria história de Goiás.

Amália estava, por um lado, rodeada de pessoas (parentes, amigos, políticos, artistas, folcloristas, escritores etc.) que constituíam seu contexto institucional (ligados à sua atuação profissional), social e/ou cultural (relações de convívio) de alto nível intelectual. Essa rede de contatos, nas palavras de Martins (2018), estruturou relações sociais convenientes e importantes, que, de forma direta ou indireta, proporcionou a Amália estímulo para sua ascendente e brilhante trajetória. Por outro lado, ela vivia num lugar onde a cultura fervilhava como as festas e procissões dos quais podemos chamar de patrimônio em movimento (TAMASO, 2011). Desse modo, marcou sua participação, também, em “eventos sociais, políticos, [...] acadêmicos [e culturais]” (MARTINS, 2018, p. 84-85).

Os pais da escritora, “[...] apostaram na educação [da filha] como condição de mudança de status social” (MARTINS, 2018, p. 100). Nesse sentido, é importante destacar uma entrevista concedida por Rosinha Hermano, irmã caçula de Amália, à Martins (2018). Nesta, Rosinha diz que “[...] todos os filhos do Sr. Manoel José Hermano e Archângela Pereira Hermano estudaram no Lyceu [de Goyaz]”. Afirma, então, que o casal “sempre deu muita importância aos estudos [dos filhos]” (MARTINS, 2018, p. 102).

Sobre os tempos de escola, como supramencionado, Curado (2016b) relata que Amália

cursou o ensino primário no Grupo Escolar, entre os anos de 1926 e 1928, e, mais tarde, o secundário no Lyceu de Goyaz entre 1930 e 1934, e no ano seguinte, em 1935, pela Escola Normal de Goyaz, tornou-se Normalista. Por conta da obra *Reencontro*, publicada em 1981 por Amália, discorreremos com mais afinco sobre o Lyceu de Goyaz. Segundo nos conta a própria autora,

A turma de 1934, do Lyceu de Goyaz, [era] constituída por 36 bacharéis, destes, seis mulheres, [...]. Depois de cinco anos de acurados estudos, iniciados em 1930, no dia 30 de dezembro de 1934, [os] jovens chegaram ao fim da jornada secundária, orientados por competentes mestres, preocupados não só em transmitir conhecimentos, sobretudo com perfeita formação moral de seus discípulos (TEIXEIRA, 1981, p. 7).

Saudosa do tempo do Lyceu de Goyaz, Amália relata e lamenta o falecimento de cinco dos colegas. Ela conta, numa espécie de introdução da obra, a qual chama de uma *conversa desprentensiva para mergulhar no passado*, como foi o dia mais esperado daquela turma:

A missa foi celebrada pela manhã, na Igreja da Boa Morte. À noite, a solene colação de grau no salão nobre do Lyceu, presidida pelo diretor, professor Alcíde Celso Ramos Jubé, presente a congregação', o paraninfo, Professor Joaquim Rufino Ramos Jubé Júnior, pronunciou belo discurso e o orador da turma, Octávio Monteiro Artiaga, interpretou, brilhantemente, o pensamento dos colegas. O quadro, executado por Alencastro Veiga, exposto no salão, mostrava, numa excelente criação artística, as fotografias dos bacharéis, do Diretor, dos mestres homenageados, do Inspetor Federal, encimadas pelas do paraninfo e do Archie, (homenagem póstuma). Registro aqui a finura, o cavalheirismo de Alencastro Veiga, em colocando no quadro, primeiro as bacharelas, seguidas pelos bacharéis (TEIXEIRA, 1981, p. 7).

Depois da formação, muitos deixam Goiás em busca de continuar seus estudos no ensino superior e seguem enfrentando a dura luta pela vida. Entretanto, conforme pontua a professora, “[...] os elos não se rompem, a amizade perdura” (TEIXEIRA, 1981, p. 8). Amália revive o passado e tece no texto da obra homenagens aos antigos companheiros dos bancos escolares, professores, além do inspetor e paraninfo, e finaliza apresentando traços históricos do Lyceu de Goyaz.

Segundo ela, existia um sentimento de grande alegria que empolgava “[...] os corações dos condiscípulos” e “[...] a alma dos remanescentes professores que tiveram o privilégio de transmitir-lhes suas lições [...]” (TEIXEIRA, 1981, p. 25). Lições essas ensinadas “[...] nas curvas dos caminhos e nas encruzilhadas da vida por imposição das atividades a que cada qual se dedicou” (TEIXEIRA, 1981, p. 25). Nesse sentido, Amália discorre sobre o valor do ensino e do trabalho sério dos professores daquela época:

Os dias que correm são assinalados pelo menosprezo a quase tudo, inclusive às mais caras tradições e costumes de cada povo. Entre nós, esse desamor atinge até a nossa cultura básica e humanística, sem respeitar sequer a própria língua que prendemos desde o berço e que constitui patrimônio sem preço, que nos herdaram nossos maiores e nos impede transmitir íntegro aos nossos pósteros. Falando da nossa língua, não tem medidas a emoção que nos toma e comove profundamente a lembrança daqueles áureos tempos em que os "Luziadas", o inimitável poema épico em que Luiz de

Camões cantou, em versos imortais, a viagem de Vasco da Gama à Índia, epopéia da gloriosa história de Portugal, era livro familiar aos estudantes que frequentavam o venerável casarão da Rua Dr. Corumbá, a partir da segunda série (TEIXEIRA, 1981, p. 26).

Amália ainda exalta o ensino e aprendizagem de quando era estudante no Lyceu de Goyaz e mostra preocupação com o ensino nos dias em que já atuava como professora:

Naqueles saudosos tempos, integravam o curriculum escolar, o latim, língua materna da nossa e cujo conhecimento é indispensável para o estudo desta. Constituíam livros de textos para efeito de traduções, as Fábulas de Phedro e as Catilinárias de Cícero, na primeira série, e o *De Bello Gallico* de Júlio Cezar, na segunda, e as Eneidas de Vergílio na terceira. Infelizmente falar-se hoje de Camões, Cícero e Virgílio é como se estivéssemos nos expressando em grego ou enunciando heresias. Nada disso tem atualmente o menor valor, mesmo porque o latim foi expulso do currículo escolar e o ensino da língua portuguesa se faz por métodos e moldes inteiramente diversos, senão opostos. Dele se excluíram os elementos etimológicos e até, porque não o dizer, os mais comezinhos e essenciais estudos gramaticais (TEIXEIRA, 1981, p. 27).

Assim, Amália reverencia o Lyceu de Goyaz e chama de “[...] ilustres e preclaros docentes” (TEIXEIRA, 1981, p. 27) os seus mestres de outrora. Dos muitos mestres homenageados na obra *Reencontro*, citamos alguns como, por exemplo, o professor de português, Constâncio Gomes de Oliveira, o professor de Latim, Desor Vicente Miguel da Silva Abreu, e o professor de francês, Henrique Alfredo Péclat.

Além dos mencionados não posso omitir os nomes daqueles que foram meus mestres e, posteriormente, muitos deles, **meus colegas de cátedra**. Nessas citas ocupam lugar de primeira plana os seguintes: o professor Francisco Ferreira dos Santos Azevedo, que dedicou toda sua vida ao ensino. Professor de matemática (TEIXEIRA, 1981, p. 27, grifo nosso).

Com isso, compreendemos como o Lyceu de Goyaz e os professores foram importantes para a autora pesquisada. Ela também recorda os fiscais de ensino, o chefe de disciplina e outros nomes que foram marcantes no ambiente escolar. Sobre isso, ao observar as duas obras de Amália – *Perfis* (1993) e *Reencontro* (1981) – pode-se notar, a partir dos perfis dos colegas e na própria trajetória de vida profissional dela, o diferencial que um ensino sério, comprometido com o sujeito e com seu meio pode fazer na vida dos estudantes. Como destacado acima, ela teve o privilégio – pois tem um olhar apaixonado, de respeito e admiração pelos seus antigos mestres – de estar nessa tão nobre profissão, tendo muitos de seus professores como “colegas de cátedra”.

Fotografia 3 - Os quartanistas do Lyceu de Goyaz que se diplomaram em 1934



Fonte: Teixeira (1981)⁸.

Por esse viés, é importante destacar o livro *Reencontro* (1981), o qual é fruto da comemoração do aniversário de 46 anos de formatura “[...] de uma das mais numerosas turmas do tradicional Lyceu de Goyaz – a de 1934⁹” (TEIXEIRA, 1981, p. 122, grifo nosso). Dos 36 concluintes, cinco eram mulheres (Fotografia 3). Conforme destaca Amália, “[...] a turma é bastante representativa, constituída de quinze advogados, três magistrados, três médicos, três professores, dois militares, um engenheiro, um farmacêutico, um publicitário, um bancário, e dois altos funcionários públicos” (TEIXEIRA, 1981, p. 123).

Amália completa, num capítulo específico que aborda aspectos históricos do Lyceu de Goyaz, que por essa instituição de ensino “[...] passaram quase todos os goianos ilustres, de um século para cá: professores, escritores, médicos, cientistas, políticos, administradores, poetas, artistas, magistrados, advogados” (TEIXEIRA, 1981, p. 131). Esses perfis dos antigos estudantes reforçam o quão foi significativa a qualidade do ensino do Lyceu de Goyaz e a

⁸ Nota: [...] à frente o professor Venerando de Freitas Borges, são vistos na primeira fila: Amália José Hermano, Nazareno Paranhos, Dorival de Moraes, João Batista de Souza (falecido); na segunda fila: Joaquim Cid de Moraes, Celso Fleury Curado, Petrônio Rios Fonseca, João Ala Filho (falecido), Nacim Elias Tomé (falecido), Tancredo Félix de Souza; 3a fila: Levy Paranhos, Wilson Natal e Silva, José de Moraes, Sebastião Pinto Vieira, Túlio de Paula Azeredo Bastos (falecido), Djanir Caldas; 4a fila: Sebastião Dante Camargo, Domingos Leite Santana, Luiz Gonzaga de Amorim (falecido). Ao alto: Leonel da Rocha Lima. Aparecem ainda, na foto, Ubiratan de Alencastro, Artur Macedo, Clodoveu Alves de Castro, Roberto Esselin e Adventor Martins.

⁹ Cabe destacar que a ideia do reencontro e comemoração partiu de Leonel da Rocha Lima (então Coronel-Engenheiro Químico [reserva], Assessor Técnico da Companhia Nacional de Álcalis, Rio de Janeiro).

importância dessa instituição para a trajetória de Amália.

Em 1936, a escritora realizou o Curso de Extensão Normal Rural na Universidade Rural Brasileira, no Rio de Janeiro. Em relação a esse fato, Curado (2016b, p. 4-5) aponta que:

Em 1936 foi escolhida por seus mestres para ir ao Rio de Janeiro, onde, se submetendo a rigoroso teste, frequentou o Curso de Extensão Rural, em grau universitário, promovido pela Sociedade dos Amigos de Alberto Torres (SAAT). Recebendo lições dos mais eminentes mestres adeptos da filosofia torreana, voltou para Goiás, encetando campanha pela implantação dos Clubes Agrícolas nas escolas, visando despertar nas crianças e jovens o amor à terra e à natureza; o que iniciou em Trindade, com o apoio de Nila Chaves Roriz de Almeida como “Clube Agrícola Constantino Xavier”, do Grupo Escolar João Pessoa.

Ainda, no que se refere à família de Amália, paralelamente ao funcionamento da Pensão Manduca e da República Tocantinaragua, seus pais empreenderam, também, uma confeitaria até 1937, quando a família mudou para Goiânia. Nesse mesmo ano, em 1º de fevereiro, a professora casou-se com o advogado Maximiano da Matta Teixeira¹⁰, com isso, após o matrimônio, recebeu do marido o sobrenome Teixeira e mudou-se para Goiânia (BORGES R., 2011).

De acordo com a pesquisa de Curado (2016a), não houve filhos a partir dessa união. As obras biográficas de Amália, como *Perfis* e *Dois anos sem Maximiano*, e as demais literaturas e documentos investigados nada revelam sobre esse fato. Portanto, não se sabe se foi uma decisão pessoal dela¹¹, um comum acordo entre o casal, se foi motivado por conta do momento social/profissional que viviam, ocasionando no adiamento da maternidade ou, ainda, por alguma questão relacionada a problemas de saúde.

No referido ano, outros importantes episódios ocorreram na vida de Amália, a saber: trabalhou com Joaquim Câmara Filho, que era diretor do Departamento Estadual de Propaganda e Expansão Econômica (DEPEE); instalou, com o Agrônomo Manoel Alves de Almeida, a Escola Profissional de Rio Verde; se envolveu no projeto de Ensino Rural em Goiás, sendo, portanto, pioneira; chefiou o Serviço de Clubes Agrícolas Escolares; dentre tantos outros que foram delineados neste estudo. Esses diversos episódios, segundo Curado (2016b, p. 9), acentuam que Amália era uma pessoa de “[...] múltiplas atividades culturais”, incansável.

Amália conta na obra *Perfis* que Maximiano nasceu em Natividade, localizada no antigo

¹⁰ Serão apresentadas maiores considerações sobre Maximiano da Matta Teixeira ao longo do presente capítulo, visto que ele desempenha importante papel em variadas atividades vivenciadas por Amália, como por exemplo, ao acompanhá-la em suas expedições em buscas de orquídeas e outras plantas pelo Cerrado. Conterrâneo de sua esposa, tendo nascido dez anos antes dela no ano de 1910, Maximiano teve uma longa carreira na Magistratura do Estado de Goiás.

¹¹ Há um movimento chamado ‘NoMo’, ou ‘Geração NoMo’ (mulheres que não querem ser mães). Em 1978 Amália concede uma entrevista à Manchete que tinha por título “Uma orquídea para uma feminista ecológica”. Não conseguimos acesso a esse material. Talvez tenha alguma relação.

norte de Goiás, atual Tocantins, e era chamado de “[...] Maci ou Macinho” e que ele “aprendeu a ler, escrever e contar [...] na escola primária do [...] médico Manoel Avelino Santana, mais tarde com mestre Belmiro, depois da aula do professor Zacarias Nunes da Silveira” (TEIXEIRA, 1993, p. 259). Amália acrescenta que ele “[...] cresceu tomando banho no córrego Praia [...]”; “[...] andou matos e colheu [os frutos da terra]”; “[...] participou dos [festejos locais], folias, bailes [...]”; “aprendeu cedo a amar as plantas, as flores, os bichos”; “conviveu com artífices [...] e aprendizes”; e “admirou músicos” (TEIXEIRA, 1993, p. 256-260).

Maximiano, antes de se casar com Amália, foi hóspede na Pensão Manduca (TEIXEIRA, 1993). De acordo com Curado (2016b, p. 5), ele “diplomou-se em Direito pela Faculdade de Direito de Goiás, em 1944”. Entretanto, Teixeira (1993, p. 261) descreve que seu esposo “bacharelou-se em Ciências Jurídicas e Sociais na Faculdade de Direito [...] no ano de 1936”.

Sobre a trajetória profissional do esposo, Amália a descreve sendo uma “carreira vitoriosa [...] como jornalista, funcionário público, advogado, magistrado, escritor” (TEIXEIRA, 1993, p. 261). Ele foi “[...] eleito conselheiro da OAB para o biênio 1943-1945 ocupando o cargo de vice-presidência” e “no biênio seguinte [foi eleito] como presidente” (TEIXEIRA, 1993, p. 262). Ainda, destacamos que Maximiano foi “[...] nomeado desembargador do Tribunal de Apelação a 10 de março de 1946”, e “lecionou na Faculdade de Direito de Goiás as cadeiras de introdução à Ciência de Direito e Economia política” (TEIXEIRA, 1993, p. 262).

De acordo com Teixeira (1993, p. 262), Maximiano, após “30 anos de serviços públicos, a 08 de junho de 1961, com apenas 51 anos de idade, aposenta-se voluntariamente, como membro do Tribunal de Justiça de Goiás [...]” e, depois, entrega-se, dentre outras coisas, à cultivar orquídeas com sua esposa. Por isso, “[...] torna-se membro da Sociedade Botânica do Brasil”, passando a comparecer nos congressos científicos juntamente com Amália. Ele faleceu, conforme citado por ela, “mansamente na tarde de 06 de agosto” e foi sepultado na capital Goiânia, no ano de 1984.

Após a morte do esposo, Amália escreveu o livro *Dois Anos sem Maximiano* (1986), em que reúne fotografias e cartas. Para Martins (2018, p. 107), “[...] a história intelectual de Amália Hermano Teixeira não pode ser desagarrada da história de Maximiano da Matta Teixeira”, pois “[...] na biografia de Maximiano existe indícios para a construção da biografia de Amália”.

Semelhante ao companheiro com quem foi casada por quase cinco décadas, Amália também foi egressa do curso de Ciências Jurídicas e Sociais, pela mesma instituição na qual Maximiano havia se formado bacharel em Direito, ou seja, na Faculdade de Direito de Goiás.

Por intermédio de sua formação jurídica advocatícia, a professora/advogada e intelectual, pôde ter visibilidade social em muitas dimensões e espaços, nos quais desenvolveu ou participou de algum tipo de atividade. Com o passar dos anos, com uma base educacional sólida, iniciada na Cidade de Goiás e prosseguida em outras localidades, Amália é reconhecida como intelectual (MARTINS, 2018).

Mulher de várias faces, como já ressaltado por Pereira e Oliveira (2017), Amália atuou em diversas frentes no meio em que viveu, ao longo do processo histórico, sendo pioneira em vários sentidos. Portanto, vez ou outra sua trajetória se entrelaça com a história da antiga região norte, com a Cidade de Goiás e, principalmente, com a nova capital do Estado de Goiás, Goiânia.

2.3 AMÁLIA HERMANO TEIXEIRA E SUA ATUAÇÃO EM GOIÂNIA, A NOVA CAPITAL DO ESTADO

Como descrito anteriormente, Amália percorreu um longo caminho desde Natividade até Curralinho (GO), hoje Itaberaí (GO), de onde, posteriormente, seguiram para a Cidade de Goiás. Anos mais tarde, muda-se para a nova capital, Goiânia. Sobre essa nova capital discorreremos a partir deste ponto, para entendermos o contexto de atuação de Amália.

Goiânia, a qual Chaul (2009, p. 100) denomina de “[...] um pedaço de modernidade cravado no sertão de Goiás”, representou um espaço significativo na vida de Amália. Através de sua vida e obra é possível compreender aspectos da nova capital de Goiás, considerando que a influência que o indivíduo exerce no processo histórico é algo relevante para a compreensão do período que este vivenciou e suas representações para a história, que podem revelar a conjuntura social e política vigente em um dado espaço e no contexto espacial/histórico, como bem salienta Carlos (2007).

As cidades propiciam relações e interações simbólicas e complexas entre os sujeitos e os espaços. Desse modo, sobre a construção de Goiânia, criada com o objetivo de propiciar o progresso e a modernidade, e sua consolidação, Chaul (2009, p. 100) chama a atenção para o fato de que sua edificação como perímetro urbano, na qual foi erigida:

Capim em meio ao concreto, crescendo desordenadamente por entre bairros e vilas, luz neon em contraste com o entardecer do interior de Goiás, [...] se mistura com a própria história dos anos 30 da História de Goiás. Resultado de ideias antigas, percorridas pelas vozes dos séculos XVIII e XIX, Goiânia foi surgindo no compasso dos anos 30, na necessidade de projeção política de Pedro Ludovico Teixeira, por entre os embates políticos contrários à mudança da capital, conduzindo seus passos por entre a carência de verbas e a necessidade de investimentos.

Nota-se, no trecho acima, que ao mencionar “[...] capim em meio ao concreto” é nítido

que o autor está se referindo de forma literal ao contexto. Com isso, completa dizendo que:

[...] este símbolo maior da Marcha para Oeste, possibilitou o avanço capitalista para o interior do país, consolidando os planos político-econômicos de Vargas e Pedro Ludovico, legando-nos uma herança de agrário e urbano que permeia todo o processo sociocultural da capital e fundamentou a criação de símbolos capazes de traduzir sua heterogeneidade, capazes de construir, juntamente com a nova capital, a representação de sua face mais dinâmica, de sua existência mais justificada: a modernidade, tão discutida nos embates acadêmicos, mas que só viria de fato nos ventos do Cerrado por sobre a capital federal, Brasília (CHAUL, 2009, p. 100).

Para a consolidação da nova capital do estado de Goiás, Pedro Ludovico lançou a pedra fundamental pelo Decreto nº 3.929, de 21 de outubro de 1933, data escolhida para homenagear os três anos do início da Revolução de 1930. A partir daí, após quase uma década do marco inicial, para se consolidar a nova capital no imaginário social, foi pensado um evento que lançasse Goiânia no cenário nacional, o Batismo Cultural da nova capital, em 1942.

Portanto, o Batismo Cultural da nova capital do estado de Goiás, de acordo com a denominação do evento, foi um conjunto de solenidades que marcou a inauguração oficial de Goiânia, em 1942 (Fotografia 4). A programação cultural se estendeu de 1º a 11 de julho no Cine-Teatro Goiânia, atual Teatro de Goiânia. O acontecimento marcou a inauguração da cidade sob o signo da cultura e da ciência, realizando um conjunto de solenidades como a Exposição Goiânia, o VIII Congresso Brasileiro de Educação, a Assembleia Geral do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) e a primeira transmissão radiofônica da cidade, por meio da Rádio Clube de Goiânia, assim como o lançamento do primeiro número da Revista Oeste.

Fotografia 4 - Amália no Baile do Batismo Cultural em 1942 no Palácio das Esmeraldas



Fonte: Acervo particular de Bento Alves Araújo Jayme Fleury Curado (1942)¹².

Segundo Alego (2021), a sessão solene de inauguração reuniu governadores, intelectuais e ministros para discursos e para a entrega da chave da cidade ao primeiro prefeito, Venerando de Freitas. Nessa época, a cidade tinha a cerca de 10 mil habitantes e mais de 600 estrangeiros também vieram prestigiar o Batismo Cultural.

Foi neste contexto que Amália chega à Goiânia, mais precisamente no ano de 1937. Após casar-se com o então advogado Maximiano da Matta Teixeira, o casal transfere sua residência para a nova capital, pois seu esposo foi nomeado pelo governador Pedro Ludovico Teixeira para assumir o cargo de Secretário do Governo. Vale ressaltar o fato de que a relação de Pedro Ludovico com a família de Maximiano é anterior à construção da nova capital. Esta começou através de laços políticos com o seu pai, que era influente na cidade de Natividade e um forte aliado no contexto da Revolução de 1930.

Na entrevista concedida a Bernardes (2009), Amália expõe a sua visão sobre Goiânia, sobretudo, referente à ausência de atividades de lazer em Goiânia. Nesse sentido, ela pontua a função exercida pelos costumeiros churrascos e a capacidade de estabelecer aproximações entre as pessoas. Amália durante a entrevista, enfatiza, ainda, a sua atividade de lazer: “Ali onde é o

¹² Nota: Ao centro dona Gercina Borges Teixeira, primeira dama do Estado e as jovens e senhoras de então, destacando-se na linha de frente Rosarita Fleury, Julieta Caiado Fleury, Amália Hermano Teixeira (da direita para a esquerda ela é a terceira, de vestido escuro), Ninha de Moraes Lobo, Maria Lucy Alencastro Veiga e muitas outras.

Country Clube, no córrego Santo Antônio, a gente também fazia churrasco. Ali era uma confraternização, quando o Getúlio Vargas veio aqui nós fizemos um churrasco” (BERNARDES, 2009, p. 46). Este fato evidencia que ela era uma mulher da elite, inscrita no restrito círculo dos convidados a ter uma reunião mais íntima com o presidente. Visto isso, é interessante destacarmos que, dentre os cargos ocupados por Amália, ela:

[...] trabalhou de 1936 a 1937, com o saudoso Joaquim Câmara Filho; então diretor do Departamento Estadual de Propaganda e Expansão Econômica (DEPEE). Com o Agrônomo Manoel Alves de Almeida, instalou a Escola Profissional de Rio Verde, sudoeste de Goiás. Pioneira do Ensino Rural em nosso estado; chefiou o Serviço de clubes Agrícolas Escolares; em tais atividades pondo em prática conhecimentos hauridos em 1936 no curso feito na Universidade Rural Brasileira (CURADO, 2016b, p. 5).

Embora não tenha tido atuação no campo do direito, Amália foi pioneira no curso de Bacharelado em Direito, no estado de Goiás, onde se formou, em 1945. Ainda, lembramos que ela havia casado em 1937, com Maximiano, também bacharel em Direito, no Curso de Ciências Jurídicas e Sociais pela faculdade de Direito de Goiás, primeira instituição de ensino superior no estado, localizada na antiga capital Goiás. Seu esposo atuou como advogado e presidiu o Tribunal de Justiça do Estado. Amália cursou o mesmo curso na mesma instituição de ensino.

É válido lembrar a atuação dela, na década de 1960, como professora dos cursos de História e Geografia no magistério superior, já na nova capital Goiânia, como é atestado a seguir:

Amália Hermano Teixeira concluiu o curso de Ciências Jurídicas e Sociais pela Faculdade de Direito de Goiás. Dirigiu a Imprensa Oficial do Estado, foi diretora da Revista de Educação, do estado de Goiás, chefe do Serviço de Clubes Agrícolas Escolares do Estado, integrante da Sociedade Botânica do Brasil e presidente da Sociedade Goiana de Orquidofila. Foi ainda professora catedrática de Geografia da Escola Normal Oficial e professora de História na Universidade Federal de Goiás, entre os anos de 1962 e 1964 (ARAÚJO; RODRIGUES; CATÃO, 2017, p. 45).

Na Fotografia 5, temos José Mauro de Vasconcelos¹³ (a segunda pessoa da esquerda para a direita, camisa branca de botão) no Bazar Oió¹⁴, em Goiânia, em 1966. Ele, o autor do inesquecível livro *O meu pé de laranja lima*, grande sucesso editorial no Brasil, estava sempre em Goiânia em eventos culturais. Na foto, também estão seus amigos: Amália Hermano Teixeira (a segunda da direita para a esquerda), Bariani Ortêncio (que está de gravata logo atrás de Amália), Cora Coralina (de olhos fechados), José Ângelo Rizzo (ao fundo, perto da estante de livros) e Leolídio Caiado (próximo à estante de livros).

¹³ Ele nasceu em Bangu, no Rio de Janeiro, em 1920, e faleceu em São Paulo, em 1984, aos 64 anos de idade. Foi um grande escritor, ator, sertanista, apaixonado pelo rio Araguaia e pelos carajás.

¹⁴ A história do Bazar Oió está fortemente ligada à cidade de Goiânia, pois quando a livraria foi inaugurada, a capital de Goiás tinha apenas dezoito anos. A livraria possibilitava a divulgação cultural da região, uma vez que os frequentadores encontravam ali uma série de eventos culturais, como lançamentos de livros, exposições e debates.

Fotografia 5 - Bazar Oi6 Pra9a Anhanguera – Lan9amento de livro do escritor Jos9 Mauro Vasconcelos (sem data)



Fonte: Acervo de Bento Alves Ara6jo Jayme Fleury Curado (1966)¹⁵.

Para Am6lia, essa participa9o e representatividade na vida p6blica da nova capital do estado, enquanto mulher de destaque por via de sua atua9o, p6de contribuir para que ela fosse vista como altamente relacionada com as novas configura9o3es sociais de Goi6nia, construto urbano que a modernidade viabilizou ter. Assim, devido a sua contribui9o referente 6 hist6ria local, com foco em Goi6nia e em Natividade (TO), algumas institui9o3es homenagearam Am6lia, conforme o Quadro 2.

Quadro 2 - Institui9o3es receptoras do nome de Am6lia Hermano Teixeira

(continua)

Institui9o3o	Endere9o
Espa9o Cultural Am6lia Hermano Teixeira	Rua 1, esq. c/a Av. Goi6s, Setor Central, Goi6nia-GO.
Col6gio Estadual Am6lia Hermano Teixeira	Av. M6rcio da Silva, s/n - Jardim Balne6rio Meia Ponte, Goi6nia-GO, CEP: 74590-400.
Jardim Bot6nico Am6lia Hermano Teixeira	Alameda Jardim Bot6nico, s/n Setor Pedro Ludovico, Goi6nia-GO, CEP: 74820-005.

Quadro 2 - Institui9o3es receptoras do nome de Am6lia Hermano Teixeira

¹⁵ Nota: Entramos em contato com Bento Alves Ara6jo Jayme Fleury Curado, bem como a Uni6o Brasileira de Escritores em Goi6s e com a Editora Kelps de Goi6nia para tentar identificar a primeira senhora da esquerda para direita e o jovem rapaz, primeiro da direita para esquerda, mas sem sucesso.

(conclusão)

Instituição	Endereço
Ruas	- Rua Amália Hermano - Chácaras Maria Dilce Goiânia-GO, CEP: 74594-122. - Rua Amália Hermano, Aragoiânia-GO, CEP: 75360-000. - Rua Amália Hermano, Residencial Barravento, Goiânia-GO, CEP: 74594122. - Condomínio Edifício Amália Hermano - Rua 24, 67 - Setor Central, Goiânia-GO.
Casa de Cultura Amália Hermano Teixeira	Av. dos Cruzeiros - Natividade, TO, 77370-000

Fonte: elaborado pela autora (2022).

Segundo Martins (2018), todo esse reconhecimento – em forma de instituições que receberam seu nome – se deu porque Amália atuou em muitas áreas. Por isso, a seguir há uma breve descrição das referidas instituições do Quadro 2.

O Espaço Cultural Amália Hermano Teixeira (Figura 1) foi inaugurado em 2017. Esse espaço nasce a partir da Caixa de Assistência dos Advogados de Goiás (Casag) que é uma instituição ligada à OAB-Goiás. No site da Casag, encontramos que:

O Espaço Cultural Amália Hermano Teixeira é um amplo e charmoso local de eventos localizado no 2º andar do edifício *Meu Escritório*, disponível para locação a toda a comunidade goianiense e, com preços especiais, aos advogados e advogadas do estado. O ambiente é refrigerado e tem capacidade para público entre 200 pessoas (sentadas) e 300 (em pé) (CASAG, [2022?], p. 1).

Figura 1 - Espaço Cultural Amália Hermano Teixeira



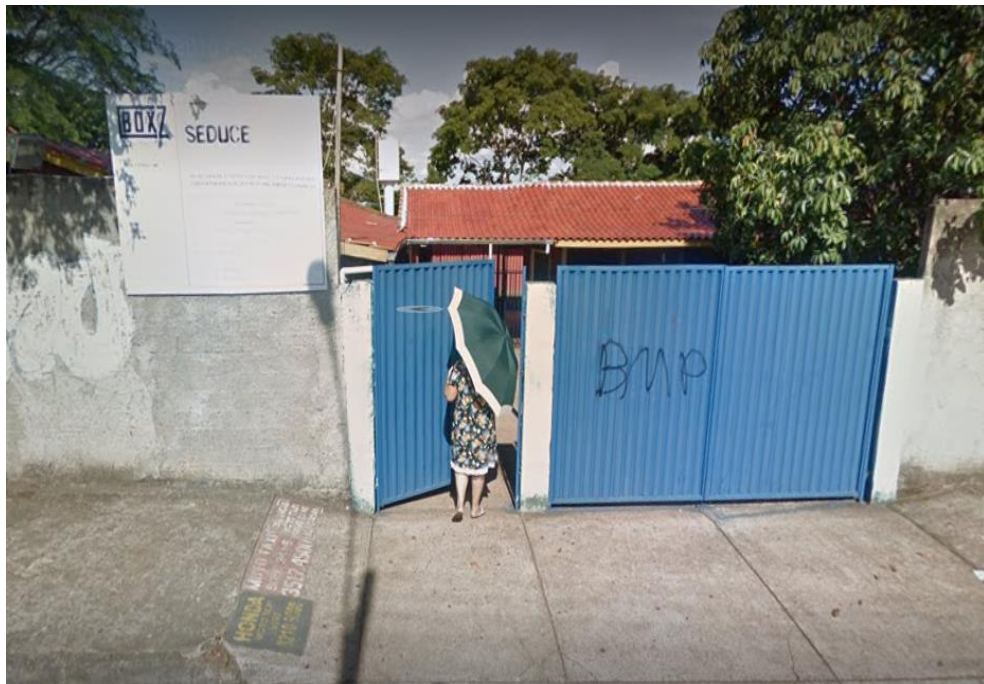
Fonte: Casag ([2022?]).

Em relação ao Colégio Estadual Amália Hermano Teixeira (Figura 2), apesar das pesquisas, não encontramos outras fotos mais detalhadas sobre o espaço. Segundo dados do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep), o colégio possui

treze salas sem climatização e outras instalações como biblioteca, laboratório de informática (com seis computadores e um notebook), pátio coberto e outro descoberto e quadra de esportes descoberta.

Em 2018, os alunos não participaram do Enem. Já em 2019, a título de exemplo, a instituição, que oferece o ensino fundamental e médio, esteve abaixo da média nacional no exame do Enem. Neste ano, trabalharam na instituição 21 profissionais, considerando todas as áreas da escola. Esses dados mostram uma triste realidade da instituição que leva o nome de uma figura muito importante para a educação em Goiás. Caso fosse viva, ela não aprovaria e, certamente, condenaria a gestão dos governantes sobre essa e outras escolas. A preocupação e respeito pela instituição ficaram registrados nos vários escritos e estudos de inúmeros estudiosos que pesquisam a trajetória da referida intelectual (BRASIL, 2019; COMPARA ESCOLA, 2021).

Figura 2 - Colégio Estadual Amália Hermano Teixeira



Fonte: Google Maps (2019).

Por esse viés, antes de falarmos sobre o Condomínio Edifício Amália Hermano, é preciso retomar ao passado e descrever como era a antiga casa de Amália e Maximiano, na Rua 24, centro de Goiânia, uma das primeiras construções na nova capital, que é descrita como um espaço repleto de plantas diversificadas.

De acordo com Borges R. (2018, p. 2), “[...] no amplo lote da Rua 24, Amália e o marido construíram uma casa exatamente como desejavam e formaram um quintal onde se respirava natureza”. O autor detalha que, no terreno do casal, “[...] até mina d’água tinha”. As orquídeas,

completa o autor, “[...] tinham lugar de destaque” e ao lado “delas [...] a anfitriã recebia suas visitas famosas”.

Nesse sentido, como destacam Araújo, Rodrigues e Catão (2017, p. 45), a casa de Amália “na Rua 24, no centro de Goiânia, [foi] uma das primeiras construções na nova capital, [...] um espaço repleto de plantas diversificadas”. Após a morte de Maximiano, em 6 de agosto de 1984, aos 74 anos, a “Lei Municipal nº 6265, de 04 de julho de 1985 [...] rebatiza a Rua 24, onde [morou o casal] por quase 50 anos, [para] Rua Desembargador Maximiano da Matta Teixeira” (TEIXEIRA, 1986, p. 221-235).

Ainda sobre a residência do casal, Borges R. (2011) enfatiza que foi onde Amália viveu por muitos anos com o esposo e, também, com centenas de vasos de flores, formando, assim, um patrimônio histórico da cidade, de modo que seu tombamento foi importante para preservar parte importante da memória de Goiânia. Sabe-se, através das fontes estudadas, que a família Hermano tinha o interesse de fazer da propriedade um museu, porém houve falta de incentivo público para que conseguissem realizar o feito.

Curado (2009, p. 20) explicita, também, que “Amália Hermano Teixeira e seu esposo Maximiano da Matta Teixeira demonstraram amor à arte e à literatura. Dispunham de um rico acervo na biblioteca que construíram em grande parte de seu florido quintal na Rua 24, no centro de Goiânia”.

Após a morte de Amália, sua família ficou à “[...] espera de uma mobilização pela compra do imóvel para se transformar numa casa de cultura e de pesquisa”, como relata Curado (2016b, p. 13). Ainda de acordo com o autor, a família Hermano esperou muitos anos, mas nada foi resolvido. Houve “[...] a possibilidade de compra para sede da Aflag; o que não foi possível em razão de uma série de motivos de ordem administrativa” (CURADO, 2016b, p. 13) e, por fim, a casa desapareceu do cenário goiano. Assim, o imóvel histórico, que chegou a ser cogitado para sediar a Academia Feminina de Letras e Artes de Goiás (Aflag), acabou demolido para dar lugar a um prédio que leva o nome da antiga moradora (CURADO, 2016a).

O edifício, que é composto por uma única torre, homenageia a escritora Amália Hermano e leva seu nome (Figura 3). Borges R. (2011), bem como o Jornal O Popular, destacam que a homenagem seria ainda mais relevante caso a construção não tivesse sido edificada naquele local, visto que tomou o espaço da casa onde morou uma das mulheres pioneiras da então “nova capital”.

Figura 3 - Condomínio Edifício Amália Hermano



Fonte: 123i ([202-?]).

Prosseguindo, ao tratar do Jardim Botânico de Goiânia, vale ressaltar que sua inauguração ocorreu no ano de 1972. Conforme Rizzo (2011, p. 2), posteriormente, anos mais tarde, o parque “passou a ter a denominação de Chico Mendes”. Anos depois, por força da Lei Municipal nº 7.800, de 5 de março de 1998, sancionada pelo então prefeito Nion Albernaz, o nome do Parque Florestal passou a ser *Jardim Botânico Amália Hermano Teixeira*, em reconhecimento aos trabalhos dessa ilustre intelectual goiana. No entanto, além de já ter o nome eternizado no local, o referido parque municipal inaugurou recentemente, em 1º de julho de 2002, um orquidário com homenagem à celebre intelectual (Figura 4), que ficou conhecida como escritora, professora e, também, botânica, dentre outros títulos.

Figura 4 - Orquidário do Jardim Botânico de Goiânia



Fonte: Lima (2022).

Lima (2022, p. 2) explicou que

Colabores da OCB afirmam que, ao tentarem comprar orquídea batizada com o nome da botânica, tiveram bastante dificuldade para encontrá-la. Quando a encontraram, o proprietário do viveiro disse que se tratava de uma espécie bastante rara e que não estava à venda por estar, inclusive, sob risco de extinção. No entanto, ao saber da finalidade, o colecionador, que tinha três exemplares, decidiu doar um deles para a homenagem.

Essa nova espécie de orquídea foi “[...] encontrada pela primeira vez por Amália Hermano Teixeira na Serra Dourada” (LIMA, 2022, p. 3). Cabe destacar que foi Amália quem “[...] catalogou a maior parte das orquídeas do Cerrado”, encontrando, inclusive, a nova espécie que leva o seu nome. O novo espaço do parque, o orquidário, possui 60 novas espécies, incluindo a que ela descobriu, a *Cattleya Nobilior Amaliae*.

De notável amante de orquídeas à grande protagonista no âmbito social, político e histórico da sociedade goianiense, a célebre escritora foi homenageada nos quatro cantos da grande capital goiana, nas demais regiões do estado de Goiás e no Tocantins, com a Casa de Cultura Amália Hermano Teixeira, como mostra a Figura 5 e Figura 6 abaixo. Ela nasce a partir de um projeto do Governo de Tocantins (MARTINS, 2018) e é um espaço tombado em Natividade (TO), cidade natal de Amália (IPHAN, [2014?]).

Figura 5 - Casa de Cultura Amália Hermano Teixeira (foto antiga)



Fonte: Iphan ([2022?]).

Figura 6 - Casa de Cultura Amália Hermano Teixeira (foto recente)



Fonte: Iphan ([2014?]).

Assim, Amália deixou na história sua marca como mulher de destaque nas novas configurações sociais de Goiânia. Sobre a capital, no que se refere ao seu cenário atual, cabe destacar que

Goiânia apresenta-se durante a sua história com três imagens básicas: a de uma cidade moderna, a de uma cidade provinciana e a de uma cidade pós-moderna. **Estas imagens surgiram em decorrência de determinadas características culturais**, dominando certo período e discursos sobre a cidade; porém, a relação entre a imagem e a cultura da cidade nem sempre se completa, muitas vezes colide. O exemplo disso é que nos anos iniciais de Goiânia (décadas de 40-50), ela tinha características culturais provincianas, mas foi representada predominantemente com a imagem de cidade moderna; nos anos 60-70 quando adquiriu características metropolitanas, algumas obras literárias ficcionais criticavam a imagem de cidade moderna; nos anos 80 e 90, mudanças culturais significativas na cidade, fizeram-na absorver uma imagem pós-moderna (OLIVEIRA, E., 1999, p. 9, grifo nosso).

Amália, portanto, esteve presente em todos esses cenários culturais de Goiânia – uma cidade provinciana, moderna ou pós-moderna (com menor ou maior protagonismo). Diante dos escritos de Oliveira E. (1999), percebe-se uma gama enorme de possibilidades para se olhar a cultura de Goiânia. De um lado, a cultura que acontece no cotidiano ou, por assim dizer, no chão da fábrica, aquela que está em constante movimento e enraizada no lugar; e de outro, aquela cultura que se articula, de certa forma, na elite. Entretanto, interessa-nos, neste momento do estudo, entendermos o cenário cultural de Goiânia na época de Amália.

Sendo professora, advogada, escritora e botânica, em suas várias faces, como observado por Pereira e Oliveira (2017, p. 1-2), fica claro que Amália não estava somente presente nas mais diversas atividades culturais de Goiânia, mas era “[...] personalidade atuante em diversas

áreas na região em que viveu”, pois, é evidente a “sua ligação [...] íntima com a cultura do Cerrado”. Este fato é relatado por Borges R. (2018, p. 2) ao destacar que “[...] muitas personalidades do mundo cultural, quando vinham a Goiânia, faziam uma parada obrigatória [na casa de Amália], como as atrizes Maria Della Costa e Dercy Gonçalves”, por exemplo, bem como também no livro póstumo, *Perfis* (TEIXEIRA, 1993), em que 53 personalidades que influenciaram a vida de Amália são citadas, além dos estudos supramencionados que mostram as redes de sociabilidade dela com diversas outras pessoas, como Cora Coralina e jovens artistas (MARTINS, 2018).

Não é objeto desse estudo fazer a análise de um aspecto, mas apresentar, neste tópico, algumas manifestações culturais de Goiânia na época em que Amália morou na nova capital. Nesse sentido, faz-se importante lembrar que:

Em 1942 [Amália Hermano Teixeira] participou do VIII Congresso Brasileiro de Educação realizado em Goiânia. Esse evento, que teve como temática central a questão da educação rural, ocorreu durante o **Batismo Cultural de Goiânia**. Amália apresentou nesse congresso a tese “Problemas do Ensino Rural Brasileiro”, na qual reforça a necessidade de manutenção do homem vinculado à terra. Ela discute a importância de uma boa educação primária e um ambiente salutar e feliz (ARAÚJO; RODRIGUES; CATÃO, 2017, p. 42, grifo nosso).

Pode-se dizer, então, que desde o início da história de Goiânia a intelectual Amália esteve presente em diversos aspectos. Ao fazermos uma leitura da pesquisa de mestrado de Oliveira E. (1999), por exemplo, que investigou a mudança da cultura e da imagem da cidade desde a sua construção até o último ano do referido estudo (1933-1999), discorrendo sobre algumas manifestações culturais da época, dentre outros trabalhos, e confrontando tais informações com os achados nas obras de Amália, foi possível identificar algumas manifestações culturais das quais Amália poderia ter participado ou que participou.

A elite de Goiânia, apesar de heterogênea, era formada de famílias tradicionais de diversas cidades goianas (Goiás, Rio Verde, Anápolis, Pires do Rio, Catalão, etc.) que tinham um nível sócio-econômico semelhante (isto desconsiderando a população do bairro operário). Uma das principais preocupações das famílias pioneiras era desenvolver espaços para a integração social, escassos na nova Capital naquele tempo. Uma das primeiras iniciativas nesse sentido foi a criação do primeiro Clube Social, o Automóvel Clube, criado em 1935. A partir de 1943 esse clube mudou seu nome para Jóquei Clube de Goiás que foi o ponto de encontro da elite social de Goiânia (OLIVEIRA, E., 1999, p. 46).

Amália convivia e trabalhava com importantes nomes do meio político, acadêmico e artístico. Portanto, há de se considerar que ela fazia parte dessa elite social. Por esse viés, não se pode ignorar que “[...] em 1940 a população urbana da cidade era de 18.889 habitantes; destes, mais de 60% residiam no Bairro de Campinas [antiga cidade que se tornou bairro com a construção de Goiânia]” (OLIVEIRA, E., 1999, p. 48-49).

De população pequena, na época, Oliveira E. (1999) aponta que “[...] a religiosidade

influenciava o lazer da população [...] de Goiânia”. Sobre esse ponto, completa o autor: “o principal tipo de lazer para as mulheres católicas de [...] Goiânia” era participar da “[...] missa realizada todos os dias da semana, às cinco horas da manhã [...] na Igreja do Ateneu Dom Bosco em Goiânia”.

Para os homens, “[...] uma das diversões mais preferidas eram as pescarias e os banhos nos rios e córregos da região (Rio Meia Ponte, Anicuns, Cascavel, etc.)” – tanto a elite quanto os operários compartilhavam desses hábitos (OLIVEIRA, E., 1999, p. 46). Além disso, os pontos de encontros eram os bares, o vai-e-vem (andar pela cidade por simplesmente andar) para os jovens, a praça Joaquim Lúcio de Campinas, os monumentos modernos de Goiânia, o Cine-Teatro Goiânia, cuja inauguração foi em 1942, o carnaval – inicialmente na rua e depois [...] no Jóquei Clube [...] ganhando o caráter familiar e elitista” (OLIVEIRA, E., 1999, p. 59). Havia, ainda, “[...] os famosos bailes de réveillon a partir de 1936 que ocorriam “[...] no último dia do ano no Palácio das Esmeraldas”, os quais eram promovidos pelas famílias da elite de Goiânia. Lembramos, também, que Amália frequentava o “[...] Country Clube, no córrego Santo Antônio” (BERNARDES, 2009, p. 46).

É importante mencionar, ainda, a Sociedade Pro-Arte e a “I Exposição de Pintura, Escultura e Arquitetura de Goiás”, da qual Amália participou. Segundo Goyaz (2010, p. 202, grifo nosso),

A Sociedade Pró-Arte de Goiás inicia suas atividades em novembro de 1945, apresentando ao público a orquestra recém-formada pelo maestro Érick Pipper, endossada por uma coletiva intitulada: “I Exposição de Pintura, Escultura e Arquitetura de Goiás”, composta por apenas dez trabalhos. Eventos dessa natureza foram realizados em 1946 e 1947, durante comemorações de aniversário da Pró-Arte, com exposições bem mais concorridas. Além da música, a associação colaborou com a literatura e incentivou as artes plásticas durante todo o período de sua existência. O objetivo era favorecer e unir os artistas, para divulgar a arte. Entre os associados estavam Octo Marques, Goiandira do Couto, Antônio Henrique Péclat, Jorge Félix de Souza, Regina Lacerda, José Edilberto da Veiga, Brasil Grassini, **Amália Hermano**, Professor Crunwald Costa (Costinha) e Érick Pipper, regente da orquestra.

Barbosa (2017, p. 118) entende que a criação da Sociedade Pro-Arte – movimento ocorrido após o Batismo Cultural de Goiânia – marca o início da “[...] arte moderna no Estado de Goiás”. Nunes esclarece que esse movimento cultural foi “[...] liderado pelo pianista alemão Érik Pipper, pelo arquiteto José A. Neddemayer e pela professora Amália Hermano, que originou a Sociedade Pró-Arte” (NUNES, J., 2001, p. 117). Assim, Amália destaca-se, mais uma vez, como uma das responsáveis por um marco na cultura de Goiás. A partir de então, a Sociedade Pró-Arte seguiu “[...] congregando artistas e intelectuais que organizavam exposições de artes, reuniões de literatura e promoções musicais” (NUNES, J., 2001, p. 117).

Com as proposições de Oliveira E. (1999, p. 59), entende-se que a vida cultural de

Goiânia fica caracterizada pelas “[...] principais formas de lazer da Goiânia pré-anos 60”, que: ou eram uma apropriação dos hábitos antigos de Campinas (festas religiosas, banhos de rios, caça e pesca), ou eram formas novas (os clubes sociais, *réveillon*, *footing* etc.), ou eventos artísticos de forma geral (GOYAZ, 2010).

A revista dava espaço para que exercitassem os talentos artísticos, mas ainda era restrita. Contudo, na década de 50, o cenário literário em Goiânia melhora com o Bazar Oió, que pertencia a um paulista chamado *Olavo Tormim*. Além da circulação do Jornal Oió, “[...] havia os debates públicos organizados entre os intelectuais sobre temas” diversos, “[...] lançamentos de livros e exposição de quadros” (OLIVEIRA, E., 1999, p. 99). Ainda, vale explicar que, conforme Oliveira E. (1999, p. 100), “o Bazar Oió significou o ponto de referência artística de Goiânia na década de 50, embora tenha durado até o ano de 1968, quando foi fechado, em virtude da execução de um processo movido pela Caixa Econômica Federal contra o seu proprietário”.

Embora os acontecimentos narrados até fossem significativos para a compreensão da cultura de Goiânia, segundo Oliveira E. (1999), ainda estava por acontecer algo que seria o divisor de águas em termos culturais da cidade. E ocorreu, como se segue:

O maior acontecimento do mundo das artes em Goiânia ocorreu na década de 50, com a realização do I Congresso Brasileiro de Intelectuais, nos dias 14 a 21 de fevereiro de 1954. Deste o Batismo Cultural em 1942, nunca se viu tanta gente ilustre pelas ruas da Capital – estrangeiros como o chileno Pablo Neruda, o português Fernando Corrêa Silva, o haitiano René Depestre, e brasileiros, como Jorge Amado, Hector Flores, Ascenso Ferreira, Estelinha Egg, Maria Della Costa, etc. O congresso tinha característica eclética, em termos artísticos: literatura, teatro, música foram temas discutidos em palestras informais no Liceu até o entardecer, valendo-se ressaltar que esse congresso, em especial, não foi promovido por nenhuma iniciativa governamental (OLIVEIRA, E., 1999, p. 100).

Amália Hermano Teixeira foi quem presidiu a Comissão Social desse tão importante evento, o I Congresso Nacional de Intelectuais, realizado em Goiânia. Apesar dos bons resultados do referido congresso foi “[...] somente a partir dos anos 60 [que] a cidade contaria com instituições culturais de dimensões metropolitanas” (OLIVEIRA, E., 1999, p. 101), dando destaque para as universidades. Assim:

Em 1959, criou-se a Universidade de Goiás, mantida pela Igreja Católica, com a junção das faculdades de Direito, Filosofia e Serviço Social. Em 1960, fundou-se a Universidade Federal de Goiás, com cinco faculdades: Direito, Farmácia e Odontologia, Engenharia, Medicina e Conservatório de Música, ocasião em que Goiânia se tornou “um centro universitário ativo e o mais importante, depois de Brasília, da região centro-oeste (...)” (Sabino Júnior, 1980:101) (OLIVEIRA, E., 1999, p. 101).

Com isso, mais uma vez a intelectual se destaca, dessa vez na academia, pois não se pode esquecer que Amália foi professora de História na Universidade Federal de Goiás entre os anos de 1962 e 1964 (ARAÚJO; RODRIGUES; CATÃO, 2017, p. 45), onde teve uma

brilhante atuação, segundo os referidos autores.

Goiânia, como cidade pós-moderna, começa a se “caracterizar culturalmente [...] no período que vai de 1980 a 1999” (OLIVEIRA, E., 1999, p. 108). A cultura da cidade estava estritamente ligada ao processo de metropolização, ou seja, Campinas *versus* Goiânia nos anos 40 e 50; Brasília *versus* Goiânia nos anos 60 e 70; cidades do entorno *versus* Goiânia nos anos 80 e 90. Havia um choque de realidade entre o pós-moderno e o tradicional.

Ainda sobre o aspecto cultural, Goiânia é tida como cidade ecológica ou cidade das flores. Nesse sentido, Amália também se destacou por ter escrito trabalhos sobre o tema e participado de vários eventos voltados para a botânica. Desse modo, ficou conhecida como uma amante da natureza e se tornou objeto de alguns trabalhos que a veem por essa perspectiva.

Seu desempenho profissional e as importantes redes de socialização na capital a projetaram para atuar na (re)organização dos clubes agrícolas em todo o estado de Goiás. Uma projeção aferida na cidade para o estado. Ela já vinha se destacando em eventos, como o VIII Congresso Brasileiro de Educação realizado em Goiânia, e em publicações sobre a educação rural – *Orientação Vocacional e A Criança e as Atividades Agrícolas*. Esse fato é confirmado no Dicionário de Educadores e Educadoras em Goiás, que, segundo contam Araújo, Rodrigues e Catão (2017, p. 47),

Com relação aos Clubes Agrícolas, [Amália Hermano Teixeira] afirma [no artigo “A Criança e as Atividades Agrícolas” publicado em 1946 na Revista de Educação e Saúde] que: “as atividades do Clube têm de ser associadas aos programas escolares, não se admitindo tarefas completamente divorciadas dos assuntos a serem conhecidos” (p. 22). Amália participou, em 1958, do II Congresso Nacional de Educação de Adultos, realizado no Rio de Janeiro, que contou com a presença de diversos educadores brasileiros, dentre os quais se pode referenciar Lourenço Filho, que em sua conferência propôs a criação da Associação de Educação de Adultos.

Sobre os Clubes Agrícolas, de acordo com os estudos de Martins (2018, p. 144), “[eles] foram [...] a célula mãe do ensino rural em Goiás [e] na visão de Amália Hermano Teixeira foi uma proposta transplantada dos Estados Unidos da América”. Tal proposta destacava a “promoção de uma campanha de aulas práticas que incluía, estudos de zelo pelo meio ambiente, pela flora e fauna brasileira [...]. O autor completa que:

Os clubes agrícolas foram implantados com o propósito do discurso oficial de contribuir para a superação das desigualdades, acenava para uma possível educação que permitisse ao homem do campo conhecer sua realidade, e assim, progredir. No entanto, [...] não foram levantadas questões de estrutura e de consolidação destes clubes, não atentaram para a realidade, sendo que quem mais necessitava destas contribuições estavam no campo e, contraditoriamente, todos os clubes agrícolas implantados estavam em meio urbano. Ou seja, a dicotomia entre o pensado e o executado acentua-se (MARTINS, 2018, p. 144).

Parece ficar claro que esta era uma proposta moderna em Goiás e, nas próprias palavras

de Teixeira (1993, p. 3), caracterizavam-se como “uma moderna orientação do ensino da ciência da terra [...]”, de modo que os Clubes Agrícolas idealizados por ela seguiam uma visão ecológica, ou seja, buscavam a proteção à natureza. Nessa perspectiva, nas páginas seguintes de sua obra *Perfis*, Amália confirma essa tese ao descrever que “[...] não basta ao professor transmitir belas teorias às alunas, falar de métodos e processos modernos; necessário se torna praticá-los” (TEIXEIRA, 1993, p. 4).

Bento Curado, em entrevista a Martins (2018, p. 146), reafirma tal proposição ao revelar que “[...] o discurso de Amália Hermano quanto ao amor à terra, ao campo não é um discurso inócuo”. Portanto, faz-se necessário pontuar que a Escola Normal Oficial dirigido por Amália era um clube agrícola goiano que detinha um discurso ruralista (MARTINS, 2018, p. 20). Cita-se, por exemplo, na obra de Araújo e Brzezinski (2006), que tem como título *Anísio Teixeira na Direção do Inep: Programa para a Reconstrução da Nação Brasileira (1952-1964)*, que:

[Existiu uma] polêmica entre a direção da escola e a professora Amália Hermano Teixeira, [e que foi] registrada em “O curioso caso da Escola Normal Oficial; história de uma injustiça”. Como informante no presente estudo, a professora [Amália Hermano Teixeira] afirmou: “[...] o subtítulo do livro poderia ser A luta da Escola Nova contra a Escola Antiga [...]” (ARAÚJO; BRZEZINSKI, 2006, p. 166).

Em resumo, com base em seus escritos e nas referências a ela como uma defensora das ideias ruralistas e amante da natureza, e considerando toda sua trajetória, com presença constante em inúmeros congressos e como autora de vários artigos e livros, cuja temática predominante era o Cerrado, podemos concordar com Araújo, Rodrigues e Catão (2017) quando dizem que ela foi, sem dúvida, uma figura importante para a história goiana.

3 VISÕES SOBRE AMÁLIA: PESQUISAS E PUBLICAÇÕES

No intuito de compreender a importância de Amália Hermano Teixeira enquanto personalidade que contribuiu (in)diretamente para a história de Goiás no século XX, fez-se um estudo do tipo Estado da Arte, abordagem de pesquisa de caráter bibliográfico que mapeia, analisa e discute a produção acadêmica sobre a temática proposta, de modo detalhado e descritivo. Por “[...] ter caráter inventariante da produção acadêmica” (MATTOS, 2020, p. 50) está, propositalmente, posta nesta seção como parte que antecede a análise (tópico posterior).

Na seção anterior, foi possível observar que Amália se destacou como uma das pioneiras em relação a atuações diversas no estado de Goiás. Isso se explica, sobretudo, por meio de suas ações como uma sensível e inovadora erudita que muito cooperou para o arranjo e (re)estruturação do painel educacional goiano, momento pelo qual a história do estado passava por uma profunda reconstrução, fomentada pelo surgimento de novos marcos políticos no alvorecer da década de 1930.

Amália tinha uma ampla rede de sociabilidade, adquirida através da sua atuação profissional que a permitia transitar em vários meios intelectuais, como citado anteriormente. O seu casamento também foi favorável para sua ampla rede de amigos, podendo destacar, ainda, sua relação social estabelecida por meio do apoio dado ao governo.

Sua ampla participação na produção e direção de revistas pedagógicas e informativas deixa evidente suas crenças, ideais, perspectivas e leituras de mundo (MARTINS, 2018). Também, considerando sua atuação na década de 1960 como professora dos cursos de História e Geografia no magistério superior, na nova capital Goiânia (ARAÚJO; RODRIGUES; CATÃO, 2017), é possível inferir que, possivelmente, ela pode ter influenciado na formação inicial dos debates ecológicos em Goiás.

Araújo, Rodrigues e Catão (2017) deixam transparecer que a atuação de Amália como educadora sempre teve conectividade com questões relacionadas à natureza, além da valorização da vida campesina. Portanto, Amália Hermano “[...] destaca a oposição existente entre o campo e a cidade, confirmando uma vocação agrícola do Brasil, salientando o valor econômico da educação rural e faz alusão ao ruralismo pedagógico” (ARAÚJO; RODRIGUES; CATÃO, 2017, p. 46).

A importância do seu trabalho, de acordo com Lemes (2018), compreende a trajetória de uma mulher que esteve à frente de assuntos importantes e, através do seu olhar, descreveu os fatos em livros, revistas, jornais etc.

Tendo isso exposto, apresentamos a presente seção, que está dividida entre as várias

atuações de Amália Hermano, ou seja, as visões dos pesquisadores sobre ela, por meio de publicações que a tem como objeto de estudo. Ela foi uma importante intelectual do cenário goiano no século XX devido a sua carreira, principalmente, enquanto escritora. Outro fato que demonstra sua importância nesse campo foi o afastamento de seus cargos, devido ao momento político enfrentado pelo país em 1964, no qual Amália foi declarada como alguém com importância intelectual e que poderia exercer influência.

Cabe destacar, sobre esse momento político no país, a Ditadura Militar, que Amália também foi uma vítima, sofrendo repressão. A literatura investigada dá pista de que o fato ocorreu devido ao I Congresso Nacional dos Intelectuais ocorrido em Goiânia em 1954 (dez anos antes da instalação do novo regime), quando ela, sendo uma das organizadoras, recebe Pablo Neruda. Isso fez com que, uma década depois, ela recebesse atenção dos militares que pensaram que ela poderia exercer influência para disseminar o socialismo em Goiânia. Diante disso, ela foi afastada do cargo de professora (TEIXEIRA, 1986).

Nunes C. (2019), em seu estudo, que aborda *A repressão aos estudantes, professores e funcionários na Universidade Federal de Goiás durante a Ditadura Militar (1964-1979)*, buscou compreender o contexto histórico do regime militar e de que forma ele atuou dentro da UFG. Assim, disserta:

Em 1964, a Universidade Federal de Goiás ainda era uma instituição em construção, recém-nascida. [...] Usando com base o Ato Institucional, o ministro da Educação, Flávio Suplicy de Lacerda, baixou a Portaria nº 259 no dia 19 de abril de 1964 (quatro dias após tomar posse do cargo), ‘determinando às universidades a “instauração de inquéritos administrativos’’. [...] No dia 20 de abril a reitoria enviou para o CEB o Ofício-circular nº 214/64, que pedia à Diretoria do estabelecimento indicasse para a Comissão de Expurgo o nome de professores e funcionários que poderiam estar vinculados a movimentos subversivos e, portanto, deveriam ser afastados de suas funções. [...] Um dos nomes desta lista era o da professora Amália Hermano Teixeira, da cadeira de ‘História Política, Econômica e Social do Brasil’ (NUNES, C., 2019, p. 66-67).

Na época, de acordo com Nunes C. (2019, p. 68-69), diante da gravidade da situação, “o diretor do CEB [Centro de Estudo Brasileiros], Gilberto Mendonça Teles, convoca professores e representantes estudantis para uma reunião [...]”. Na reunião fizeram-se presentes Amália Hermano Teixeira, Bernardo Élis e outros dez professores, além de três pessoas que representaram os alunos. Dias após a reunião que apresentou o conteúdo da circular, mais precisamente “no dia 27 de abril de 1964, o Prof. Saleh Jorge Daher, Presidente da Comissão de Inquérito da UFG e professor da Faculdade de Engenharia, enviou para o Reitor Colemar Natal e Silva” o documento (Portaria nº 48/64) contendo “alguns nomes de professores e funcionários que foram indicados pelo DOPS-GO”. Conforme consta, nele estavam listados aqueles que “estariam comprometidos pela prática de atividades subversivas” (NUNES, 2019,

p. 68-69).

Ainda segundo Nunes C. (2019, p. 68-74), no referido documento, de 23 de junho de 1964, constavam, dentre outros professores, os nomes de Amália Hermano Teixeira e de seu esposo Maximiano da Mata Teixeira. Funcionários da reitoria também figuravam na lista. Como consequência, “[...] no dia 6 de outubro de 1964, foi publicado no Diário Oficial União a demissão de Amália Hermano [...] do cargo de Instrutores de Ensino Superior [do CEB]”. Apesar de não constar a data, sabe-se que seu marido, professor da Faculdade de Direito, também foi demitido.

O próprio Maximiano conta, em entrevista cedida a Brasigóis Felício, publicada no Jornal O Popular e presente no livro-documentário *Dois Anos Sem Maximiano* (TEIXEIRA, 1986), que foi cassado por estar ligado ao desembargador Frederico de Moraes. O título da matéria chama atenção: *O triunfo de um cassado que anistiou seus perseguidores*. Sobre esse assunto, conta Maximiano: “Não guardo mágoa dos que me perseguiram e deletaram. Antes de a revolução me anistiar, eu já havia anistiado os que a fizeram” (TEIXEIRA, 1986, p. 290).

Visto isso, voltemos às publicações que possuem, direta ou indiretamente, Amália como foco de estudo (Quadro 3):

Quadro 3 - Relação de publicações sobre Amália Hermano Teixeira

(continua)

Título	Fonte	Autor(es)
O centenário e a vida em flor de Amália Hermano.	Jornal Diário da Manhã, Goiânia, 28 dez. 2016.	CURADO, Bento Alves Araujo Jaime Fleury.
A mulher das flores.	O Popular, s/p, 25 mai. 2011.	BORGES, Rogério.
Legado redescoberto.	O Popular, s/p, 25 mai. 2011.	BORGES, Rogério.
As faces de Amália.	SEMINÁRIO DE PESQUISA, PÓS-GRADUAÇÃO, ENSINO E EXTENSÃO, 3., 2017, Anápolis. Anais [...]. Anápolis: Universidade Estadual de Goiás, Campus Anápolis de Ciências Socioeconômicas e Humanas, p. 1-5, 2017.	PEREIRA, Micaelle Cristina Peixoto; OLIVEIRA, Maria de Fátima.

Quadro 3 - Relação de publicações sobre Amália Hermano Teixeira

(continuação)

Título	Fonte	Autor(es)
Amália Hermano Teixeira: vestígios da história da educação em Goiás.	Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) – Curso de História, Campus Anápolis de Ciências Socioeconômicas e Humanas, Universidade Estadual de Goiás, Anápolis, 2017.	PEREIRA, Micaelle Cristina Peixoto.
Dicionário de educadores e educadoras em Goiás: séculos XVIII - XXI.	Goiânia: Editora Imprensa Universitária, 2017.	VALDEZ, Diane (org.).
Amália Hermano: a dama das orquídeas	O Popular, s/p, 27 mar. 2018.	BORGES, Rogério.
O Cerrado na visão de Amália Hermano Teixeira: meio ambiente e cultura.	Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) – Curso de História, Campus Anápolis de Ciências Socioeconômicas e Humanas, Universidade Estadual de Goiás, Anápolis, 2018.	LEMES, Rita Castorina Gonçalves Gundim.
Uma trajetória de vida: as contribuições de Amália Hermano Teixeira em defesa do meio ambiente em Goiás.	SEMINÁRIO DE PESQUISA, PÓS-GRADUAÇÃO, ENSINO E EXTENSÃO, 4., 2018, Anápolis. Anais [...]. Anápolis: Universidade Estadual de Goiás, Campus Anápolis de Ciências Socioeconômicas e Humanas, p. 726-731, 2018.	LEMES, Rita Castorina Gonçalves Gundim; OLIVEIRA, Maria de Fátima.
O pensamento de Amália Hermano Teixeira sobre o meio ambiente e suas ações em defesa do cerrado.	CONGRESSO DE ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO, 5., 2018, Pirenópolis. Anais [...]. Pirenópolis: Universidade Estadual de Goiás, Campus Pirenópolis, s/p, 2018.	LEMES, Rita Castorina Gonçalves Gundim; OLIVEIRA, Maria de Fátima.

Quadro 3 - Relação de publicações sobre Amália Hermano Teixeira

(conclusão)

Título	Fonte	Autor(es)
A participação da intelectual Amália Hermano Teixeira no movimento escolanovista em Goiás – 1937 a 1963.	Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Escola de Formação de Professores e Humanidades, Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Goiânia, 2018.	MARTINS, Luciana da Silva.
Amália Hermano Teixeira (1916-1991): fragmentos da história do Cerrado.	SEMINÁRIO DE PESQUISA, PÓS-GRADUAÇÃO, ENSINO E EXTENSÃO, 4., 2018, Anápolis. Anais [...]. Anápolis: Universidade Estadual de Goiás, Campus Anápolis de Ciências Socioeconômicas e Humanas, p. 181-188, 2018.	OLIVEIRA, Maria de Fátima.
Atuação de Amália Hermano Teixeira na imprensa.	SEMINÁRIO DE PESQUISA, PÓS-GRADUAÇÃO, ENSINO E EXTENSÃO, 4., 2018, Anápolis. Anais [...]. Anápolis: Universidade Estadual de Goiás, Campus Anápolis de Ciências Socioeconômicas e Humanas, p. 189-197, 2018.	SANTOS, Marcos Vinícius. OLIVEIRA, Maria de Fátima.
Amália Hermano Teixeira em defesa dos Clubes Agrícolas de Goiás na década de 1930.	SEMINÁRIO DE PESQUISA, PÓS-GRADUAÇÃO, ENSINO E EXTENSÃO, 5., 2019, Anápolis. Anais.	CORRÊA, Vitória Marques Bento; OLIVEIRA, Maria de Fátima.

Fonte: elaborado pela autora (2022).

3.1 AMÁLIA PROFESSORA

Numa breve biografia de Amália Hermano Teixeira no *Dicionário dos Escritores Goianos*, Araújo, Rodrigues e Catão (2017, p. 45) afirmam que ela possuía “[...] uma atuação propositiva no cenário goiano”. Amália destacou-se no âmbito social devido ao seu protagonismo enquanto mulher, desempenhando múltiplas funções, além de seu dinamismo profissional no contexto político e de sua representatividade enquanto figura pública.

Como educadora, Curado (2016b, p. 12, grifo nosso) destaca a participação de Amália em “[...] congressos e conferências, proferiu palestras, publicou artigos em jornais como *Cinco de Março*, *Atualidades Pedagógicas*, na Revista de Educação e ainda integrou um grupo de discussões sobre a Lei de Diretrizes e Bases (LDB) Nacional”.

Amália pode ser descrita, como bem analisaram Pereira e Oliveira (2017), como uma mulher de muitas “faces”, pois teve uma atuação dinâmica e múltipla. O primeiro ponto que merece destaque é, sem dúvida, seu desempenho na área da educação, como se pode conferir na publicação *Dicionário de Educadores e Educadoras em Goiás: séculos XVIII-XXI*, de 2017. Esta obra foi resultado da colaboração entre pesquisadores, alunos e docentes de áreas como Educação, História, Psicologia, entre outras relacionadas. Foi organizada sob a supervisão da professora Dra. Diane Valdez, que revelou as atividades e contribuições desta educadora no painel educacional de Goiás. Um resumo acerca da personagem Amália é disponibilizado entre as páginas 45 e 48 da obra.

Sobre o campo profissional voltado para a educação, é possível perceber que Amália tinha essa inclinação para a docência desde os tempos em que estudava no Lyceu de Goyaz. Ela nutria profunda admiração e respeito pela escola, pela educação, pelos seus mestres e pela docência. Essa admiração e respeito estão descritas nas obras *Perfis* (1993) e *Reencontro* (1981). A educação que recebeu no Lyceu de Goyaz a fez admirar as caras tradições, os professores, os costumes do povo, sua língua materna e, conseqüentemente, a própria educação. Além disso, essa trajetória contribuiu para que Amália se tornasse professora e, com isso, ela teve muitos de seus antigos mestres como colegas de cátedra.

Amália foi normalista na Escola Normal Oficial de Goiás, em 1935. Em 1936, depois de ter participado juntamente com o agrônomo Manuel Alves de Almeida de “um curso [oferecido pela SAAT] de Extensão Rural no Rio de Janeiro, para preparem cursistas de todo o Brasil para fundar e orientar Clubes Agrícolas pelo país”, foram habilitados “[...] para serem os responsáveis diretos pela fundação dos clubes agrícolas no estado de Goiás, com o apoio do DPEE” (BARBOSA, 2017, p. 98), ocasião em que Amália “[...] fundou e dirigiu o Clube Agrícola Escolar Couto Magalhães [que era] anexo na Escola Normal Oficial” (BARBOSA, 2017, p. 35). Mais tarde, foi aprovada em um concurso, para licenciar como professora de Geografia e trabalhou na mesma escola onde se formou, de 1938 a 1944 (BARBOSA, 2017).

Para Martins (2018, p. 13), Amália Hermano Teixeira foi professora em um “[...] contexto histórico de mudanças políticas e educacionais em Goiás, no período compreendido entre as décadas de 1930 e 1960”. Em 1942, Amália foi professora catedrática de Geografia da antiga Escola Normal Oficial (atualmente, Instituto de Educação de Goiás) e, de 1962 a 1964,

foi professora de História Política, Econômica e Social do Brasil, no Centro de Estudos Brasileiros (CEB), na UFG.

Entretanto, conforme Curado (2016b, p. 7), “anistiada, foi convocada para a Universidade Federal de Goiás (UFG), pois havia sido demitida por ato do golpe de 1964”, onde atuou “como pesquisadora da UFG até 1983, quando se aposentou na área federal [...]”. Em todos esses anos de docência, ela obteve enorme prestígio e admiração dos alunos, dos superiores e demais intelectuais de sua época.

Em um período marcado pela hegemônica valorização dos homens em detrimento às mulheres, galgar notoriedade e destaque aponta para certo pioneirismo. Enquanto intelectual, ela esteve à frente de alguns movimentos que salientam seu comprometimento como mulher que não se apequena devido às configurações sociais de sua época.

Em seu trabalho, voltado para uma análise da contextura intelectual de Amália Hermano Teixeira, Martins (2018) considera que ela tem sido continuamente citada em trabalhos de pesquisadores que elegeram o Estado de Goiás, a Educação Rural, o Cerrado, os grupos agrícolas, as orquídeas, dentre outros objetos de suas preocupações; sem, contudo, ter sido tomada antes como objeto de estudo. Ainda, de acordo com Martins (2018, p. 151), é válido destacar que:

[...] Amália Hermano Teixeira, salva pelos condicionamentos provenientes de seu tempo histórico e cultural, alçou voos altos, ao traduzir em suas publicações a confirmação de sua atuação enquanto partícipe da organização educacional goiana, que se projetou a partir das novas propostas escolanovista e que, diretamente, contribuiu para a efetivação de tais propostas educacionais, ao promover a preparação de normalistas para a atuação na educação primária. Também, registrou-se que, enquanto professora inovadora, Amália Hermano Teixeira buscava desenvolver em sua prática os ideais que acreditava propiciar um ensino com mais qualidade. Enquanto professora, buscou desenvolver-se tendo a educação como um propósito de aferir mudanças comportamentais, que geraria uma mudança social. Abarcada em conflitos e divergências que ressaltavam sua personalidade forte e ativa, entremeada a uma incomum paixão pela natureza, Amália Hermano Teixeira constitui-se como uma construtora participante e colaboradora da organização educacional goiana.

Amália esteve à frente da direção da Imprensa Oficial do Estado, sendo também diretora da Revista de Educação – periódico mantido pela secretaria de Educação do Estado de Goiás – e chefiou, por vários anos, o Serviço de Clubes Agrícolas Escolares do Estado. Foi membro integrante da Sociedade Botânica do Brasil e, ainda, presidiu a Sociedade Goiana de Orquidófilos, entidade da qual fez parte como sócia e fundadora.

Era adepta, de acordo com Lemes (2018), aos pensamentos do ruralista Alberto Torres, e, através dos meios de comunicação que teve acesso, divulgou, em sua produção textual, seus conceitos que estavam pautados no movimento escolanovista, além de publicar artigos que reverberaram sua atuação educacional no campo. Com isso, suas ideias revolucionárias foram

ganhando espaço.

Lemes (2018) traz em sua pesquisa elementos da produção de Amália que demonstram seu interesse pela preservação ambiental do bioma do Cerrado através dos seus estudos que evidenciam o território, cultura, simbologia, memórias e sentidos, que sempre remetem à diversidade existente de maneira reflexiva. Tal interesse fundamenta-se “[...] pela sua atuação em vários campos da vida social e profissional que deixaram evidente seu envolvimento, como o bioma de seu estado o Cerrado, ao longo de sua trajetória de vida” (LEMES, 2018, p. 26-27).

Ainda, Pereira e Oliveira (2017) pontuam que os estudos sobre Amália nos fazem compreender melhor a sua vida e obra, haja vista que ela rompeu com o tradicionalismo da sua época. Seu posicionamento era claro contra o modelo tradicional de ensino, e defendeu a implementação da escola nova por considerar que a tradicional estava ultrapassada e que o estado deveria acompanhar as mudanças que estavam ocorrendo em outras regiões do país.

Outro ponto importante está vinculado ao fato de Amália ter participado diretamente da construção do papel feminino na história. Pereira e Oliveira (2017) ressaltam que mulheres como a intelectual goiana/tocantinense que se fizeram presentes na estrutura social, que atuaram na história, de forma direta e indireta, e que se destacam na conquista por espaço além do campo familiar, fez com que outras mulheres também conseguissem conquistar seu espaço em diversos setores, rompendo as barreiras impostas no passado.

A professora Amália atuou na luta por um sistema educacional democrático e de qualidade que proporcionasse igualdade de ensino. Ela enxergava de modo peculiar os problemas educacionais existentes no estado de Goiás. Nessa perspectiva, a análise de sua produção, através dos diários e publicações nos variados meios de comunicação, acentua a relação que possuía com a educação e mostram que a professora utilizou os veículos de imprensa para evidenciar sua defesa na criação dos Clubes Agrícolas. A biografia de Amália, em suma, diz respeito ao universo educacional e às experiências que possuía dentro e fora da sala de aula.

No Primeiro Congresso Estadual de Educação, ocorrido em Goiânia, em 29 de outubro de 1937, a intelectual apresentou seu trabalho sobre o ensino rural ao ensejo do “Batismo Cultural de Goiânia – a nova Capital de Goiás – do 8º Congresso Brasileiro de Educação” (CURADO, 2016b, p. 5). Nesse mesmo período ela já atuava como catedrática no curso de Geografia (Fotografia 6), da antiga Escola Normal Oficial, hoje denominada como Instituto de Educação de Goiás, que era dirigida por José Lopes Rodrigues e Ofélia Sócrates do Nascimento Monteiro.

Fotografia 6 – Amália Hermano no evento na antiga Escola Normal Oficial de Goiás, depois Instituto de

Educação de Goiás (IEG) no ano de 1939



Fonte: Acervo Bento Alves Araújo Jayme Fleury Curado (1939)¹⁶.

Amália, de acordo com Corrêa e Oliveira (2019), é sinônimo de transformação educacional, visto que sua luta ajudou e acarretou melhorias para o ensino. Nesse sentido, Curado (2016b) pontua que Amália fez o curso de Samaritanas Socorristas, promovido pela Comissão Estadual da Legião Brasileira de Assistência (LBA), em novembro de 1942, juntamente com outras jovens. Assim, compreendemos a importância que a professora atribuía à vida humana em sua totalidade. Amália compreendia a realidade existente em sua época, defendia seu ponto de vista e proporcionava aos seus alunos conhecimento com dignidade e liberdade, sem retirar a essência da educação e o respeito pelo próximo (CORRÊA; OLIVEIRA, 2019; CURADO, 2016a, 2016b).

Foi integrante da delegação goiana na X Conferência Nacional de Educação, promovida pela Associação Brasileira de Educação (ABE). Curado (2016b) destaca que a conferência foi realizada no Rio de Janeiro, em novembro de 1950, e que nesse âmbito Amália apresentou suas ideias e contribuiu de maneira exponencial com os dados referentes ao ensino no estado de Goiás que, de maneira geral, não acompanhava o resto do país. Esses dados foram necessários para a elaboração do projeto de Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional.

Em sua trajetória, Amália Hermano Teixeira ganhou uma bolsa de estudos do Ministério

¹⁶ Nota: Amália está ao centro de conjunto blazer, saia e sapatos brancos; Ofélia Sócrates do Nascimento Monteiro está à direita de Amália com vestido preto de bolinha. Não foi possível identificar as demais pessoas da fotografia. Entramos em contato inclusive com o Colégio Estadual Professor José Lopes Rodrigues, localizado em Aparecida de Goiânia, em busca de uma foto dele, na tentativa de comparar com a Fotografia 6, mas informaram que não tinham. A busca na internet, no Google Lens (imagem), também nada localizou.

da Educação e Cultura, dirigido na época pelo Ministro Clóvis Salgado, no ano de 1957. A bolsa se referia à pesquisa de história no Rio de Janeiro e em São Paulo, na Biblioteca Nacional, no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e em instituições congêneres, à disposição da Secretaria de Educação e Cultural. No ano seguinte, em 1958, inicia seu trajeto como dirigente da Revista de Educação, que se estende até meados do ano de 1963, publicando do número 37 ao 52 para a pasta oficial do órgão público (CURADO, 2016b).

Nesse cenário de congressos e debates públicos, Amália representou o estado de Goiás no II Congresso Nacional de Educação de Adultos, que ocorreu no ano de 1958, no Rio de Janeiro (9 a 16 de julho), participando ativamente na campanha para a Educação de Adultos. Foi a primeira diretora do estabelecimento da magnífica cruzada encetada em Goiás – Ginásio Professor Ferreira. Nesse âmbito, Curado (2016b, p. 6) destaca que Amália Hermano contribuiu nas instalações congêneres e no aperfeiçoamento da educação para adultos no país e, juntamente com Alfredo Nasser, conseguiu “[...] a primeira dotação para os cinco ginásios da campanha”.

Pereira (2017, p. 9) enfatiza que a professora “[...] acreditava no sistema de ensino brasileiro e na parceria com as pesquisas científicas juntamente com as políticas públicas”. Nesse sentido, para ela, a educação seria ampla e os problemas existentes no cerne da sociedade seriam sanados. A partir da referida autora, entende-se que Amália destaca que os problemas enfrentados pela sociedade são característicos da ignorância de pessoas que desprezam a natureza. Para ela, apenas um sistema educacional amplo, justo e democrático sanariam esses problemas. Apesar das dificuldades, ela sabia que seria possível implantar suas ideias juntamente com ações governamentais que auxiliassem a população e, através da educação, poderia ser possível conscientizar as pessoas para que entendam a importância em preservar o meio ambiente. A professora compreendia que as ações humanas eram regidas pela ignorância, proeminente da mentalidade daquele tempo.

Amália participou do II Simpósio de Professores Universitários de História. O evento foi realizado em Curitiba, entre os dias 27 e 31 de outubro de 1962. Curado (2016b) destaca que Amália defendeu a comunicação, a propriedade e o uso da terra, na qual tinha ciência de que a degradação da natureza era parte de um processo histórico interligado diretamente na ação humana que se iniciou no período colonial. Desse modo, ela não julga essas ações, pois sabe que elas fazem parte de um processo. Ela, como professora, aponta meios de mudança que seriam eficazes através da educação.

No ano de 1963, Amália recebeu manifestações de apreço por parte de colegas e ex-alunos, autoridades – como o reitor da universidade federal – e do governo estadual, que enaltecem sua brilhante trajetória como educadora, agradecendo sua dedicação e os serviços

prestados à causa educacional e a Goiás (CURADO, 2016b). No mesmo ano, a Assembleia Legislativa fez constar, na ata 20 de maio de 1963, o voto, expressando “[...] o reconhecimento do Poder Legislativo pelos serviços que, como educadora, prestou ao Estado ao longo da sua brilhante carreira à professora Amália Hermano Teixeira” (CURADO, 2016b, p. 11).

A professora também foi homenageada especial do Colégio Santa Paula, pela diretora, corpo docente e discente desse educandário, onde recebeu diploma e placa de prata, durante a VI Semana Cultural. Também, seu trabalho educacional em prol da sociedade foi reconhecido em 3 de outubro de 1983, no Clube Soroptimista de Goiânia, recebendo medalha e um crachá de honra e mérito como pioneira de Goiás, em 8 de dezembro de 1984.

Curado (2016b, p. 11) salienta que “[...] na qualidade de madrinha dos formandos do Colégio Santa Paula e Colégio Integral, recebeu placa de prata e diploma, testemunhando-lhe admiração e amizade”, reconhecimento de uma vida de muito trabalho em busca de uma educação justa. O intuito de Amália era disseminar entre os estudantes o gosto pelo ensino rural, ensinando-os a aprender fazendo, valorizando o campesino e as relações entre educação e o campo.

Como se pode notar, os estudos até aqui empreendidos mostram que, ao defender a Escola Nova, devido às experiências que vivenciou em outras partes do país, como Rio de Janeiro e São Paulo, Amália acreditava no avanço da educação no estado goiano por essa perspectiva, que até então se encontrava em atraso. Pereira e Oliveira (2017) enfatizam que a professora priorizava o aprendizado como algo genuinamente satisfatório. Assim, o embate entre a escola nova e a tradicional retrata a abertura que possibilitou a otimização do ensino, tornando o aluno atuante no processo de aprendizagem.

A visão de Amália na educação desenvolveu criticidade em outros profissionais de ensino que estavam se formando após um período marcado pela Ditadura Militar, regime que tinha como preocupação sanar a criticidade da população, fundamentando um ensino político e educacional autoritário.

Se atendo as considerações de Martins (2018), é possível perceber que Amália, devido suas múltiplas atuações no cenário político como funcionária, se destacou como figura pública. Para a autora, embora ela apresentasse um discurso que recusava afirmar uma dada preferência partidária ou ideológica, através dos cargos e papéis que assumiu teve a oportunidade de ser, por muitas vezes, a voz representante do governo em vários de seus discursos, ao colaborar para a concretização do planejamento e aplicação de práticas educativas e delineamento de projetos, bem como na organização e divulgação das concepções advindas do movimento escolanovista em Goiás. Nessa direção, Martins (2018, p. 60-61) assegura que:

Mesmo ao negar qualquer interesse ou participação política partidária, o que era muito comum entre os intelectuais no contexto da nova república, Amália Hermano Teixeira teve uma participação política efetiva, justificada como sendo as propostas governamentais como leis que deveriam ser cumpridas da melhor maneira possível; na cultura apresentada e imposta nos novos padrões goianos, os intelectuais serviam como bons soldados, de combatentes da ignorância do povo em prol da cultura, da instrução da população e colocavam como interlocutores das mais diversas teorias com o propósito de proporcionar a formação de uma população mais culta. Credita-se a Amália Hermano Teixeira uma característica muito utilizada pelos intelectuais da época: a característica de participar ativamente como funcionário público que não se envolvia em política; conquanto, atendia as mais diversas manifestações em favor da política atuante, com a justificativa de servir da melhor forma possível ao seu estado, sendo uma funcionária exemplar.

É oportuno enfatizar, diante disso, que no campo da educação Amália trouxe consigo a pungente questão da defesa do meio ambiente, além de compreender a relevância do homem campestre para a manutenção e preservação do meio ambiente (OLIVEIRA; LEMES, 2018). Estando à frente dos Clubes Agrícolas do estado de Goiás por vários anos, Amália produziu vasto material (artigos, livros etc.) que demonstrava sua valorização a esse meio.

Dentre os artigos publicados, alguns voltavam-se para o entendimento do público sobre o ensino rural, como: *Problemas do ensino rural brasileiro* (TEIXEIRA, 1942b); *Orientação Vocacional* (TEIXEIRA, 1944b); e *A Criança e as Atividades Agrícolas* (REVISTA DE EDUCAÇÃO, 1946b). Inclusive, encontramos uma crônica publicada em 1991, afirmando que Amália Hermano Teixeira publicou mais de 100 trabalhos (CARAUTA, 1991). Entretanto, na referida obra, os trabalhos não são referenciados.

Amália, nos demasiados eventos científicos que participou, defendeu seu ponto de vista. Uma cronologia da trajetória de Amália nestes locais pode ser vista no Apêndice A, dos quais destacaremos, a partir de agora, os mais significativos, aqueles ligados aos momentos-chave de sua carreira.

Iniciam-se no ano de 1936, sendo que o primeiro trata da Semana Ruralista; o segundo, tem a denominação de Semanas de Atividades Rurais; o terceiro e, talvez, o que possua mais significado entre os três, foi a Primeira Semana de Atividades Rurais no Estado de Goiás, evento ocorrido em Goiânia, no mês de agosto. Nesse último, Amália contou com a ajuda de Manuel Almeida e “[...] com o patrocínio do Departamento de Propaganda e Expansão Econômica do Estado de Goiás” (BARBOSA, 2017, p. 94).

Em 1937, como já pontuado, ocorreu o I Primeiro Congresso Estadual de Educação. No evento, Amália Hermano Teixeira, conforme Martins (2018, p. 123), “[...] teve destacada atuação [...] apresentando trabalho sobre Ensino Rural Brasileiro”. As publicações de Amália da década de 1930, continua a autora, discutiam basicamente o “[...] contexto a que Goiás estava inserido, como a construção da Nova Capital, [e] as mudanças na educação que apresentavam

novas propostas de estudo, entre elas a implantação dos grupos agrícolas [...]”.

Na década seguinte, mais precisamente no ano de 1942, Amália participou do 8º Congresso Brasileiro de Educação, onde divulgou um trabalho sobre Ensino Rural (CURADO, 2016b). Em artigo publicado na Revista Oeste sobre o evento, Amália relata:

E Goiânia que, de braços abertos, recebe essa plêiade de mestres, que vêm emprestar seu brilho inigualável às festas comemorativas do seu batismo cultural. Assunto de relevância o assunto que aqui será desenvolvido por elementos exponenciais da educação do Brasil, qual seja o dos problemas da educação primária fundamental da população brasileira, principalmente relacionados com as zonas rurais (TEIXEIRA, 1942a, p. 47).

Procurou, no 8º Congresso Brasileiro de Educação, “[...] imprimir à educação brasileira a orientação de muito reclamada” (TEIXEIRA, 1942a, p. 47). Ela ainda pontua que um dos principais problemas educacionais no Brasil está na qualidade do ensino rural. Para a autora, investir na educação rural é investir no progresso da nacionalidade (TEIXEIRA, 1942a). Nesse sentido, ela afirma:

Convencemo-nos de que nas zonas rurais é que se encontram as garantias do País. E a questão está em fixar o homem rural em seu meio, evitando o êxodo dos habitantes camponeses para a cidade. [É preciso] levar o conforto, educação àqueles que têm vivido em quase completo desprezo, criando uma higiene rural, e uma educação rural (TEIXEIRA, 1942a, p. 47).

Os temas desenvolvidos nas sessões do 8º Congresso Brasileiro de Educação pelos professores convidados, segundo Amália, foram: “[...] o professor rural, as colônias-escolas para certas zonas de densidade demográfica rarefeita, o problema da frequência escolar, o encaminhamento dos alunos que deixam a escola primária para escolas de nível mais alto ou para o trabalho, assistência social, entre outros” (TEIXEIRA, 1942a, p. 48).

Como se pode notar a partir dos excertos acima, que também são confirmados por Martins (2018, p. 124), as publicações de Amália da década de 1940 mencionam suas participações nos congressos com forte apelo aos temas do “[...] ensino, amor à natureza e à consolidação dos clubes agrícolas”. Ainda conforme Martins (2018, p. 124), esse “[...] período foi [quando] a autora se destacou com participações assíduas na Revista Oeste”, além de muitas outras.

Em 1950, como relata Curado (2016b, p. 6), Amália “[...] integrou a delegação de Goiás à X Conferência Nacional de Educação promovida pela Associação Brasileira de Educação (ABE)”, evento este realizado no Rio de Janeiro no mês de novembro de 1950. O autor explica que, na ocasião, Amália foi uma das responsáveis em contribuir, como já citado, “[...] com dados sobre o ensino em Goiás, necessários à elaboração do projeto de Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional”.

Dois anos depois, em 1952, Amália, incansável educadora em prol da educação rural,

participou do IV Congresso Brasileiro de Escritores, no qual apresentou sua tese que, devido sua repercussão, foi, em seguida, publicada no *Jornal de Notícias*, veículo de informações de Goiânia, no dia 5 de outubro de 1952:

Inicialmente a Sociedade dos Amigos de Alberto Torres – (SAAT), através da Federação Brasileira de Clubes Agrícolas, orientou e assistiu a inúmeras dessas agremiações, criadas nos diversos Estados. O Ministério da Agricultura, pela Secção de Clubes Agrícolas, subordinada ao Serviço de Informação Agrícola (SIA), deu continuidade e apoio àquela federação [...] (TEIXEIRA, 1952, p. 5).

A tese de Amália tem como título *O Clube Agrícola – Fator de democratização do ensino*. A professora, ao desenvolver o referido estudo no IV Congresso Brasileiro de Escritores, falou sobre o “[...] conceito de clube agrícola, como urgiram os clubes agrícolas no Brasil e Fundação do clube agrícola escolar” (BARBOSA, 2017, p. 108). Em suas próprias palavras, Amália descreve que:

Entre as instituições auxiliares do ensino, é o clube agrícola a de maior eficiência, pois se transforma em verdadeiro centro de motivação da escola, de socialização, de democratização do trabalho. Atende ao imperativo da moderna pedagogia, que vê no despertar do interesse da criança o ponto fundamental para o êxito no progresso da aprendizagem. O clube agrícola exercendo decisiva influência no ensino público rural do país, dignifica o trabalho manual e incute na infância e juventude o amor à terra (TEIXEIRA, 1952, p. 5).

A intelectual goiana mantém seu discurso dos anos anteriores e reforça a importância dos clubes agrícolas e o potencial da educação rural, que envolve essa modalidade de ensino. Ela deixa evidente sua posição quando observamos a eficiência, influência e o modelo contemporâneo de educação assegurados nos clubes agrícolas.

Em 1954, outro importante evento ocorreu: o I Congresso Nacional dos Intelectuais (Fotografia 7 e Fotografia 8). Tudo começou dois anos antes, quando Bernardo Élis e Jorge Amado ajudaram Amália no convite aos palestrantes, no ano de 1950 (MARTINS, 2018, p. 84). Curado (2016b, p. 7) esclarece que Amália “presidiu a Comissão Social do Primeiro Congresso Nacional de Intelectuais, realizado em Goiânia, de 14 a 21 de fevereiro de 1954, que reuniu os mais expressivos intelectuais brasileiros e do exterior, representados 14 setores da literatura, arte e ciências”.

Fotografia 7 - I Congresso de Intelectuais de Goiânia, em fevereiro de 1954



Fonte: Acervo de Bento Alves Araújo Jayme Fleury Curado (1954)¹⁷.

Fotografia 8 - I Congresso Nacional de Intelectuais



Fonte: Capel ([202-?])¹⁸.

¹⁷ Nota: Amália Hermano Teixeira (primeira à esquerda), Regina Lacerda, Frei Confaloni e Jorge Amado no churrasco para os intelectuais.

¹⁸ Nota: Regina Lacerda entre intelectuais e artistas, em 1954, em Goiânia. Fotografia de autoria desconhecida. Acervo MIS – GO. Churrasco reunindo Regina Lacerda, Amália Hermano Teixeira (na parte superior esquerda de blazer escuro), Francisco Xavier Almeida Júnior, Eli Brasiliense, Bernardo Élis, Violeta Metran e Frei Confaloni, entre outros intelectuais e artistas, por ocasião do I Congresso Nacional de Intelectuais.

Além de presidir a referida comissão, Amália foi responsável por apresentar nesse evento “a [seguinte] indicação: Da necessidade de assistência aos clubes agrícolas escolares e dotações orçamentárias para construção e instalação de Escolas Normais e Rurais no Estado” (CURADO, 2016b, p. 7). Capel ([202-?], p. 16) relata, em artigo publicado no site da União Brasileira de Escritores – Seção Goiás (UBE/GO), que:

Sob a presidência de Xavier Júnior e assessorado por mais de cinquenta intelectuais goianos, o Congresso perseguiu os seguintes objetivos: defender a cultura brasileira e estimular seu desenvolvimento, preservando suas características nacionais; promover o intercâmbio intelectual entre os povos; discutir os problemas éticos e profissionais dos intelectuais.

Participaram do I Congresso de Intelectuais de Goiânia de 1954 “[...] nomes internacionais como Pablo Neruda (Chile), Fernando Correa Silva (Portugal), René Depreste (Haiti), Gabriel Darboussier (França), Assunción Flores (Paraguai)”, de outros lugares do país, e, é evidente, nomes de peso do Brasil, como Jorge Amado e diversos intelectuais goianos, completa Capel ([202-?], p. 16). Estavam presentes “mais de 300 personalidades ligadas à área cultural” do Brasil além de “nove delegações estrangeiras” (BARROS, F., 2018, p. 9). Pablo Neruda, por exemplo, discursou na abertura que ocorreu no Cine Teatro Goiânia.

O acontecimento reuniu “artistas plásticos, cineastas, teatrólogos, arquitetos, cientistas, juristas, músicos, cantores, clérigos, folcloristas e jornalistas e professores renomados que estavam entre os maiores intelectuais da época” (BARROS, F., 2018, p. 18). Ainda, como revela o autor:

A organização, que envolvia uma estrutura complexa, deveria ser conduzida com habilidade, uma vez que não poderia dar a entender que era uma — tarefa exclusiva dos comunistas, que atuavam na clandestinidade (como já foi lembrado), mas o verdadeiro — mentor intelectual, como reconheceu em suas memórias, era mesmo Jorge Amado. Tornava-se imperioso construir uma — bandeira ou — ideia-síntese que pudesse unificar diferentes correntes ideológicas. Sendo assim, a defesa da — cultura nacional foi o amálgama sobre o qual todos comungavam (BARROS, F., 2018, p. 18).

Em 1958, aconteceu o II Congresso Nacional de Educação de Adultos. Sobre esse evento, há uma divergência de datas entre Curado (2016b) e Martins (2018). O primeiro autor relata que o evento aconteceu em 1958, entre os dias 9 e 16 de julho. Já a segunda autora aponta que ocorreu em 1959. Porém, a própria Amália descreve em sua biografia publicada no livro *Escritores em Ação* que o ano foi 1958 (UNIÃO BRASILEIRA DE ESCRITORES, 1986).

Durante o Congresso, Lourenço Filho fez um discurso em uma das conferências, o qual Amália Hermano Teixeira não só transcreveu, mas publicou na Revista de Educação (edição de janeiro/fevereiro, n. 37, de 1959), pois, na época, ela era diretora da referida revista (MARTINS, 2018). Segue um trecho do discurso proferido por Lourenço Filho e transcrito por Amália:

Queiramos, ou não, voltamos ao ponto de partida, como numa petição de princípios: para que exista democracia é preciso um povo educado; e para que se eduque o povo será necessário que vigorem instituições democráticas, as quais para legítima expressão, tem de apoiar-se numa população devidamente preparada para isso. Como solver esse dilema? [...].

Não será ele solvido por meras considerações teóricas ou aspirações de natureza romântica. A educação do povo se exerce, como se exercia nos grupos estáveis e de lenta mudança no passado, pela transmissão de ideais e sentimentos das gerações mais velhas as mais novas, sem maior sentido de previsão ou será preciso que órgãos detentores do controle social, como os do estado, da igreja, do trabalho, assumam um papel de maior compreensão em face dos graves problemas do futuro. Entre todas, porém, as instituições do estado têm maior ascendência nesse processo. E então, caímos em outro dilema. A difusão da educação pelo estado custa dinheiro; mas o dinheiro do estado não é senão o dinheiro arrecadado ao povo. Logo, a ação educativa do estado estará sempre na dependência da capacidade produtiva do próprio povo, ou dos recursos e da capacidade que ele tenha, para criar a riqueza. Não há que fugir daí. Como regra geral, os países que longo e extenso, dá-se no tempo e no espaço, exige, continuidade e organização, responde às exigências de série. Funda-se na capacidade de criar a riqueza de maneira estável e contínua (REVISTA DE EDUCAÇÃO, 1959, p. 46).

Na fala acima, é perceptível a importância que Lourenço Filho teve para os escritos de Amália. Ela, incansável defensora da educação rural, viu no discurso pontos que dialogavam com as diretrizes que ela acreditava. Talvez, uma releitura do que ela, Amália, acreditava ser necessário para a melhoria da educação rural em Goiás. Esse pensamento fica confirmado quando observamos o que diz a intelectual diz em dois momentos distintos da reportagem/artigo. No primeiro momento, tem-se a seguinte fala:

O Ministério da Educação e Cultura, com a cooperação da Secretaria Geral de Educação e Cultura do Distrito Federal, através do Ministro Clóvis Salgado da Gama e do Prefeito Sá Freire Alvim, frente ao sério e apaixonante problema da educação de adolescentes e adultos, reconhecendo nossas graves deficiências sociais, decorrentes de alterações na estrutura econômica e condições de vida do país, deliberou convocar educadores de todo o Brasil para um balanço geral do que se fez nesse setor e tomar medidas para o futuro. [...] Tôda a matéria constante do Temário do Congresso interessou a Goiás, uma vez que Governos estadual e municipal, instituições de caráter privado e particular de nosso estado devem se empenhar vivamente em prol da campanha pela educação de adolescentes e adultos, que não puderam por motivos vários [...]. Honrada com a escolha do meu nome pelo dr. Wilson Lourenço Dias [...] para representar Goiás no II Congresso Nacional de Educação de Adultos (REVISTA DE EDUCAÇÃO, 1959, p. 34-36).

No segundo momento da publicação, destacam-se a aprovação da proposta, a importância dos ideais de Lourenço Filho e a urgência que Amália tem para que todos possam conhecer as propostas dele. Por isso, ela escreve:

A mais importante resolução do II Congresso Nacional de Educação de Adultos se consubstanciou na criação da ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE EDUCAÇÃO DE ADULTOS. A proposta feita pelo eminente Mestre Lourenço Filho mereceu aprovação entusiástica do Plenário do Congresso, que, a seguir, o elegeu presidente da Associação recém criada. Justificando sua prolongação deste Congresso, ou a vibração permanente de seus ideais, na pregação e nos estudos técnicos da questão. Seria, depois, a difusão destes mesmos ideais por todo o país. Um dos resultados da Associação A carta de Educação de Adultos, síntese dos trabalhos do II Congresso, documento importantíssimo, mereceu ampla divulgação através da imprensa de todo

país e o povo goiano dela teve conhecimento pelas RA (REVISTA DE EDUCAÇÃO, 1959, p. 35).

Conforme os estudos de Martins (2018), havia grande admiração de Amália pelas ideias de Lourenço Filho. Um dos elos em comum entre os dois intelectuais reside “[...] principalmente no que se refere ao ensino rural” (MARTINS, 2018, p. 83). Nesse sentido, os estudos têm colocado lado a lado, ao que se trata dos estudos escolanovistas, as duas figuras. Ambos viam nas diretrizes escolanovistas e nas atividades educativas ligadas ao ensino rural elementos que poderiam ser utilizados para a formação do homem rural.

Ainda sobre o II Congresso Nacional de Educação de Adultos, destacamos que a escolha do nome de Amália Hermano Teixeira para representar o evento foi de responsabilidade do titular da Secretaria de Educação da época, o Dr. Lourenço Dias. Alguns acontecimentos da trajetória de Amália demonstram o alcance das redes de sociabilidades profissionais e pessoais das quais Amália estava envolta. Em seus escritos, ela manifesta isso ao citar os nomes daqueles que a indicaram e ajudaram de alguma forma na concretização dos seus projetos (MARTINS, 2018; REVISTA DE EDUCAÇÃO, 1959; TEIXEIRA, 1993).

Em 1962, Amália também participou do II Simpósio de Professores Universitários de História da Associação Nacional de Professores Universitários de História (Anpuh), realizado em Curitiba, dos dias 27 a 31 de outubro do referido ano. Até onde se pode perceber, com base na literatura investigada, esse foi o último evento educacional que a intelectual participou.

O tema proposto para esse conclave – que foi organizado em quatorze sessões – foi: A propriedade e o uso da terra. Além disso, “nesse encontro da Anpuh, ficou evidenciado o engajamento da entidade nos debates contemporâneos acerca do lugar do ensino de história, da profissionalização do professor de história e da relação entre ensino universitário e pesquisa” (FERREIRA, 2013, p. 62). Por ser, como já dito, o último evento educacional do qual participou, é preciso que apresentemos a seguir como ocorreu, em linhas gerais, o II Simpósio da Anpuh:

As solenidades desse II Simpósio tiveram início na vizinha capital paranaense às 15 horas do dia 27 de outubro, com o ato inaugural da Exposição de Cartografia Histórica relativa à "Ocupação das terras meridionais do Brasil", organizada pela Diretoria do Serviço Geográfico do Exército em homenagem ao Simpósio. A cerimônia foi presidida pelo General Admar de Oliveira Cruz, Diretor do Serviço Geográfico, havendo o mesmo usado da palavra, bem como o Prof. Brasil Pinheiro Machado, da Universidade do Paraná, que agradeceu em nome do Simpósio. A seguir, o Major Sebastião da Silva Furtado, chefe da seção de Cartografia Histórica da Diretoria: do Serviço Geográfico, acompanhou, com explicações, os visitantes, mostrando-lhes as cartas expostas. Às 17 horas, [...] no Auditório da Reitoria da Universidade do Paraná, teve início [...] a sessão solene de instalação, presidida pelo Reitor Flávio Suplicy de Lacerda, e outras personalidades, além dos professores participantes do II Simpósio. [...]. A noite, às 21 horas, foi realizada a 1ª. Sessão Plenária [...] (RODRIGUES, 1963, p. 549).

Durante a sessão de abertura do evento supracitado, Amália não usou a palavra. Após o término da sessão, “[...] no Átrio do Auditório da Reitoria, foi servido um Coquetel aos participantes do Simpósio, oferecido pelo Reitor da Universidade do Paraná” (RODRIGUES, 1963, p. 549). Com isso, prosseguindo nos acontecimentos do evento:

No dia 28, domingo, a Comissão Executiva do Simpósio, propiciou uma excursão à Paranaguá, onde, além da oportunidade de conhecerem a Estrada de Ferro que liga a Capital paranaense àquela cidade histórica, e do belíssimo panorama da Serra do Mar, os Professores tiveram o ensejo de visitar a cidade, o pôrto, bem como o antigo Colégio dos Jesuítas e a sede do Museu de Arqueologia e Artes Populares da Universidade do Paraná. Nesta visita, os participantes do II Simpósio foram recebidos e dirigidos pelo Diretor do Museu, Prof. José Loureiro Fernandes. Os simposistas foram recepcionados, com um almoço de pratos típicos de mar, na sede do Clube Olímpico de Paranaguá, pela Prefeitura Municipal, Administração do Porto de Paranaguá e Museu de Arqueologia e Artes Populares.

No dia seguinte, às 9 horas, tiveram início as Sessões de Estudos do Simpósio [...] (RODRIGUES, 1963, p. 549).

Nesse sentido, vale inferir sobre as moções aprovadas no II Simpósio de Professores Universitários de História (Curitiba), em que aparece o nome de Amália Hermano Teixeira, na Moção nº 10. Importante mencionar que – a partir da análise cuidadosa (página por página) nos anais do referido evento – não consta a comunicação na qual Curado (2016b) disse ter Amália defendido.

Segundo esse autor, Amália defendeu nesse evento a comunicação que leva o mesmo título do II Simpósio da Anpuh, qual seja: A propriedade e o uso da terra. Porém, como se pode ser observado aqui¹⁹, essa informação não procede. Confirma esse fato os escritos de Rodrigues (1963, p. 546-549). Essa autora descreve com detalhes os acontecimentos do evento (quem recepciona, quem preside as sessões, os intervalos – café da manhã, almoço, jantar, coquetel, excursão e churrasco) e, também, o dia, hora, autor e títulos das comunicações que ocorreram no II Simpósio da Anpuh.

Ocorre que *A propriedade e o uso da terra* foi o tema do evento, mas os professores que apresentariam as comunicações poderiam desenvolver trabalhos que considerassem os múltiplos problemas suscitados por este tema central, como: “a) Modalidades de posse; b) Formas de exploração - indústria extrativa, lavoura, pecuária; c) Técnicas de utilização; d) Estruturas agrárias” (SIMPÓSIO DOS PROFESSORES UNIVERSITÁRIOS DE HISTÓRIA, 1962, p. 18).

Por fim, “o II Simpósio de 1962 [...], que reuniu cerca de 150 professores de quase todos os Estados brasileiros, representando dezenas de Faculdades de Filosofia e de Ciências Econômicas [...], foi encerrado às 18 horas do dia 31 [...]”. Essa sessão solene de encerramento

¹⁹ Ver Simpósio dos Professores Universitários de História (1962).

foi “realizada na sala da Congregação da Faculdade de Filosofia da Universidade do Paraná [...]”. Usaram da palavra diversas pessoas, “bem como o Reitor Flávio Suplicy de Lacerda, encerrando os trabalhos [...]”. Finalmente, em tom de despedida, foi oferecido um coquetel aos participantes do evento (RODRIGUES, 1963, p. 549).

Os estudiosos do campo educacional de Amália são unânimes ao apontarem que ela promoveu a educação de formas diversas e em várias direções, contribuindo não só para o estado de Goiás, mas, também, para a região Centro-Oeste e todo o restante do território brasileiro. Ela buscou incluir Goiás nos assuntos mais importantes dentro das esferas federais ao estreitar laços com chefes de Estado, jornalistas, escritores, políticos, artistas e instituições diversas, como as educacionais, da área do Direito ou da Botânica, entre outras.

Por meio da literatura investigada até o momento, foi possível perceber que Amália Hermano Teixeira foi ganhando força a partir das posições de destaque que assumia, e conforme se ampliava suas redes de sociabilidade. Ela manteve constância nos eventos educacionais e desenvolveu uma produção ascendente.

Estando Goiânia ainda como cidade provinciana, Amália já despontava e, conforme mudava a configuração da nova capital para moderna e/ou pós-moderna, lá estava ela, moldando-se ao contemporâneo, pois, na verdade, enquanto intelectual de várias faces, se encontrava à frente do seu tempo. Por esse viés, Nunes J. (2001) e Viana (2017) explicitam que Amália foi apaixonada pela vida, que era amante da civilidade, da modernidade e do progresso. Incansável, ela buscou, das formas que lhe foram possíveis: pensar, refletir e construir novos caminhos para o engrandecimento do Cerrado; inovar na educação rural; e, por estar atenta aos acontecimentos revolucionários que estavam acontecendo no mundo, integrava-os à educação rural brasileira.

Amália Hermano Teixeira, como professora, ensinou em sua sala de aula através de metodologias diferentes: levou seus alunos para trabalhos de campo, trabalhou o conhecimento através dos livros e reforçou com outras formas de conhecimento, casando a teoria e a prática de maneira divertida, valorizando novas formas de conhecimento que, no âmbito escolar tradicionalista, eram deixados de lado. O processo de transformação educacional iniciado por ela se espalhou por outras regiões do estado de Goiás, por exemplo, a implementação dos Clubes Agrícolas que ganhou força se unindo aos ideais do escolanovismo (PEREIRA; OLIVEIRA, 2017).

Como característica de Amália, em relação ao professorado, podemos destacar, talvez como um traço mais forte de sua trajetória, a participação ativa e assídua nos projetos que correspondiam aos seus cargos formais. Foi uma figura importante no governo e nos diversos eventos educacionais. Amália, em sua época, foi uma grande motivadora e influenciou muitos

– colegas professores, alunos, amigos e admiradores. Ela se utilizou de sua influência, enquanto importante docente, para promover valores voltados à educação e não menos importante, a cultura e política (MARTINS, 2018).

3.2 AMÁLIA, “AMANTE” DA NATUREZA

De acordo com diversos estudos, Amália Hermano Teixeira participou de eventos educacionais até 1962, ocasião do II Simpósio da Anpuh (BARBOSA, 2017; CURADO, 2016a, 2016b; MARTINS, 2018; TEIXEIRA, 1986, 1993). A partir de então, a intelectual assume a persona voltada para a botânica e passa a participar de eventos dessa natureza (Apêndice A).

Nesse cenário, ela retratou seu interesse pelo bioma do Cerrado e pelas orquídeas, defendeu a preservação da natureza e difundiu a beleza existente no bioma goiano para outras regiões do país (BARBOSA, 2017; CURADO, 2016a, 2016b; MARTINS, 2018; TEIXEIRA, 1986, 1993). Como exposto na literatura investigada até o momento, especialmente no artigo *Amigos da Natureza*, pois foram duas publicações do mesmo trabalho, mas com alguns acréscimos no último (TEIXEIRA, 1960), Amália aponta a destruição que o homem causa na natureza, a falta de respeito pelo meio ambiente e a forma como essas ações prejudicam não apenas o solo, mas os animais e o ecossistema em sua totalidade.

Também, preocupou-se com o futuro, expondo mecanismos de preservação da natureza que, aliando-se à educação, traria resultados significativos para a sociedade e para o meio ambiente. Visto isso, por Curado (2016b, p. 2), Amália é retratada, no centenário de sua vida, como várias flores:

Amália foi flor do campo. Orquídea florida. Caraíba em flor. Bromélia viçosa. Sempre-viva colorindo a paisagem. Boa noite no terreiro dos ranchos. Onze horas enfeitando os quintais. Dália perfumando o ambiente. Sempre-lustrosa derramando suas cores. Margarida branquinha nos campos. Violeta tão florida nos vasos. Melissa com seu cheiro admirável. Gardênia com suas flores exóticas. Flor de lis cantada pelos poetas. Amarilis com suas cores vibrantes. Hortências a se confundir com o azul da tarde. Rosa, com seus perfumes delicados. Alpineia com sua delicadeza. Também como chuva de prata, derramou pétalas por onde passou. Foi cravina delicada, plantada num canteiro de muro. Foi helicônia faceira, abrindo seus cachos. Foi a palma aberta, louvando o Senhor. Foi a tulipa mística e imponente nos jarros. Foi a flor de maio, derramando o vermelho nos vasos. Foi a caliandra de nossos cerrados. A alamandra com sua borda amarela. Uma acácia delicada. A alfazema que nos acalma. A beladona imponente. A azaleia sempre linda. A begônia com sua timidez. Flor de laranjeira com seus perfumes. Foi, sim, a flor do sabugueiro, como um buquê, pulando o muro rebuçado de telhinhas das velhas cidades.

Fotografia 9 - Amália Hermano Teixeira no quintal de sua casa



Fonte: Acervo Bento Alves Araújo Jayme Fleury Curado ([19--]).

É possível identificar, na Fotografia 9, por exemplo, samambaias de muitas variedades, algumas aráceas, a dracena (por trás do banco), lírios da paz (as de folhas grandes), avencas, antúrios, trepadeira. Amália possuía paixão pelas plantas. Rosinha Hermano, sua irmã, relata em entrevista concedida à Martins (2018, p. 97) que a residência, a da fotografia acima, “era uma pequena casa [que esteve cheia de plantas sempre]”. Esse jardim, conforme Curado narra a Martins (2018), era composto por orquídeas e plantas do Cerrado. Em sua casa havia muitas espécies que ela gostava de colecionar, inclusive, essas plantas eram muitas vezes catalogadas por Ângelo Rizzo e Roberto Burle Marx (CURADO, 2016b) – o qual também figura em sua obra *Perfis*.

Em outro trecho da entrevista, Curado (2017 *apud* MARTINS, 2018, p. 146) afirma que na casa de Amália havia vários jardins: “[...] um jardim só de bromélias; [...] no jardim da frente só tinham rosas brancas, só brancas”. Depois, continua o autor, “certa vez ela foi aos Estados Unidos e trouxe uma mudinha de uma rosinha branca que era um cipó”. A casa dela era “orlada com uma cerca de arame para a Rosinha subir” (CURADO, 2017 *apud* MARTINS, 2018, p. 146).

Então, em 1965, foi premiada por possuir uma coleção de orquídeas que contava com várias espécies e participou do Congresso Nacional de Botânica, em Brasília, nos anos de 1965 e 1969, e no estado do Rio de Janeiro, no ano de 1975. De acordo com Curado (2016b, p. 9), ela “foi eleita presidente da Sociedade Brasileira de Floricultura, colaborando em revistas especializadas, como *Orquídea*, (Rio de Janeiro), *Flores do Brasil* (São Paulo)”.

No ano de 1979, apresentou no Mato Grosso do Sul as orquídeas encontradas em território goiano, tornando-se membro da Exposição de Orquídeas e recebendo diversas medalhas. Seu apreço pela natureza e, mais especificamente, pela botânica, transformou um *hobby* em parte da sua vida profissional (CURADO, 2016b). É nesse sentido que Machado (2012) aponta que a discussão em torno da questão ambiental é uma temática que, no século XXI, se tornou obrigatória, com isso, olhar para a historicidade dela é reconhecer sua importância, observando os caminhos que trilhou até chegar ao presente.

Amália, em seu artigo *Amigos da Natureza*, publicado na Revista Oeste, em 1943, destaca a má influência do homem diante da natureza por causa das suas ações destrutivas, e não omite sua indignação ao pontuar que as ações humanas são frutos da ignorância. Logo no início do artigo, ela descreve:

Há muitos, brasileiros de todos os quadrantes ouvem os gritos de proteger, prevenir, reparar. Proteger as maravilhas da natureza, que como dádivas divinas chegam até nós; zelar por esses bens, indispensáveis a própria vida do homem, mas que ele, num utilitarismo alarmante, vem impiedosamente destruindo. Prevenir, no sentido de tudo fazermos para que evitado seja os porvindouros o mal que nos legaram nossos antepassados. Urge também enfrentarmos a tarefa de reconstrução do que os ancestrais houveram por bem desbaratar (TEIXEIRA, 1960, p. 299).

A preocupação de Amália com a natureza se evidencia na citação acima. Em *Amigos da Natureza*, ela apresenta um “guia de proteção à natureza”, referindo-se ao livro *Biogeografia Dinâmica* de A. J. de Sampaio e, inclusive, solicita aos leitores que adquiram a obra. Ela enxerga o homem como fazedor de desertos e expõe a necessidade de preservação da natureza, afirmando que existem maneiras de se contribuir para o cuidado com o meio ambiente, que são: proteger, prevenir e reparar (TEIXEIRA, 1960).

Ainda sobre essa obra, ela completa: “[...] é o melhor guia, sem dúvida, de proteção à natureza” (TEIXEIRA, 1960, p. 299). Para Amália, a obra de Sampaio tem uma característica marcante: “[...] a ciência alia-se à poesia para, juntas, de maneira a mais feliz, instruir e encantar” (TEIXEIRA, 1960, p. 299). Ela cita, também, uma frase de Roquette Pinto, que parafraseou o livro de Sampaio: “*Biogeografia Dinâmica* precisa ser um livro de todos os lares e de todas as escolas”.

Nota-se, com essa ênfase – não sobre o livro, mas sobre a natureza – uma preocupação de Amália em como instruir a população a enxergar de modo racional (ciência) e romântico (poesia histórica/do cotidiano) essa causa, agora seu objeto de atenção, desejo e estudo. Amália, sobre a preservação dos bens naturais, está ciente de que um trabalho árduo a espera ao descrever que “[...] não é empreitada que se dê conta em pouco tempo; requer paciência, ação energética, constante, generalizada, animadora” (TEIXEIRA, 1960, p. 299). Nesse sentido,

Pereira (2017) aponta que a autora entendia que a humanidade agia de forma egoísta, levando em consideração apenas as necessidades momentâneas, sem pensar que as ações desencadeariam problemas futuros.

Ela, como orquidófila, aponta ser isso possível, pois através da botânica encontrou um meio de preservar a flora, divulgando a beleza das flores, por meio da sua coleção, e defendendo “[...] a observância ao Código Florestal” e o “grau de cultura [do] povo” (TEIXEIRA, 1960, p. 13). Em outras palavras, indica o estudo e o conhecimento como bases para um país que preserva sua natureza. Ao fazer essa análise, a educadora acredita que “[...] os professores em conjunto com o poder público e os cientistas podem contribuir para a formação eficiente” e que as mudanças se dariam por meio do ensino (PEREIRA, 2017, p. 34).

Nessa perspectiva, a autora também afirma que a paixão de Amália pela botânica chama atenção e seu ponto de vista sobre a preservação da natureza é característico da sua personalidade enquanto professora e pesquisadora (PEREIRA, 2017). Com isso, é importante refletir, principalmente, que “[...] na época em que ela viveu, o estudo sobre a botânica não era comum”, ou seja, pouco se falava e se estudava a respeito (PEREIRA, 2017, p. 23).

Diante desse contexto, seu esposo, Maximiano da Matta Teixeira, após se aposentar, em 1959, “torna-se membro da Sociedade Botânica do Brasil” e, nas palavras de Amália, ele “entrega-se à campanha pela preservação de nossa fauna e flora [...]” (TEIXEIRA, 1993, p. 262). Percebe-se, então, que ele acreditava nas mesmas causas defendidas por ela.

Fotografia 10 - XX Congresso Nacional de Botânica, realizado em 1969, em Goiânia



Fonte: Acervo Jordana Hermano (1969).

Na Fotografia 10, referente ao XX Congresso Nacional de Botânica, ocorrido em Goiânia, nos dias 19 a 26 de janeiro de 1969, e organizado pela Sociedade Botânica do Brasil,

Amália é a primeira da esquerda para direita, usa um vestido preto de modelagem *slim*, de tecido plano, sem mangas ou alças. Ela participou como Secretária-Tesoureira, além de apresentar e publicar um de seus estudos de maior visibilidade e importância, segundo Curado (2016a), que será abordado mais adiante.

O *hobby* de Amália de colecionar e cultivar orquídeas passou a ser um campo de destaque em sua vida, fato percebido posteriormente, quando organizou as primeiras exposições de orquídeas e plantas ornamentais de Goiás.

Organizou, em 1957, as primeiras exposições de orquídeas e plantas ornamentais de Goiás patrocinadas pelo então Secretário de Estado de Viação e Obras Públicas, Jornalista Jaime Câmara; e a I Exposição da Sociedade Goiana de Orquidófilos, ajudada pela Prefeitura Municipal de Goiânia (1966) (CURADO, 2016b, p. 10).

Ela constituía expedições em busca de orquídeas nativas do Cerrado e seu esposo sempre estava junto na busca por novas espécies dessa planta:

Amália Hermano projetou Goiás nos cenários nacional e internacional ao descobrir a orquídea que foi classificada em 1978 com seu nome, *Cattleya amaliae*. A orquídea que ela e seu marido descobriram em 1977 no município de Taguatinga, Goiás, foi classificada pelo taxônomo PABST com o nome de *Cattleya nobilior Amaliae*, como se vê em Bradea nº 33, Boletim do Herbarium bradeanum, de 15 de março de 1978, e incluída no catálogo internacional de orquídeas (CURADO, 2016b, p. 11).

Nas referidas expedições, depararam-se com a árvore do papel. A pedra que está na Fotografia 11 é uma réplica. Alguns anos antes, encontrava-se a original Pedra Goiana e, como se pode imaginar, “[...] o cenário era propício para o registro fotográfico do monumento geomorfológico e [assim] guardá-lo para a posteridade”. Infelizmente, “[...] o monumento geológico [natural/original] sofreu vandalismo na década de 1960 e que culminou em sua queda” (MACEDO-ECKEL, 2019, p. 1).

O vandalismo foi uma ação planejada por uma gangue de “nove playboys da Cidade de Goiás”, que desejam se tornar famosos pela ação (MACEDO-ECKEL, 2019, p. 2). Mesmo após o ocorrido, e com a abertura de inquérito, jamais sofreram punição pelos atos confessos do dia 11 de julho de 1965. A população goiana, após o vandalismo, passou a sonhar com a possibilidade da “execução de um projeto que devolveria a Pedra Goiana ao seu local e forma originais” (MACEDO-ECKEL, 2019, p. 3). Como desejado, ocorreu (Fotografia 11):

Fotografia 11 - Amália Hermano Teixeira na Pedra Goiana



Fonte: Acervo de Bento Alves Araújo Jayme Fleury Curado (1960).

Na Fotografia 11, foi possível identificar, junto ao Departamento de Botânica da Universidade de Brasília (UnB), a *Árvore do Papel* (*Tibouchina Papyrus*), a *Bromélia Aechmea*, as *Cactáceas* (cactos *Pilosocereus vilaboensis*) e uma orquídea com pseudobulbos que parecem bananas, possivelmente um *Cyrtopodium*.

Curado (2016a, p. 308), em sua tese – *Inventário das cinzas: Brasas dormentes da produção literária sobre o Cerrado em Goiás* –, esclarece que a pedra da foto acima é uma réplica, conforme se segue: “na sua reprodução da Pedra Goiana existente na Praça Vila Boa no Setor Oeste em Goiânia, defronte ao Hospital São Salvador, nos anos de 1960”. Nesse local, Amália “coordenou o plantio de um papiro que anos depois foi arrancado e a pedra [de novo] também derrubada”. A professora sugeriu que esta espécie, o papiro, fosse o símbolo do nosso estado, vindo ser, mais tarde, substituída pelo pequizeiro, completa o autor.

Foi no XX Congresso Nacional de Botânica, citato anteriormente, que Amália apresentou e depois publicou:

Seu estudo sobre a *Árvore do Papel* – *Bitouchina papyrus* (Pohl) Toledo, apresentada ao XX Congresso de botânica, realizado em 1969, em Goiânia, publicado nos respectivos Anais, teve grande repercussão, e baseado nele, o chefe da Seção de Floricultura e Plantas Ornamentais do Instituto Agronômico de Campinas, São Paulo, Dr. Hermes Moreira de Souza, sugeriu à Assembleia Legislativa de Goiás adotasse o Papiro, somente nativo neste Estado, a planta representativa de Goiás (CURADO, 2016b, p. 9).

Encontramos na letra do referido dispositivo legal, o seguinte texto: “Art. 1º - Fica a ‘Árvore do Papel - *Tibouchina Papyrus*, Pohl, Toledo’ considerada a planta símbolo representativa do Estado de Goiás” (GOIÁS, 1972, p. 1). De acordo com Teixeira (1974, p. 21 *apud* CURADO, 2016b, p. 13), “o papiro da Serra Dourada é árvore símbolo do Cerrado brasileiro. É ícone, é marca identitária. Nenhum Bioma o apresenta com tanta riqueza e singularidade quando no alto evocativo da Serra altaneira descortinando o que seria mais tarde o nosso Goyaz”.

Fotografia 12 - Árvore do Papel - *Tibouchina Papyrus*



Fonte: Guimarães (2020).

Essa arvoreta pode chegar a três metros de altura. Ela tem ramos quadrangulares, folhas opostas, ápice agudo e acuminado, base obtusa a arredondada, ambas as faces adpresso-estrigosas, nervuras 3 ou 5, basais. Flor pentâmera, séssil; hipanto 8-10 x 5-7 mm; lacínias 2-3,5 x 2-3,5 mm, persistentes durante o desenvolvimento do fruto; pétalas roxas. Espécie rara, típica de Cerrado rupestre, somente encontrada em poucos locais de Goiás, Tocantins e Mato Grosso. Espécie caducifólia, que perde todas as folhas durante o período da seca e exsuda (Fotografia 12). Nesse período, pelos troncos e galhos uma substância pulverulenta branca é liberada, a qual a protege do fogo e da seca, assim, os troncos descamam soltando finíssimas cascas como peles ou papel, daí seu nome (GUIMARÃES, 2020).

O estudo de Amália – aquele apresentado, como já aclarado, no XX Congresso de Botânica e publicado nos anais – foi também publicado no Jornal O Estado de São Paulo (no dia 17 de junho de 1973) com o título *A árvore símbolo de Goiás* (TEIXEIRA, 1973). Esta, em Goiás, é conhecida como *árvore-do-papel* ou *quaresmeira-do-papel* e, no Tocantins, é chamada de *araçá-da-serra*; botanicamente tem por nome *Tibouchina Papyrus*).

Extremamente rara, tornou-se a planta representativa do estado pelos demasiados esforços de Amália (TEIXEIRA, 1973, p. 7). A sugestão desse projeto foi “plenamente

endossada [por ela] que a transformou em requerimento dirigido à Assembleia Legislativa de Goiás, pleiteando a elaboração de uma lei [...]”. Ocorreu que “[...] o Poder Legislativo aprovou a proposta e o Executivo a sancionou, transformando-a na Lei nº 7.610, de 30/11/72, depois modificado” (CURADO, 2016b, p. 9).

Diante disso, conforme destaca Teixeira (1973, p. 7), “Goiás tornou-se o primeiro Estado do país a criar sua planta símbolo, abrindo caminho a ser seguido pelos demais Estados com o intuito de voltar atenção do povo para as plantas mais típicas de suas regiões”. Para Amália, é uma atitude recomendável, pois, na época, “os assuntos mais palpitantes [giravam] em torno de ecologia, áreas verdes [e] humanização das grandes cidades”. Amália descreve que a *Tibouchina Papyrus* apresenta uma peculiaridade que logo se destacou: “o tronco e os ramos são envolvidos por camadas superpostas de lâminas de celulose, extremamente finas, brancas e transparentes, que são semelhantes a papel de seda, facilmente descartáveis em pequenas placas” (TEIXEIRA, 1973, p. 7).

Na pesquisa de Martins (2018), que faz o uso das entrevistas como fonte para sua dissertação, um recorte, dentre os demais, chama atenção para o envolvimento de Amália pelas plantas e como dividia isso com seus amigos. Comenta, também, acerca das expedições em que ela e seus convidados, recolhiam e catalogavam plantas do Cerrado e orquídeas: “[...] ela ia em uma rural, carro do tipo antigo; ela, o desembargador Maximiano, geralmente ia o Ângelo Rizzo e Roberto Burle Marx; as pessoas que eram responsáveis pela classificação de plantas” (CURADO, 2017 *apud* MARTINS, 2018, p. 111). A Fotografia 13 retrata um desses momentos de explorações vividos por Amália e seus amigos.

Fotografia 13 - Amália Hermano e Roberto Burle Marx em expedições



Fonte: Acervo Bento Alves Araújo Jayme Fleury Curado.

A planta em frente à Amália, na foto acima, pertence ao gênero *Philodendron*, da família

Araceae, e tem por nome Guaimbê: *Thaumatococcus bipinatifidum*. A coleção de plantas de Amália Hermano em sua residência, segundo Curado (2016b) chamava a atenção de todos que as viam. Inclusive, ela foi premiada por isso:

Recebeu diploma e medalha em 03 de setembro de 1965, por ocasião da Exposição Nacional de Orquídeas, comemorativa do IV Centenário do Rio de Janeiro, pela apresentação de plantas de sua coleção, e a 19 de novembro de 1966 recebeu certificado comemorativo do Centro Paulista de Orquidófilos (CURADO, 2016b, p. 10).

É importante salientar o que trazem Araújo, Rodrigues e Catão (2017, p. 46-47), no verbete *Amália Hermano Teixeira* – encontrados no *Dicionário de Educadores e Educadoras em Goiás: séculos XVIII-XXI*, obra organizada pela Professora Diane Valdez – quando explicam que

A autora toma como referência o trabalho de Alberto Tôres para propor a realização da reforma agrária em Goiás. Amália Hermano destaca a oposição existente entre o campo e a cidade, confirmando uma vocação agrícola do Brasil, salientando o valor econômico da educação rural e faz alusão ao ruralismo pedagógico. Na Revista Oeste, Amália publicou alguns textos. Em um artigo de 1944 intitulado “Orientação Vocacional”, assinala que a orientação agrícola no espaço escolar é importante, e que o professor deve entusiasmar os alunos para a causa educacional.

Ainda nesse verbete, os autores apresentam, em breves palavras, um pouco da vida da professora. Nelas, destacamos três importantes papéis, a saber:

- a) dos trabalhos de Alberto Tôres, inclusive foi referência na proposta da “realização da reforma agrária em Goiás”;
- b) sua visão de que havia “uma vocação agrícola no Brasil”;
- c) sua atuação como “defensora das ideias ruralistas [educação rural], ambientalistas [educação ambiental], [e] dos aspectos históricos e geográficos, com as plantas e a natureza [...]” (ARAÚJO; RODRIGUES; CATÃO, 2017, p. 46-48).

Confirma a análise acima o estudo de Oliveira e Lemes (2018, p. 8), no qual afirma-se que, no campo educacional, Amália “trouxe consigo a pungente questão da defesa do meio ambiente, [...] além de compreender a relevância do homem camponês para a manutenção e preservação” deste. Destarte, como aponta Lemes (2018, p. 33), “[...] quando o autor idealiza e produz a obra [...] é possível encontrar [nela], de forma implícita, todo um ideário ou pensamento significativo já estruturado”.

É possível compreender este cenário diante da quantidade de trabalhos que tomam Amália Hermano Teixeira como sujeito de pesquisa. Nestes, ela vem sendo “lembrada por sua interação e interesse por temáticas voltadas ao meio ambiente” (LEMES, 2018, p. 33), principalmente no que se refere ao Cerrado. Martins (2018, p. 126, grifo nosso) relata que

Ela foi uma professora pesquisadora. Tinha uma didática escolanovista- isto foi na época inovadora, dava aulas práticas. Ela era professora de Geografia. Amália não

entendia uma Geografia no gabinete, na sala de aula. Entendia Geografia campo. Então, ali, onde hoje é o Setor Universitário, Vila Nova, Nova Vila; todos aqueles setores onde o Instituto de Educação está localizado, Amália saía em aula campo com suas alunas, aulas práticas, essas aulas eram para mostrar em loco as alunas conteúdos como meio ambiente, **Cerrado**; inclusive conteúdos que não estavam nem no currículo. Por isso que a professora Ofélia brigou com ela, acusou-a.

Amália Hermano Teixeira estava envolta num ambiente rural em toda sua trajetória, fato observável a partir dos lugares por onde passou, bem como as características da época. Ela respirava natureza. No livro *Perfis*, ela relata que o contato com Arsene Puttmann, que ela chama de *paisagista notável*, abriu-lhe “perspectivas para a jardinagem e o paisagismo” (TEIXEIRA, 1993, p. 3).

No referido trecho, fica claro que esse contato ocorreu ainda na década de 1930 – onde cursou o Secundário no Lyceu de Goyaz, na Escola Normal Oficial de Goiás ou, ainda, no Curso de Extensão Rural. Amália cita as aulas de proteção à natureza do Dr. Itagiba Barçante, entre outros mestres que sempre pautaram suas aulas na filosofia de Alberto Tôrres (TEIXEIRA, 1993). Amália completa dizendo que “pelo Brasil [...] os adeptos de Tôrres e os pioneiros do ruralismo se espalham” (TEIXEIRA, 1993, p. 4), ao adotar uma “política educacional [defendida por Tôrres] condizente com a rica situação geográfica, com suas possibilidades e com a índole de seu povo” (TEIXEIRA, 1993, p. 5). Amália acreditava que o Brasil se transformaria.

Para elevar o nível de educação para além do convencional, ela defendia que era preciso que “o pensamento fecundo de Tôrres [fosse] conhecido de todos, suas ideias difundidas, suas aspirações concretizadas na mais jovem e bela cidade do interior brasileiro, [a] ridente e promissora Goiânia” (TEIXEIRA, 1993, p. 5). As lutas por esses ideais, segundo Amália, deveriam ser incansáveis por aqueles que acreditam nessa filosofia, por isso, dizia que “[...] o essencial é lutar pela realização de uma ideia, lutar sem desânimo, confiante, seguro”. Desse modo, Amália finaliza a biografia de Alberto Tôrres dizendo: ele é “o melhor general para os vivos, [...] o guia da geração presente, e dos que hão de vir” (TEIXEIRA, 1993, p. 5).

As cidades pelas quais passou como, por exemplo, a Cidade de Goiás e Goiânia, inseridos os ambientes nos quais trabalhou, com destaque para sua atuação como professora de Geografia, por exemplo, favoreceram seu amor pela natureza. Talvez, algo imperceptível no início de sua infância, mas, conforme a vida passava, sua visão foi se cristalizando a ponto de que, com a sua aposentadoria, ela passou a se dedicar à nova ocupação, a botânica.

Retomando os escritos do *Dicionário de Educadores e Educadores em Goiás: séculos XVIII-XXI*, outra assertiva que denota o envolvimento de Amália com a natureza pode ser visualizada e compreendida no trecho que se segue:

Amália participou, em 1958, do II Congresso Nacional de Educação de Adultos, realizado no Rio de Janeiro, que contou com a presença de diversos educadores brasileiros, dentre os quais se pode referenciar Lourenço Filho, que em sua conferência propôs a criação da Associação de Educação de Adultos. Defensora das ideias ruralistas e ambientalistas, Amália Hermano Teixeira participou de congressos, escreveu textos sobre diversos temas, tendo uma atuação importante no contexto goiano. Como educadora podemos destacar uma preocupação com a defesa dos aspectos históricos e geográficos, com as plantas e a natureza, com a criança e o processo de renovação pedagógica e com a formação dos professores (ARAÚJO; RODRIGUES; CATÃO, 2017, p. 48).

Nota-se, portanto, que Amália Hermano Teixeira é reconhecida por sua trajetória em prol da educação e da natureza, como se pode notar também nos mais variados estudos sobre ela. Dentre estes, destacam-se as pesquisas de um dos maiores estudiosos de Amália, o professor, escritor e poeta, Curado (2016a, 2016b). Num sentido mais poético, encontramos em Pacini (1993 *apud* TEIXEIRA, 1993, p. 9) a descrição de uma das faces de Amália: “[...] ela tem a singeleza e a delicadeza da flor do campo”.

Ademais, faz-se imperativo trazer aqui um texto de Brasigóis Felício contido, e “escondido”, no livro *Perfis* (FELÍCIO, 1993, p. 327-331). Escondido, pois não consta no índice e não está numerado, assim passa ou pode passar despercebido ao leitor, caso não se interesse a ler até o fim a biografia do último biografado, ocasião em que perceberia que há mais algumas páginas “escondidas”.

O texto de Brasigóis Felício inicia trazendo um poema de Ático Vilas Boas: “Quem diz Espanha, diz cravos e mantilhas. Quem diz Portugal, diz gerânios e manjericões. Quem diz Goiás, diz orquídeas. E quem diz orquídeas, diz Amália Hermano Teixeira”. Continua Felício: ela “[...] se dedica aos estudos científicos e ao cultivo das orquídeas como se entrega às suas tarefas de historiada”.

Com base na biografia de Amália, escrita por Felício, pode-se dizer que o resumo de sua vida seria “sacerdotal, no pregar o amor à natureza [...]”, “[...] um exemplo vivo de dedicação total a uma causa”. Ainda, reforça o autor, “[...] dedicação [na verdade] a muitas causas [...] por seu dinamismo e a capacidade de trabalho” (FELÍCIO, 1993, p. 328). Curado (2016b) chama esse dinamismo de *as faces de Amália*.

Essas ponderações são corroboradas, especialmente sobre a natureza do Cerrado, pelo fato de Amália manter “[...] correspondência com botânicos e orquidófilos” de vários países. Como acentua Felício, “o interesse de Amália [...] pela natureza não se dirige apenas ao estudo das orquídeas, matéria em que ela se tornou conhecida internacionalmente [...]”, mas também sobre a proteção da natureza.

Nesse sentido, numa teia que se interliga, faz-se necessário considerar sua trajetória observando que ela foi, por exemplo, a pioneira no ensino rural em Goiás e, nesse contexto,

destacam-se, dentre outras coisas, que “em 1944, Amália fundou o jornal A Colmeia, órgão do clube agrícola Couto Magalhães, [...] também fundado por ela”, e foi membro e presidente de significativas sociedades representantes da área, como já revelado. Inclusive, de sua iniciativa, empreendeu “várias excursões à Serra Dourada, de onde retiraram o exemplar [da Árvore do Papel] que [foi colocada] na Praça Vila Boa, em Goiânia” (Fotografia 11) (FELÍCIO, 1993, p. 328).

Por fim, o capítulo “escondido” é finalizado revelando trechos de uma reportagem da Revista Manchete, publicada no descobrimento da orquídea *Amaliae*. Na referida reportagem, discorre Amália: é preciso que a “cidade perceba a importância do gesto de plantar orquídeas nas árvores, de cobri-las de flores e instalar orquidários nas cidades, bibliotecas especializadas em botânica, para servir biólogos, universitários e secundaristas”. Assim, conclui a Revista Manchete, afirmando, sobre Amália, que sua “vocação maior é, sem dúvida, a Botânica” (FELÍCIO, 1993, p. 330).

Os estudos até aqui analisados mostram que Amália buscou a todo tempo – como se pôde notar nos trabalhos e eventos –, no meio político, cultural, social e profissional, lutar em prol da educação e do ensino rural, sendo que um dos modos efetivos para que isso ocorresse deveria ser pautado numa educação sólida. Para ela, a educação seria a principal aliada, não só para a população rural, mas para todos. Dito de outro modo, seria necessária uma consciência coletiva em relação à educação. Uma educação fundamentada em princípios da preservação da natureza, para assegurar um futuro para as futuras gerações.

Para concluir esse tópico, cabe uma crítica a dois pontos: primeiramente, à questão da exploração de um bioma. Em seu contexto, a exploração não ocorria em termos, como se faz na atualidade e, apesar da catalogação e o cunho científico da época, ela acabava, como bem retratado nas diversas obras aqui analisadas, levando exemplares para sua casa. Essa prática sendo comum e, talvez, até normal para a época, na atualidade é considerada ilegal, crime pela Bioética (LEONE; PRIVITERA; CUNHA, 2001), por ser uma atividade predatória dentro do Cerrado.

Além disso, retomando a questão do romantismo para dialogar com a extração de exemplares, Amália parece enveredar por uma visão estética do mundo. Mesmo gostando do Cerrado, ela enxerga a estetização desse bioma quando prefere as plantas consideradas bonitas como, por exemplo, as orquídeas e samambaias. Tal aspecto, da escolha de plantas bonitas, pode ser uma influência da construção de Goiânia e toda sua representatividade moderna para a época.

Na década de 40, as “[...] cores quentes de tons alaranjados e o vermelho-sangue das

pétalas de Flamboyant [...]” chegam à capital, Goiânia (SOUSA, 2020, p. 1). Figurava, então, um novo “[...] espetáculo de beleza [...] que faz os velhos conhecidos ipês-amarelos saírem de cena [...]” (SOUSA, 2020, p. 1). As primeiras espécies de Flamboyants foram plantadas no centro da então capital. Amália conta que havia exemplares “[...] na Reitoria da Universidade Católica e na avenida próxima ao Parque Agropecuário, no Setor Universitário [...]” (TEIXEIRA, 1993, p. 102).

Segundo levantamento feito por Sousa (2020, p. 1), junto “a Agência Municipal do Meio Ambiente (Amma), em toda a cidade, há [atualmente] cerca de 10 mil Flamboyants”. Essa espécie passou a ser o símbolo da primavera em Goiânia, pois, de acordo com Amália, enfeitam suas avenidas enquanto, no “[...] verão, fecha seus folíolos²⁰, pega no sono [...]” (TEIXEIRA, 1993, p. 102). Diante disso, por mais que Amália fosse uma simpatizante e/ou amante da natureza e uma pessoa que defendia o meio ambiente, ela estava sujeita a sofrer influência do mundo externo (o contexto). Como hipótese, ela pode ter pensado que, se uma espécie, nesse caso o Flamboyant, pode ter vindo de outro lugar para Goiânia, logo, espécies típicas do Cerrado também poderiam ir para sua residência.

Então, nesse ponto, entra a figura de Roberto Burle Marx novamente. Cabe relembramos que ele fazia parte da comitiva de Amália que, por vezes, saía em exploração buscando novas espécies de plantas do Cerrado. Ela o chamava de “jardineiro do mundo [e] defensor da natureza” (TEIXEIRA, 1993, p. 295).

É curioso que, nessa mesma obra, ela descreve que Roberto Burle Marx é “contra a ação arrasadora do machado [...]” (TEIXEIRA, 1993, p. 295-296), ou seja, de ações contra a natureza, e diz ainda que ele tem, desde 1930, em sua casa, no Leme (Rio de Janeiro), uma cultura de plantas tropicais. É contraditório falar/escrever que é contra, mas agir de forma contrária.

Ambos, Amália e Burle Marx, parecem ignorar a própria prática de extração de plantas do Cerrado em Goiás. Desse modo, retomando a questão da estetização – das belas plantas –, Amália não pode ser considerada uma defensora, pois se de fato o fosse, incluiria todas as plantas, mas ela tem certa preferência pelas mais bonitas, por assim dizer.

Ainda sobre as críticas citadas anteriormente, o segundo ponto se refere às questões postas por alguns autores, ao colocarem Amália com certos títulos. O fato dela ter participado de congressos de Botânica, cultivado plantas do Cerrado em seu quintal, publicado textos em jornais, organizado encontro de orquidófilos e ter uma espécie de orquídea batizada com seu

²⁰ Folíolos ou pínulas: subdivisões das folhas das plantas vasculares

nome, não faz dela uma pesquisadora, botânica ou ecologista. Também, conforme o Apêndice A, ela possuía apenas o Curso de Extensão Rural, em grau universitário, obtido em 1936 – talvez, o que hoje poderíamos comparar ao nível técnico –, e mais adiante, em 1945, forma-se em Direito, que pode ter ajudado em questões outras.

Por fim, segundo as palavras da Amália, como exploradora e amante da natureza, devemos “proteger, prevenir [e] reparar [...] as maravilhas da natureza [que são, como bem sabemos], indispensáveis a própria vida do homem” (TEIXEIRA, 1960, p, 299). Nesse sentido, a terceira seção deste trabalho procurou cotejar como Amália foi vista e descrita por diversos autores e em diferentes estudos. A seção seguinte busca compreender, na obra de Amália, a sua representação sobre o Cerrado.

4 A OBRA DE AMÁLIA HERMANO TEIXEIRA E SUA REPRESENTAÇÃO DO CERRADO

Ao pensar sobre as contribuições de Amália Hermano Teixeira sobre o Cerrado goiano, no qual ela experienciou e vivenciou seus simbolismos e aspectos culturais, é necessário, primeiramente, refletir sobre as ações individuais que deixam, de maneira evidente, suas marcas nos caminhos da história. Com isso, observando os escritos da educadora, bem como suas ações que escapam dos limites do texto escrito, é possível encontrar gestos e vozes que se direcionam para o Cerrado, bioma que ela explorou em busca de espécies nativas e, também, de diferentes espécies de orquídeas.

Sua história de vida está relacionada com diversos momentos e acontecimentos referentes à história da região em que ela viveu e atuou ativamente. Suas atividades profissionais associadas a seus *hobbies*, como cultivo de orquídeas (refletido no decorrer do estudo empreendido), acabam por transparecer seu envolvimento com o Cerrado.

A representação do Cerrado apresenta-se na obra de Amália, mas também está evidenciado em sua trajetória. Nesse sentido, para compreender tal temática, faz-se necessário um olhar pela ótica de Barros J. (2004, p. 14), o qual entende que “a rotina da práxis de pesquisa dos historiadores é regida pela procura de meios para suprir a pungente necessidade de realizar uma ‘reinstituição’ do passado”. Tal realização também é um fenômeno da teoria da Hermenêutica, para análise e interpretação de qualquer tipo de texto. Portanto, estas ideias nos permitem enxergar o Cerrado a partir da “questão ecológica”, presentes na obra de Amália.

No acervo que pertencia à intelectual, cuja boa parte está presente no IHGG, “há exemplares de obras do naturalista francês August de Saint-Hilaire”. Com isso, pode-se entender que havia certa “[...] preocupação com a desordenada ocupação humana no Cerrado, apontando-a por vezes como nociva ao ambiente natural” (OLIVEIRA; LEMES, 2018, p. 5), especialmente se for colocado em pauta o contexto histórico da época – construção de Goiânia e Marcha para o Oeste, por exemplo.

Desse modo, a questão do Cerrado – tanto na antiga capital, Cidade de Goiás, quanto na nova, Goiânia – não se configura sem uma lógica inerente entre o ser e o lugar, mas, sim, como um fenômeno que nasce do sujeito pelo contexto que o forma. Tal afirmativa pode ser justificada quando Amália começa a se questionar a partir dos seus próprios estudos teóricos e de campo sobre fauna, flora, botânica, hidrologia e ecologia local, nesse caso, o Cerrado goiano (CHAUL, 2010). E, ao olhar para a trajetória de Amália na literatura investigada, tais teorizações passam a fazer sentido.

Assim, surge em Amália uma preocupação com o lugar. Daí sua representação do Cerrado como bioma rico e representativo do lugar, da cultura do povo e fundamental para o desenvolvimento educacional da região; o que pode ser percebido em sua formação em nível universitário, em sua atuação profissional, quando passa a chefiar o Serviço de Clubes Agrícolas no Estado de Goiás, bem como em seus escritos, direta ou indiretamente.

Também é preciso considerar que outros fatores podem ter contribuído para a representação do Cerrado, mesmo que ainda numa visão romantizada, por exemplo, na paisagem bucólica da época, houve as considerações dos viajantes (conferir seção 2.2) que passaram na Pensão Manduca (local, em tese, das primeiras redes de sociabilidade), na Cidade de Goiás. Tudo isso pode ter sido uma importante escola para as reflexões e ações de Amália em relação à preservação do Cerrado em Goiás.

Faz-se, nesse ponto, necessário conceituar a visão romântica pela ótica da natureza. Amália estava ligada a essa questão em sua vida pessoal (sua proximidade com a natureza em sua casa, por exemplo) bem como pelo movimento escolanovista, que possui, em seu cerne, caráter romântico. Favero (2018, p. 207) discorre afirmando que

O conceito de natureza que cultivamos em um entendimento moderno se relaciona principalmente com a noção de uma origem, ou de uma ancestralidade, da qual nos distanciamos grandemente. Os progressos tecnológicos, a crescente urbanização e a desapareção progressiva do mundo camponês no ocidente transformaram nossa relação com a natureza, fazendo com que a entendêssemos como um bem ameaçado e que precisa ser preservado. O sentimento desse descolamento e perda de uma natureza e até mesmo de uma espiritualidade foi uma das razões responsáveis pelas mudanças sofridas pela sociedade e pela arte ocidental na virada do século XIX. Essa nova visão de mundo começou a ser propagada por volta do ano 1800 principalmente por filósofos, escritores e artistas da Alemanha, visão esta que descreviam como “romântica”. O romantismo abrangia diversas ideias, e surgiu em um período movimentado, envolto pela emergência de diversas teorias, alterações, revoluções sociais e científicas. No que concerne à relação do romantismo com a ideia de natureza, [...] os românticos acreditavam que “a natureza era inspirada pelo espírito divino e que a imaginação humana individual poderia fundir-se na estrutura universal; mas também que a mente criativa, sendo profundamente solitária, ansiava pela harmonia entre o homem e a natureza” (WOLF, 2008, p. 6).

Um pensamento de Tiberghien (2001, p. 25) nos ajuda a melhor compreender o enunciado acima: “o romantismo [...] considera o homem e seu ambiente natural como partes de um mesmo todo”. Pensando a relação entre o indivíduo e a natureza, parte-se do pressuposto de que as formas da natureza são como extensão do próprio eu. O sentimento romântico tem seu cerne como uma linguagem da natureza e é precursor desse movimento romântico, que é traduzido como o sentimento da natureza.

É mister para Andrade (2016, p. 41) que “a natureza personificada sob o olhar poético reflete [o] estado de insatisfação com o real presente, a busca de suprarrealidades e o desejo de unidade”. Porém, “[...] não se trata da unidade como maneira de ser do indivíduo nem da

espécie, mas de um instinto artístico que torna uma a sociedade, tanto no geral como no particular” (ANDRADE, 2016, p. 42).

Tornar uno a sociedade é um dos caminhos percebidos na trajetória de Amália, assunto que será desenvolvido ainda nesta seção, nos tópicos 4.2, 4.3. Ainda conforme o autor, “[...] há um vínculo que se estabelece entre sujeito e objeto por onde transitam sensações inesgotáveis; a natureza corresponde ao apelo poético, romantiza-se [...]” (ANDRADE, 2016, p. 43). Amália como sujeito, a natureza como objeto e o apelo poético são percebidos especialmente em obras de autores como Curado (2016a, 2016b) e Pereira e Oliveira (2017), por exemplo.

O sujeito romântico é um ser insatisfeito. Para ele, a realidade social não existe, então, surge “a crítica do mundo contemporâneo” (GUINSBURG, 1978, p. 9). Nessa crítica, um dos pontos de destaque é a propriedade que os românticos entendem ser a “fonte da desigualdade entre os homens, [pois] provoca a corrupção humana” por isso, “ocorre a necessidade de se exaltar a simplicidade” (GUINSBURG, 1978, p. 10). Visto isso, Guinsburg (1978, p. 10) ainda ressalta que existem características que são sempre retomadas pelos românticos, que são: “a liberdade estética e a inspiração como verdadeira fonte de expressão do gênio criador”.

Autores como Rousseau, de acordo com Guinsburg (1978), entendem que a interioridade é sinônimo de sentimento, aspecto que se contrapõe ao racionalismo, tão presente no Século das Luzes²¹. Para Guinsburg (1978, p. 12), “é no sentir-se que o homem mergulha em suas raízes de maneira mais livre, [ou seja, há uma expansão do *eu* e da subjetividade, que será a base de todo pensamento romântico, mas é no amor que encontramos sua grande expressão”.

Rousseau, ao refletir sobre natureza, pressupõe dois tipos: a natureza interna e a externa (espaço físico). Para ele, é preciso refletir sobre o que a natureza externa desperta em sua interioridade. Ocorre, portanto, “uma fusão do espírito humano com a natureza através de uma interiorização”. Desse modo, “a natureza torna-se parte da alma humana” (GUINSBURG, 1978, p. 12).

Em relação ao movimento escolanovista, Romanelli (1986, p. 144) aponta que tal movimento contribuiu para o avanço educacional, porém com um caráter romântico em relação aos problemas educacionais reais voltados à sociedade. Martins (2018, p. 39) atesta que o “[...] caráter romântico [dos] escolanovistas creditaram na escola uma tarefa que jamais ela poderia realizar”. Assim, “o movimento escolanovista no Brasil gerou insatisfações e decepções, mas

²¹ O século XVIII ou Século das Luzes foi o século de surgimento do chamado Iluminismo. O Iluminismo foi um movimento de cunho cultural baseado no racionalismo feito pela elite europeia. Esse movimento tentou buscar um rompimento com a mentalidade medieval e acreditava na ideologia do progresso (PRADO JUNIOR, 1988).

também [...] projetou-se avanços sociais” (MARTINS, 2018, p. 40).

Cabe destacar, como aponta Martins (2018, p. 40), que “[...] a educação oficializada em Goiás a partir da terceira década do século XX fundamentou-se em princípios escolanovistas”. Um olhar mais atento revela que a trajetória da Escola Normal de Goiás foi, nesse período, “extinta, reaberta, [e depois] criada como apêndice do Liceu”. Ainda conforme esse autor, “em sua trajetória enquanto instituição, alcançou sua autonomia em 1929” (MARTINS, 2018, p. 42).

É importante ressaltar, ainda, que as crianças, tampouco os professores, não estavam desvinculados de seu projeto, ou seja, ela mostrava preocupação com o processo de renovação pedagógica e a formação desses profissionais. A natureza, o campo, o Cerrado e os sujeitos estavam no centro de sua vida, de sua atuação em sala de aula e de seus escritos. Se, para ela, o meio em que vive o homem do campo merece ser respeitado, logo está aí inserido o Cerrado. Em outras palavras, se ela defendia o meio ambiente em seu contexto/lugar, logo, também defendia o Cerrado.

Fica claro, diante do exposto, que seus debates sobre a natureza em Goiás não ocorrem de forma vaga, mas considera, direta ou indiretamente, o Cerrado, por ser o bioma local. Essa defesa também é atestada enquanto jornalista. Nesse sentido,

Toda ação historicamente significativa deve ser reconstruída tendo em vista o pensamento do agente que a efetuou. [É preciso distinguir] entre os aspectos externos (eventos) e os aspectos internos de um acontecimento. Embora possa começar pela descoberta do exterior de um acontecimento, o trabalho do historiador só irá completar-se na medida em que ele consiga relacionar o evento descoberto como interior do acontecimento. Para isso, o historiador deve recordar-se sempre de que sua tarefa essencial é meter-se ele próprio no interior dessa ação, é discernir o pensamento de seu agente (SKINNER, 2005, p. 306).

Entenda-se por agente o sujeito desta pesquisa, Amália. Além disso, compreende-se a representação da natureza a partir de sua atuação como docente, como evento maior, externo. O Cerrado, portanto, apresenta-se como evento interno. Essa percepção ocorre não de forma desconexa, mas ao se fazer presente, literalmente, em sua obra e outros estudos, delineados na seção anterior, que a perceberam como importante figura no cenário goiano. A partir dessas pesquisas, que mostram sua atuação em diversos setores, num mergulho no interior de sua vida, descortinou-se o pensamento da agente, Amália, como sendo defensora da agricultura e amante do Cerrado. Tais pontuações estavam evidentes, por exemplo, em sua prática docente e nos seus escritos (TEIXEIRA, 1960).

Diante disso, tais abordagens teóricas sustentam a representação de Amália sobre o Cerrado; nesse caso, da representação do Cerrado na obra de Amália. Martins (2018, p. 129) explica que já “naquela época, década de 40/50/60, ela já era professora que se preocupava com

o Cerrado, com o chão, com as plantas, com a natureza; [ela] estudava solo, clima, topografia, plantas, botânica; e as aulas dela não eram dentro da sala de aula [...]”. A Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Goiás (2004, p. 155) reforça essa ideia, ao apontar que ela além de incentivar seus alunos a cuidarem da natureza local, “promovia palestras, falando sobre esse assunto, [e] exposições de orquídeas e de plantas ornamentais [da região]”.

Como escritora, publicou livros e, também, foi colaboradora em algumas revistas, como, por exemplo, a Revista Oeste, Revista de Educação, Revista Flores do Brasil e da Revista Goiana de Jurisprudência e Legislação. O Quadro 4 traz a relação e a catalogação dos artigos de revistas e jornais escritos por Amália (o que será analisado mais adiante) e assim é possível perceber a amplitude da sua obra em defesa do Cerrado.

Quadro 4 - Relação de artigos publicados em revistas e jornais escritos por Amália Hermano Teixeira

(continua)

Tema ou título do Artigo	Fonte	Data
O VIII Congresso Nacional de Educação e sua significação cultural para Goiânia	Revista Oeste, ano I, n° 1, p. 28-29.	Junho de 1942
Estradas - Caminhos abertos à civilização	Revista Oeste, ano II, n° 6, p. 222- 224.	Julho de 1943
Amigos da Natureza	Revista Oeste, ano II, n° 8, p. 275-276.	8 de setembro 1943
Semana da Árvore em Goiânia	Reportagem no Correio Oficial.	29 de setembro de 1943
Orientação Vocacional	Revista Oeste, ano II, n° 15, p. 543- 544.	Abril de 1944
Alberto Torres	Revista Oeste, ano III, n° 22, p. 863.	Novembro de 1944
Programas do Ensino na Escola Nova	Revista de Educação de Goiás, n° 9.	1939
Crianças e as atividades agrícolas.	Revista de Educação, ano XIV, n° 31/32, p. 13.	1946
Begônias	Diário da Tarde, ano I, n° 107.	4 de dezembro de 1956
II Congresso Nacional de Educação de Adultos.	Revista de Educação, ano XVII, n° 37, p. 33.	Janeiro/fevereiro 1959
Carta de Educação de Adultos.	Revista de Educação, ano XVII, n° 37, p. 37.	Janeiro/fevereiro 1959
Saudação de Madrinha.	Revista de Educação, ano XVII, n° 38, p. 47.	Março/abril 1959

Quadro 4 - Relação de artigos publicados em revistas e jornais escritos por Amália Hermano Teixeira

(conclusão)

Tema ou título do Artigo	Fonte	Data
Serviço de Educação para Adultos em Goiás.	Revista de Educação, ano XVII, n° 38, p. 58.	Março/abril 1959
Brasil capital Brasília.	Revista de Educação, ano XVIII, n° 42, p. 4.	Janeiro/fevereiro 1960
Amigos da Natureza	Revista de Educação, ano XVIII, n° 45, p. 10-14.	Fascículo de agosto-setembro de 1960
V Congresso Nacional de Professores Primários.	Revista de Educação, ano XX, n° 51, p. 37.	Janeiro/fevereiro/março/abril 1962
Parques, Recreios e Recantos Infantis.	Revista de Educação, ano XX, n° 52, p. 24.	Maiο/junho/julho/agosto 1962
Falando de Orquídeas	Orquídeas, v. 29, n° 3, p. 118-125.	Maiο/junho-1967
Orquídeas de Goiás	Orquídeas, v. 29, n°	Maiο/Junho-1967
Begônia	Flores do Brasil, v. 3, p. 11-16.	1967
Begônia	Flores do Brasil, v. 4, n° 1 p. 5-10.	1968
Cattleya Walkeriana and Cattleya Nobilior	Orchidee, Alemanha Ocidental	1972
Flora e Folclore de Goiás nas tapeçarias de Madeleine Colaco.	O Popular	14 de agosto de 1977
Ionopsis Utricularioides - Indicação para o II Congresso Latino-Americano e XXIX Brasileiro de Botânica	O Popular	8 de maio de 1977
Orquídea - A flor Mistério, Entrevista Concedida ao Crítico literário Ramos Jubé	O Popular, cad. 2, p. 17	13 de julho de 1978
Uma Orquídea para uma feminista ecológica.	Revista Manchete (Entrevista)	16 de dezembro de 1978
Cuidem das plantas - Elas vão agradecer.	Diário da Manhã - Revista da Manhã, p. 17.	20 de setembro de 1983

Fonte: elaborado pela autora (2022).

A análise dos artigos aborda o contexto social, cultural e educacional, nos quais Amália Hermano Teixeira atuou em prol das questões educacionais e como amante da natureza. Assim, esta seção ficou subdividida em quatro subseções: a escritora de livros: aspectos gerais

e pontuações sobre o Cerrado; A contribuição de Amália para a Revista Oeste; Sua participação na Revista de Educação; e, por fim, outras contribuições de Amália.

4.1 ASPECTOS GERAIS DE SEUS LIVROS E PONTUAÇÕES SOBRE O CERRADO

Curado (2016a, 2016b) analisa que Amália Hermano Teixeira, enquanto escritora, publicou trabalhos importantíssimos para a historiografia de Goiás. O Quadro 5 é uma relação dos livros escritos por ela.

Quadro 5 - Relação de livros escritos por Amália Hermano Teixeira

Título	Ano
O curioso caso da Escola Normal Oficial	1946
Reencontro	1981
Dois Anos sem Maximiano	1986 (obra póstuma coordenada [conforme consta no livro] por Amália em detrimento do falecimento do seu esposo)
Perfis: pessoas que marcaram minha vida	1993 (obra póstuma organizada pela família de Amália sob a supervisão da Dra. Jandira Hermano – sua irmã)
História de Goiás	2011 (obra póstuma organizada por Eleuzenira Maria de Menezes e Janete Romano Fontanezi)

Fonte: elaborado pela autora (2022).

O livro *O curioso Caso da Escola Normal Oficial* relata sua jornada enquanto docente e suas lutas por defender uma visão ideológica diferente do que se propagava em um sistema de ensino polarizado. Na obra são descritos os embates entre a escola nova (defendida por ela) e o tradicionalismo (vigente na escola); expõe um caso de suposta injustiça que sofreu pela então diretora Ofélia Sócrates, da Escola Normal Oficial. No olhar crítico de Amália, a diretora foi autoritária e abusou do seu poder e, no referido atrito, Amália descreve as ofensas e perseguições que sofreu naquele período, quando lecionava história, geografia e cosmografia. Para ela, o fato retrata, no cenário goiano, a polarização das duas visões.

Sendo bacharel em Direito, Amália não atuou diretamente neste campo por ter dedicado parte da sua vida ao magistério. Contudo, devido ao atrito entre ela e a então diretora, Amália sabia que poderia usar a lei a seu favor, então, foi isso que fez: representou-se em uma ação contra o que ela via como uma injustiça (LEMES, 2018).

Segundo a intelectual, tudo começou quando a diretora a contatou por meio de um telefonema e convocou-lhe a comparecer em um evento de aniversário da instituição, fazendo uma ameaça, para o caso de uma falta: seria despedida por justa causa. Sobre o ocorrido, a Amália atesta:

Hoje compreendo que a Diretora da E. N. O., ao me chamar ao telefone, armava contra mim uma cilada. Com seu tom autoritário, com sua ameaça, pretendia que por uma reação natural, eu não comparecesse a solenidade, logrando assim seu intento. A noção que tenho do comprimento do dever ilidiu seu plano (TEIXEIRA, 1946, p. 13).

O fato não a prejudicou frente aos órgãos de educação, seu destaque enquanto figura pública se manteve, fazendo com que se consolidasse na política do estado. Dessa maneira, o episódio vivenciado por ela terminou sem nenhuma complicação ou sansão do ponto de vista trabalhista. Sua atuação como advogada foi breve, mas conseguiu se defender das injustiças que sofreu, expondo sua inocência baseando-se na lei.

Seu segundo livro publicado, *Reencontro*, conta com 152 páginas e marca as comemorações pela passagem dos 46 anos de formatura dos bacharéis do Lyceu de Goyaz, ocorrida no ano de 1934, da qual Amália fez parte (TEIXEIRA, 1981). A turma iniciou os estudos em 1930 e finalizou em 1934. Destaca-se, no livro, o saudosismo desses tempos estudantis. Amália descreve eventos a partir de relatos recebidos por meio de um questionário que enviou aos seus colegas. Ela esperava que nesses relatos iriam conter “[...] passagens interessantes, relembrando os cinco anos de convívio no velho Lyceu na rua Dr. Corumbá”, mas descreve que nem todos enviaram e que, além das cartas, recebera telefonemas que “criaram um clima de lembranças e saudades” (TEIXEIRA, 1981, p. 111).

Os excertos a seguir são da obra *Dois Anos Sem Maximiano*, composta por “telegramas, noticiários, artigos, moções de solidariedade, cartas, lei de denominação da ruía com seu nome, apreciação de livros, [e] fotografias” (TEIXEIRA, 1986, p. 7). É um rico acervo sobre o esposo de Amália, como se pode imaginar, mas também sobre ela própria. Por essas características, cabe acentuar, Amália, inclusive, chama esse livro de *documentário* (TEIXEIRA, 1986).

Fotografia 14 - Dois momentos do casal Amália e Maximiano



Fonte: Teixeira (1986, p. 318-341).

No primeiro momento, o casamento de Maximiano com Amália José Hermano na cidade de Goiás, no dia 1º de fevereiro de 1937. No segundo, Maximiano com Amália na Igreja N. S. de Fátima, em Goiânia, no dia 23 de dezembro de 1976, quando paraninfaram o casamento da arquiteta Wilma Venâncio Guimarães com o engenheiro Montgomery Guimarães (Fotografia 14).

Nessa obra, em cronologia biográfica (que registra a memória de Maximiano por diversos documentos, fotos e outros escritos), encontramos alguns pontos que acenam para o tema *Cerrado*. Em abril de 1964, Maximiano “torna-se membro da Sociedade Botânica do Brasil (SBB), prosseguindo na **luta pela preservação da natureza**” (TEIXEIRA, 1986, p. 14, grifo nosso).

Segundo Amália, ele “[...] fez do jornalismo tribuna pela preservação de nossos bens animais, vegetais e minerais”. Tendo decidido trilhar também esses caminhos, ele acabou por fundar “[...] os jornais *Tocantins* e o *Araguatins*, órgãos de defesa dos interesses do setentrão goiano”²². Nas obras escritas por seu esposo – *Contos e Racontos* (1981) e *Outras Estórias de Goiás: terra, lenda e gente* (1983) –, Amália conta que ele não só relatava, mas ficava “[...] evocando pessoas, registrando o folclore e descrevendo lugares”. Foi um homem que “amou a natureza, as plantas, as flores, os bichos [...] Comigo viveu entre verdes e orquídeas” (TEIXEIRA, 1986, p. 12).

²² Setentrão goiano: conjunto das regiões do norte; antigo norte goiano, atual Tocantins.

Como já foi apresentado no decorrer do presente estudo, a adesão de Maximiano a essa área se deu por intermédio de Amália. Entretanto, em suas próprias palavras, Maximiano revela em entrevista que “[estava] engajado, desde os tempos de estudante, na **luta pela preservação da natureza**” (TEIXEIRA, 1986, p. 290, grifo nosso). Diz ainda que num lugar denominado *Tapera*, seu pai ensinou-lhe a respeitar a natureza quando lhe impediu de atirar em uma árvore.

Maximiano e Amália compraram um “pedacinho de terra para plantar flores [...] em 1970”, a chácara do casal. Com este espaço, eles tinham o objetivo de “[...] cultivar flores, cuidar das orquídeas, das árvores centenárias, ouvir o canto dos passarinhos, acompanhar o saltitar dos miquinhos entre a galharada verde, o voo elegante das alvas garças” (TEIXEIRA, 1986, p. 289). Com todos esses relatos, percebemos que o casamento com Amália acentuou seu aprendizado, como também sua associação à SBB e à Sociedade Goiana de Orquidófilos (SGO), entidades estas que visavam preservar não somente as orquídeas, mas também as demais espécies vegetais do estado de Goiás.

Encontramos no livro *Dois Anos Sem Maximiano* a matéria de Mary Santos, publicada no Jornal O Estado do Maranhão, intitulada *Congresso Nacional de Botânica* e, também foi lida na rádio Gurupi, dia 24 de janeiro de 1976, em São Luís – MA, onde a autora descreve que Maximiano e Amália estavam juntos na cidade por ocasião do referido congresso. Relata, ainda, sobre Amália, que: “entrando em contato com a Sociedade Brasileira de Orquidófilos, trouxe para Goiânia a Sociedade Goiana de Orquidófilos, sendo sua 1ª presidente” (TEIXEIRA, 1986, p. 293), cargo que ocupava na ocasião, fevereiro de 1976.

Segundo Siqueira (1986, p. 14) – na crônica *Gosto de louco e vitória régia*, publicado no Jornal Diário da Manhã e presente também na obra *Dois Anos Sem Maximiano* (TEIXEIRA, 1986) –, na casa do casal Teixeira havia um quintal amplo que continha, além das plantas descritas nas fotos supramencionadas, “suaves plantas aquáticas, cultivadas poeticamente no lago artificial de água fresca e corrente na estufa ao longo do muro do fundo”.

É interessante que, nessa publicação de Siqueira, parece que na casa do casal havia também uma árvore do papel, com isso, a autora discorre: “aí conheci o papiro da Serra Dourada; aí – quantas vezes! – pensei que só poderia ser trabalho de um formigueiro completo, nunca apenas de duas formigas” (SIQUEIRA, 1986, p. 307). Quando diz *duas formigas*, refere-se a Maximiano e Amália.

Outro detalhe chama atenção, Amália se preparava para abrir um Museu-Escola, mas, como disse Siqueira (1986, p. 307), “a formiguinha ficou só”, por ocasião da morte de seu esposo, “e há serviço em demasia a serem feitos”. Siqueira (1986, p. 307) relata também que Goiânia teria um “[...] museu-vivo, onde [estaria] a sua criadora e diretora dando cursos,

proferindo palestras, distribuindo apostilas, conduzindo visitas, numa doação de si e de sua vasta, segura e sábia experiência”.

Por esse viés, destacamos que na última seção do referido livro, denominada *Fotobiografia*, encontram-se registros de Amália, juntamente com seu esposo, o que pode, de certo modo, demonstrar seu interesse pela natureza e, por extensão, pelo Cerrado goiano (Fotografia 15).

Fotografia 15 - Amália, Burle Marx e Maximiano



Fonte: Teixeira (1986, p. 338)²³.

²³ Nota: Amália (primeira da esquerda para direita), Burle Marx (ao centro), Maximiano (terceiro da esquerda para direita) e a Rural Willvs de 65 no alto da Serra Doutora, próximo à velha capital de Goiás, em excursão científica, no dia 17 de outubro 1974, com ferramentas e material de campo.

Fotografia 16 - Amália, Maximiano e outros no Parque Nacional do Itatiaia



Fonte: Teixeira (1986, p. 342).

Na Fotografia 16, encontram-se Amália, Maximiano e outros, no Parque Nacional do Itatiaia, em decorrência do XXVI Congresso Nacional de Botânica e do II Simpósio Brasileiro de Bromeliáceas, que aconteceu em janeiro de 1977, no Rio de Janeiro. Maximiano, primeiro à direita, fotografava Amália, sua esposa, madrinha da árvore plantada; em frente, o padre Reitz, Nelson Lima, administrador do parque, e o professor Alvim, da UFBA.

Fotografia 17 - Maximiano e Amália



Fonte: Teixeira (1986, p. 340)²⁴.

Por conta desse envolvimento, o casal sempre estava participando de eventos com a temática em relevo. Assim, Amália e Maximiano receberam, no dia 3 de outubro de 1990, na

²⁴ Nota: Maximiano e Amália durante o XXVII Congresso Nacional de Botânica e Reunião de Ficologia em São Luís do Maranhão, janeiro de 1976.

chácara Santa Genoveva, o título de filatelistas²⁵ e defensores da natureza, como, por exemplo, a Dra. Jandira Hermano de Paula e o Dr. Leolídio Di Ramos Caiado, ambos “secretários da Sociedade Goiânia de orquidófilos”, e o “Dr. Mário Kobayashi, então diretor regional da Empresa brasileira de Correios e Telégrafos, que presidiu a reunião” (TEIXEIRA, 1986, p. 350). Esses foram os excertos encontrados sobre Amália e o Cerrado nesse livro-documentário publicado por ela em homenagem ao seu esposo, falecido no dia 6 de agosto de 1984.

Também é póstumo o livro *Perfis*. Amália faleceu no dia 28 de abril de 1991 e a referida obra, organizada pela família, foi publicada em 1993, como já revelado. Em *Perfis* constam 53 biografias e um fio condutor, Amália. Os trechos que trazem apontamentos sobre o Cerrado foram já revelados anteriormente, além de trechos que reforçarão, nas linhas seguintes, as reflexões sobre a questão de pesquisa aqui proposta.

Esse livro, cabe destacar, a partir dos relatos presentes, “[enfoca] **gente**, que famosa ou anônima, de alguma maneira contribui para a compreensão histórica do Estado de Goiás” (TEIXEIRA, 1993, p. 334, grifo nosso). Diante disso, vale refletirmos que nas relações com as pessoas, Amália trazia para o seio do momento social assuntos relacionados com a natureza como a situação de quando estava na residência do senador Osires Teixeira num coquetel oferecido a artistas, dentre os quais estavam Madelene Colaço, francesa da cidade de Tangar, chamada por Amália de “tapeceira ecológica”. Nesse evento, a intelectual relata: “[...] falamos do papiro serrano, a árvore do papel [...], do pequi, do chichá, da bacaba-de-leque [*Oenocarpus distichus*] e outras”. Encantada, Madeline pediu para visitar a casa de Amália no dia seguinte, onde “[...] passou a fazer croquis da bacaba-de-leque” e desenhou diversas outras plantas (TEIXEIRA, 1993, p. 231).

Desse encontro, Amália diz que, no Cerrado Madeline analisou, também, a árvore e os frutos do pequi. Tempos depois, Amália descreve que já em Paris, Madeline “[...] expôs tapeçarias inspiradas nos temas goianos, alcançando imenso sucesso, vendendo em quarenta e oito horas todas as peças expostas” (TEIXEIRA, 1993, p. 232). Ainda fez parada na Suíça, no castelo Chateau de Lucens, “onde viveu Conan Doyle e [...] escreveu *Sherlock Holmes*”. Nesse local, conta Amália, “[...] com fundo musical de Villa-Lobos, Madeline mostrou algumas raras espécies da flora de Goiás, através de suas tapeçarias com mil pontos bordados [...]” (TEIXEIRA, 1993, p. 232, grifo nosso). Por seu enfoque em gente, tais resultados eram gerados levando as plantas do Cerrado a serem conhecidas e admiradas no exterior.

Amália também mantinha correspondência e falava sempre pelo telefone com

²⁵ Que ou quem é estudioso ou colecionador de selos postais (Dicionário Priberam da Língua Portuguesa).

Heloneida Studart (deputada, jornalista, escritora, feminista e defensora dos direitos humanos). Em 23 de abril de 1981, puderam, finalmente, se conhecer. Heloneida foi “[...] presidente da Comissão de Meio Ambiente da Assembleia Legislativa do Rio de Janeiro”, condenando, discorre Amália, “a devastação vegetal de nosso país” e “incentivando os defensores de nossas riquezas naturias [...]” (TEIXEIRA, 1993, p. 168).

Outra figura ímpar, que Amália descreve como sendo aquele que “deu nome às orquídeas do mundo”, tem por nome Guido João Frederico Pabst. Ela conta que “Pabst muito auxiliou à Sociedade Goiana de Orquidófilos”, [...] instalada em 1963”. Foi ele também o responsável pela inclusão de Amália e Maximiano, em 1966, no quadro de membros da Sociedade Botânica do Brasil, durante o XXXII Congresso Nacional, ocorrido em Teresina – PI.

Segundo Amália, “Goiás deve serviço inestimável a Pabst. Inclusive, “ele revisou a classificação de mais de cinquenta microorquídeas, colhidas por nós em diferentes pontos de nosso Estado” (TEIXEIRA, 1993, p. 157). Além de tantas outras classificações de orquídeas vindas da Ilha do Bananal, do Parque Nacional do Tocantins, atualmente Parque Nacional da Chapada dos Veadeiros, conta Amália que foi ele o responsável por classificar a nova variedade da *Cattleya Nobilior*, “por nós descoberta em maio de 1977 entre Arraias e Taguatinga, no Norte de Goiás [atual Tocantins], batizando-a com meu nome” (TEIXEIRA, 1993, p. 157).

O livro *História de Goiás*, publicado no ano de 2011, foi organizado pelas historiadoras e professoras Eleuzenira Maria de Menezes e Janete Romano Fontanezi, que coordenaram a organização material. Em dezembro de 1978, Amália escreveu para Eduardo Frieiro: *Uma carta a um pesquisador* era o título epistolar. Nela, Amália cumprimenta o doutor em letras latinas, formado pela UFMG, e catedrático da mesma instituição, pelo seu aniversário de 85 anos, e o parabeniza por sua extensa e premiada obra. Ela destaca o “[...] seu primeiro livro *O Clube do Grafônomos* (1927), romance crítico, [que retrata] a vida literária de Belo Horizonte daquela época”. No início da carta Amália, informa que está num parecido, dizendo: “Aposentada, prepara um livro de história de meu Estado [...]” (TEIXEIRA, 1993, p. 126-127).

Salientamos que nos parágrafos seguintes, sobre esse livro, constam as falas das organizadoras por não termos encontrado a própria obra. Cabe destacar que entramos em contato com a Editora Kelps, a fim de tentar adquirir uma cópia, mas nos foi dito que não tinham em estoque; procuramos o IHGG, local do acervo de Amália, mas nos foi informado que estavam em reforma e que era impossível localizar qualquer material da autora; buscamos ajuda na União Brasileira de Escritores de Goiás, mas também não detinham um exemplar. Um último recurso foi tentar adquirir um exemplar em sebos, mas sem sucesso, infelizmente.

A descoberta do material que hoje compõe o livro se deu em 2004, a partir de Eleuzenira e Janete, mestras em História pela UFG, que souberam, através do presidente do IHGG na época, José Mendonça Teles, que uma grande parte dos documentos de Amália, que foram doados ao Instituto por sua família, precisava ser catalogada e organizada (BORGES, R., 2011). Vale destacar que o interesse em analisar, organizar e catalogar o acervo foi primeiramente de Eleuzenira Menezes, que desenvolvia um estudo sobre a migração para Goiânia, no período inicial da capital. Então, quando soube que a intelectual era uma pioneira do processo, se interessou (BORGES, R., 2011).

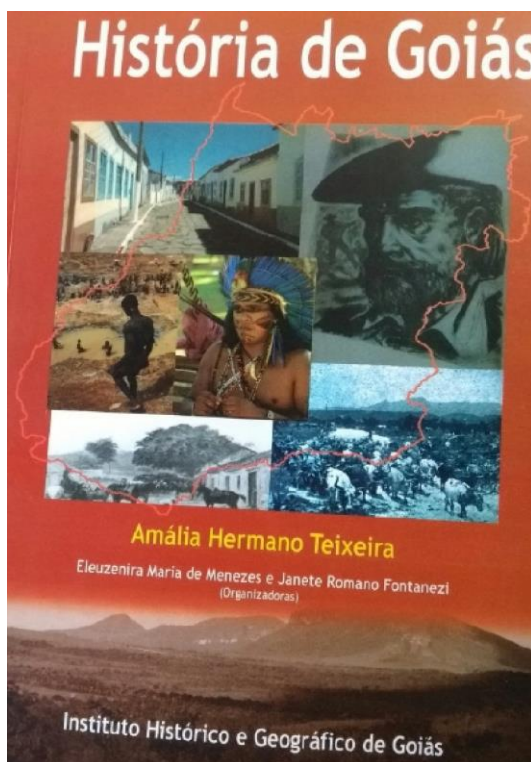
Assim, durante a organização, elas passaram três anos em contato com o material contido no acervo; acervo este que havia sido escrito por Amália durante um período longo, entre o final da década de 60 e início de 1970 (BORGES, R., 2011). Nesse tempo de pesquisas para a escrita da referida obra, Amália, “[...] para se familiarizar com a ciência da manipulação de documentos, fez o curso de Paleografia na Biblioteca Nacional²⁶” (FELÍCIO, 1993, p. 328).

De acordo com Borges R. (2011), o material encontrado, a princípio, era parte do que poderia ser um livro didático sobre a história do estado. Estava no IHGG, com quase 600 páginas datilografadas, possuindo boa parte com cópias em papel de seda (BORGES, R., 2011). Amália pesquisou e escreveu de forma pedagógica um material voltado para o ensino no estado de Goiás.

Nesse cenário, Bento Fleury Teixeira, datilógrafo pessoal de Amália, confirmou que tudo o que a professora havia produzido naquele trabalho ainda existia, pois foi ele mesmo que bateu todas as páginas à máquina (BORGES, R., 2011). Em complemento a afirmação anterior, Curado (2016b, p. 3) diz que esteve “[...] ao lado dela como datilógrafo de seu livro História de Goiás nos seus últimos anos, até o seu falecimento”. O livro foi publicado pela Editora Kelps em parceria com o IHGG e a Secretaria de Educação do Estado de Goiás.

²⁶ Não há registros do ano da realização desse curso. Essa informação só apareceu em sua obra *Perfis*, no artigo escrito por Felício – artigo este que não consta no índice da obra. Entretanto, considerando que a pesquisa que culminaria do livro A História de Goiás começou em 1957, poder-se-á apontar esse ano.

Figura 7 - Livro Didático “História de Goiás”



Fonte: Instituto Histórico e Geográfico de Goiás (2022).

Em entrevista ao Jornal O Popular, Eleuzenira Maria de Menezes afirma que é um livro riquíssimo e explica que ela fez uma pesquisa muito ampla, principalmente no que se refere à coleta de dados, pois, para isso, visitou da Biblioteca Nacional a Portugal. Com isso, infere que existem poucos livros sobre a História de Goiás que abarquem tanto conhecimento (BORGES, R., 2011). Ainda, Janete Romano Fontanezi complementa que o livro ficou bastante denso, visto que Amália menciona os nomes científicos de muitas plantas e espécies animais (BORGES, R., 2011).

A obra, de acordo com Menezes e Fontanezi, ainda na entrevista supramencionada, possuía uma gama de documentos, fotos, artigos, publicações, que foram descobertos após a morte da autora. Contam as organizadoras que o acervo foi documentado, catalogado, limpo e organizado. O livro, com três capítulos, que totalizam 582 página, reconta, sob o olhar de Amália, a história do estado, apresentando riqueza em informações, e foi publicado mantendo a autenticidade da educadora. A fim de compreenderem a grandiosidade da obra, as informações ali contidas foram todas checadas, uma a uma (BORGES, R., 2011).

A obra é dividida da seguinte maneira: no primeiro capítulo, chamado *O Território*, apresenta-se detalhados aspectos físicos de Goiás, com informações sobre relevo, vegetação e alguns de seus símbolos, como o hino e a bandeira. O segundo capítulo, *Bandeiras e Bandeirantes*, é dedicado a contar as incursões dos bandeirantes em território goiano. No

terceiro capítulo, *Ouro e Minas*, há um estudo voltado não só para a exploração de metais preciosos em Goiás, mas também para o trabalho dos negros escravizados naquele período.

Amália Hermano, neste livro, traz informações importantes acerca do Estado de Tocantins. Nesse sentido, como apontam as organizadoras Menezes e Fontanezi, a referida obra aborda bastante o estado de Tocantins; diante disso, é de grande relevância para seu povo, visto que trata com primor do território antes de passar pela divisão, o que é pouco comum (BORGES, R., 2011).

Indícios delatam que Amália queria publicar a história total do estado, segundo explicita Eleuzenira Menezes. A mestra em História explica que, em entrevistas a pessoas que conheceram Amália, soube que a escritora tinha o intuito de publicar o livro na década de 80; no entanto, seu marido faleceu quando ela já estava finalizando a pesquisa, então, sua prioridade foi elaborar um documentário sobre ele (BORGES, R., 2011). O documentário sobre o esposo de Amália acabou tornando-se o livro *Dois Anos sem Maximiano*.

Por outro lado, tem-se a percepção de Pereira (2017) em relação à pesquisa de Amália Hermano Teixeira, referente ao material que compõe o livro a *História de Goiás*. A autora pontua que não se sabe com certeza se Amália pretendia publicar uma obra completa devido ao fato de o livro deixar algumas questões em aberto. Nesse sentido, outra informação existente é o que foi publicado pelo Jornal O Popular, que explicita que, antes de sua morte, Amália voltou a comentar sobre a obra com amigos próximos (BORGES, R., 2011).

É interessante notar que as autoras Oliveira e Lemes (2018) apontam a produção de materiais didáticos por Amália, porém não citam os títulos. Da mesma forma ocorre com Araújo, Rodrigues e Catão (2017, p. 47), os quais afirmam que Amália escreveu vários textos sobre diversos temas, entretanto, nas páginas reservadas à autora (páginas 45 - 48) não constam os termos *material didático* ou *livro didático*. Contudo, o único livro de Amália que, até onde se sabe, carrega essas características de material didático é o já mencionado *História de Goiás* (TEIXEIRA, 2011), inicialmente pensado para ser uma obra em oito volumes. No entanto, somente o primeiro volume da pretendida série foi lançado de fato. Sobre esta obra, Pereira (2017) confirma a hipótese de ser considerada como um livro didático.

Nesse sentido Curado conta, em entrevista cedida a Borges R., (2018, p. 1), acerca da questão da quantidade de volumes do livro:

Ela tinha um projeto muito ambicioso de escrever a História de Goiás em oito volumes, uma obra que teria cerca de 5 mil páginas. Ela ia escrevendo e eu ia datilografando em uma máquina Olivetti e organizando. Conseguimos fazer isso com cerca de 1.200 páginas. Boa parte desse acervo ficou comigo, cedido pelo irmão da Amália, o José Hermano. Outra parcela virou um livro póstumo, lançado em 2011 [...] que foi organizado pelas pesquisadoras Eleuzenira Menezes e Janete Fontanezi.

História de Goiás, que corresponderia ao primeiro volume do trabalho idealizado por Amália, é dividido em três partes principais, intituladas O Território, Bandeiras e Bandeirantes e Ouro e Minas. Cada qual é dedicada a um momento específico da formação do Estado, indo daqueles que aqui habitavam desde tempos mais remotos e chegando ao ciclo do ouro, do auge à decadência.

A obra póstuma *História de Goiás* – como já destacado – foi publicada em 2011 e veio a “consagrar” Amália Hermano Teixeira como historiadora e escritora (PEREIRA, 2017, p. 16). Faz-se necessário pontuar que, para a referida obra, ela precisou “pesquisar e coletar dados [...] durante quatro décadas” e que, por ocasião da sua morte repentina, ela não pôde publicá-la (PEREIRA, 2017, p. 18). No entanto, a publicação da obra teve apoio do IHGG (na pessoa de José Mendonça Teles, então presidente do órgão), da Secretaria de Educação de Goiás (sob a gestão da professora Eliana França) e das pesquisadoras e historiadoras supracitadas, que organizaram o livro didático. Na introdução desse livro as organizadoras o descrevem como uma “joia” dos escritos (gerais) de Amália (TEIXEIRA, 2011).

4.2 A CONTRIBUIÇÃO DE AMÁLIA PARA A REVISTA OESTE

Na imprensa, Amália publicou diversos artigos voltados para o campo educacional, meio ambiente (Cerrado) e ensino rural/clubes agrícolas. A intelectual “[...] foi diretora da Imprensa Oficial do Estado (1946)”, sendo ela “[...] a primeira mulher a desempenhar tão elevado cargo no Estado e o desempenhou com sucesso e dinamismo” (CURADO, 2016b, p. 6-7). Sua atuação nesse campo representou o estado de Goiás nos mais variados congressos que reportavam a temática do pioneirismo feminino em cargos importantes.

De acordo com Santos e Oliveira (2018), a atuação de Amália na imprensa é admirável. Seus textos descrevem a beleza existente no Cerrado, contribuindo para que o bioma ganhasse visibilidade nacional. Esses autores refletem a importância e a trajetória feminina na imprensa, sobretudo no estado de Goiás. Afirmam, ainda, que além de Amália, outras mulheres lutavam por espaço na mídia e que os números de publicações femininas eram baixos, apesar da intelectual pesquisada e outras mulheres estarem escrevendo enredos grandiosos e admiráveis.

Nessa perspectiva, Borges V. (2008, p. 84) destaca que o protagonismo feminino foi importante para a imprensa no estado. De acordo com o autor, as mulheres escreviam sobre temas variados e de maneira expressiva, falavam sobre moda, política, culinária e cuidados domésticos. As mulheres na imprensa relataram com excelência diversos assuntos inovadores para a época. A Revista Oeste, a Revista Flores do Brasil, e a Revista de Educação, entre outras, destacam a presença de grandes mulheres à frente da sua direção, como pioneiras no jornalismo goiano. Porém, segundo o autor, esse é um assunto que precisa ser mais bem pesquisado.

Visto isso, destacamos que Amália teve uma contribuição considerável para a imprensa de sua época. O fato é corroborado por Santos e Oliveira (2018), que destacam: “ela falava sobre questões regionais (Goiás/Tocantins), literatura e os movimentos literários, cultura, o meio rural, a educação urbana e rural, a botânica e até mesmo sobre perfis como o de Burle Marx (Um artista plástico brasileiro), além de ter realizado várias entrevistas” (SANTOS; OLIVEIRA, 2018, p. 193).

Nesse contexto, a Revista Oeste teve uma função importante para a nova capital do estado de Goiás, pois pretendia ser um veículo disponível para escritores, poetas e intelectuais, a fim de estabelecer uma relação de pertencimento com Goiânia. A revista também contava com artigos, crônicas, poemas, fotos de Goiânia e do interior de Goiás, sobretudo de personalidades políticas, como Pedro Ludovico e Getúlio Vargas.

Com o decorrer do tempo, a revista tornou-se um meio de propaganda do Estado Novo, pela mediação de Pedro Ludovico Teixeira, que ordenou o financiamento da publicação por parte do estado. Observa-se, ainda, na Revista Oeste, o prisma de instrumento político-cultural, atuando no fortalecimento da “[...] inserção do estado de Goiás no projeto político, social e cultural do País, [que] tornou Goiânia um ponto privilegiado entre região e Nação” (NEPOMUCENO, 2008, p. 1).

Ao analisá-la, Souza R. (2018, p. 254) conclui que ela “[...] cumpriu o seu papel de propagar a imagem de Pedro Ludovico e exaltar os seus feitos, bem como, solidificar Goiânia como um marco histórico e definitivo para o progresso do Estado”. Ademais, além de enaltecer a figura do interventor, trazia uma literatura de diálogo com a educação e outros saberes.

A Revista Oeste foi um importante periódico fundado em Goiás em 1942, com circulação até o ano de 1944 e um total de 23 números publicados. A tiragem variava de 350 a 500 exemplares e contou com mais de uma centena de colaboradores, entre poetas, prosadores, historiadores, jornalistas e cientistas sociais. A historiadora Dayrell (1979, p. 240), em um estudo pioneiro acerca da referida revista, dividiu-a em três fases:

- a) Primeira fase: composta apenas do primeiro número, conseguiu ser “[...] uma revista literária, de um elemento incentivador e apresentador do esforço intelectual goiano”.
- b) Segunda fase: de março de 1943 a fevereiro de 1944, quando buscou-se conciliar a “[...] função de divulgador literário com a de divulgador político ideológico”.
- c) Terceira fase: de março de 1944 a dezembro de 1944, com a “utilização do Oeste como instrumento, exclusivamente, de cunho político-ideológico”, o qual “[...] não [tem] mais preocupação em conciliar propósitos distintos”.

Na Revista Oeste havia contribuições de diversos autores, por exemplo: Antônio Félix

de Bulhões; Americano do Brasil; Ricardo Paranhos e Joaquim Bonifácio; Bernardo Élis; Garibaldi Teixeira; Hélio Lobo; Paulo A. Figueiredo; J. Décio Filho e Zecchi Abrahão; Pedro Gomes; Alfredo de Castro; Léo Lince; Zoroastro Artiaga; Albatênio de Godoi; Leodegária de Jesus; Oscar Sabino Júnior; Maximiano da Matta Teixeira; Amália Hermano Teixeira; José Godoi Garcia; Odorico Costa; entre outros.

A revista Oeste retrata a vida intelectual, artística e cultural de Goiânia (nova cidade-capital de Goiás) nos seus primeiros tempos. Sua primeira publicação foi lançada em 5 de julho de 1942, mesma “data do Batismo Cultural de Goiânia”. Uma ideia que sintetiza bem o espírito da revista Oeste está presente no editorial do primeiro número, que alardeava a revista como “o veículo oficial do pensamento moço de Goiaz” (PERES, 2012, p. 3).

Amália publicou, nessa revista, um texto intitulado *O VIII Congresso Nacional de Educação e sua significação Cultural para Goiânia*, no ano de 1942. A finalidade do congresso foi discutir “os problemas da educação primária [...] da população brasileira, principalmente os relacionados com as zonas rurais” (TEIXEIRA, 1942a, p. 15). Nesse viés, um dos pontos destacados no artigo é que é preciso “fixar o homem rural em seu meio” e reforça que “nas zonas rurais [...] se encontram as garantias do país” (TEIXEIRA, 1942a, p. 16).

Dentre os temas de debate estão, por exemplo, *o professor rural e as colônias-escolas*. Há, evidentemente, uma preocupação legítima em relação à falta de preparo e motivação dos professores e à precariedade do ensino em Goiás. Nessa publicação, percebe-se que Amália esteve presente no processo de mudança educacional e cultural do estado (Fotografia 18). Além disso, ela deixa transparecer, com orgulho e satisfação, as características de Goiânia, a nova capital do estado.

Fotografia 18 - Amália no Palácio das Esmeraldas com Dr. Pedro Ludovico Teixeira (1955)



Fonte: Acervo particular de Bento Alves Araújo Jayme Fleury Curado (1955).

Por meio de seus escritos, é notável que sua produção escrita, elencando tal temática, atravessou exatamente cinco décadas. Amália exaltava o congresso enquanto um fator fundamental de evidência para as mudanças direcionadas à educação em todo o estado.

Todos os nossos grandes problemas têm sido estudados em congressos, e as diretrizes por eles traçadas, tornadas em realidade vêm demonstrando a eficácia desses certames. Nesse período em que a União, Estados, Municípios, e mesmo particulares, se unem para solucionar os nossos grandes problemas, o VIII Congresso Nacional de Educação constitui um belo exemplo da apregoada cooperação vertical (TEIXEIRA, 1942a, p. 29).

Ainda sobre uma análise acerca do artigo referente ao Congresso de Educação, há especulações sobre a existência de uma contradição no texto de Amália, em razão de haver um enaltecimento da construção de Goiânia e, em seguida, a professora dizer “[...] que nas zonas rurais é que se encontram as garantias do país [...]” e que se deve “fixar o homem rural em seu meio, evitando o êxodo dos habitantes campestres para a cidade” (TEIXEIRA, 1942a, p. 29). Entretanto, não há contradição.

Vale inferir que sua preocupação centra-se no desenvolvimento sustentável, aquele que não afete negativamente a população rural. Considerando que houve um fluxo migratório para a nova capital, tendo em vista o fato dela ter sido planejada para 50 mil habitantes, e que “[...] o município de Goiânia atingiu 48.165 habitantes em 1940”, compreende-se que a população rural beneficiou-se com esse crescimento – analisando, por exemplo, as iniciativas que surgiram desde então (escola agrícola, clubes agrícolas etc.).

Dando prosseguimento às análises, tem-se o artigo *Estradas – caminhos abertos à civilização*, publicado na Revista Oeste, ano II, nº 6, em julho de 1943, em que Amália discorre, de forma breve e didática, sobre a história da colonização brasileira (TEIXEIRA, 1943). Em

seguida, introduz a temática principal do artigo, que é a inserção do Norte na economia do estado de Goiás, adentrando, após, no processo de intercâmbio entre estas duas localidades, já que auxiliaram no desenvolvimento da modernização estadual. A professora inicia o artigo da seguinte maneira:

Voltemos, por uns instantes apenas, ao passado e volvamos a vista àquelas partes da terra onde a civilização primeiro estendeu o seu incomparável domínio. [...] É inegável, concordarmos, a civilização se desenvolve ao longo dos caminhos. [...] Se no Brasil, os caminhos que andam tiveram papel relevante na tarefa de desbravamento de nossas terras, paralela e posteriormente as rodovias e ferrovias vieram exercer ação profundamente civilizadora. Dizem, a estrada é que fundam as cidades. Neste ponto, sentimo-nos orgulhosos por nos ser dada a honra de apresentar uma exceção. Podemos, aqui, dizer ao historiador que, distante o tempo dos nossos heroicos bandeirantes, teve o nosso Estado um fundador de cidade. É ele, e todos bem o sabem, Pedro Ludovico Teixeira, com muita justiça chamado o Bandeirante do Século XX (TEIXEIRA, 1943, p. 245).

Mais uma vez, a figura do interventor goiano é enaltecida por Amália, com o discurso de modernização, porém não no sentido de degradação da natureza, mas como alguém que abriu caminhos, evitando que o estado de Goiás fosse levado ao abandono. Nesse sentido, ela completa dizendo: “Pedro Ludovico Teixeira, com muita justiça [é] chamado o Bandeirante do século XX. Fundou Goiânia – essa vibrante realidade – e criou para Goiás uma nova era – a era do progresso e da civilização” (TEIXEIRA, 1943, p. 245).

Há uma comparação de Ludovico Teixeira com a do bandeirante do século XVI, alegando que ambos impulsionaram a ocupação do estado de Goiás, além de ter direcionado os excedentes populacionais para espaços demográficos vazios na tentativa de aumentar a produção econômica. Importante pontuar que, nesse artigo, *Estradas – caminhos abertos à civilização*, ela compara Ludovico com o bandeirante como uma forma de exaltar sua figura.

Na visão do interventor, ressaltada no artigo por Amália, a mudança da capital era uma alternativa que permitiria a ligação do estado com o restante do país. Nesse quesito, “a projetada rodovia que cortará o Estado, de norte a sul, será um passo agigantado na marcha em que se encontra empenhado o Brasil” (TEIXEIRA, 1993, p. 245).

Talvez, com esse pensamento de progresso e civilização, Amália possa parecer desconexa com aquilo que o presente estudo vem apontando – natureza, ensino rural etc. No mesmo artigo, ela defende que “o aumento da população e a difusão do desenvolvimento intelectual são consequências naturais de um bem organizado sistema de comunicações e transporte” (TEIXEIRA, 1943, p. 245). Assim, esclarece que:

[...] seria ingenuidade nossa o pensar que as estradas isoladamente pudessem ou passam exercer a ação civilizadora; elas, ligadas ao problema da povoação, prendem-se, concomitantemente, aos da produção e consumo, para apresentar reais proveitos. São fatores interdependentes, e aos quais também se une o da educação (TEIXEIRA, 1943, p. 245).

Em seus trabalhos, Amália buscou evidenciar seu amor pela natureza, mas não contra o progresso e modernização, o que pode ser observado pelo fato de ela ter sido pioneira em muitos aspectos, principalmente no que diz respeito à educação ruralista. Isso pode ser evidenciado no referido artigo, quando se lê:

Conhecemos o valor do sábio conselho de que as vias de comunicação devem se desenvolver conjuntamente com a população, e que os meios de transporte não teriam sentido completo se não estabelecessem um equilibrado plano de distribuição da riqueza, resultante da exploração da terra; e, ainda, que a produção perde todo o valor, se inexistente o consumo. Por força, penetramos nos domínios da Economia Prática, e lembramos, pois, o ciclo econômico de Gournay: a produção, a circulação, a distribuição e consumo das utilidades (TEIXEIRA, 1943, p. 245).

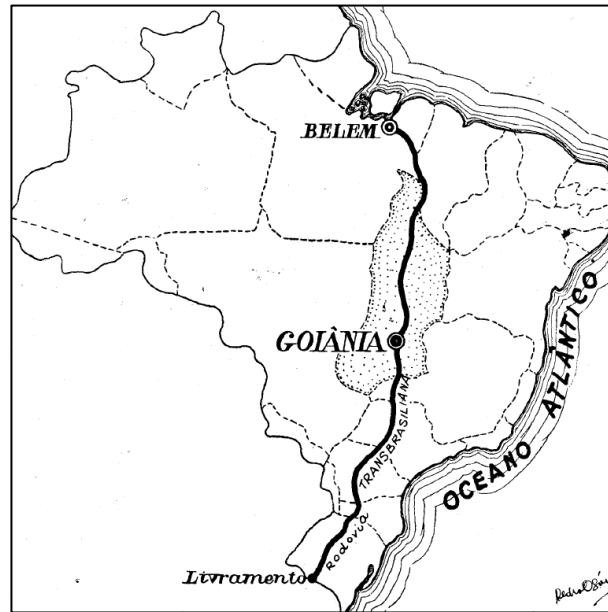
Mais adiante, no mesmo texto, a intelectual defende que as terras produtivas deveriam ser entregues somente para quem “[...] realmente vão habitá-las e cultivá-las, e não para quem, vivendo na cidade, sem nenhum interesse de sair delas, tão somente para aumento de seu capital” (TEIXEIRA, 1943, p. 246). Ainda, explica que “em todo o Brasil [...] desempenham as estradas papel relevante na aproximação do homem do interior aos centros mais civilizados” e, não somente isso, mas também “no aproveitamento de produtos, transporte aos centros consumidores, na formação de ambiente propício à difusão do ensino” (TEIXEIRA, 1943, p. 246).

Nessa mesma época, em consonância com o pensamento de Amália, Medeiros (1943, p. 427) publica o artigo *A Transbrasiliana*, também na Revista Oeste, cujo título vinha bem a calhar (Figura 8). O autor inicia o artigo destacando que:

A chamada Marcha para o Oeste [...] de desenvolver aplausível esforço de interiorização das forças civilizadoras do país, [...] excelente motivo às grandes e frequentes excursões acadêmicas pelo hinterland [interior]. Essa fase [...] de medidas práticas e eficientes, encaminhadas no sentido do maior problema brasileiro – a ocupação efetiva dos nossos imensos desertos verdes, tão cheios de possibilidades, quanto de necessidades. E essa transição, coube operá-la ao próprio chefe da nação [Presidente Vargas] [...].

Conforme descreve Medeiros (1943, p. 427), os resultados de tal empreendimento, “até então inéditos nos anais da história administrativa do país”, já são sentidos. Ele completa afirmando que “já há um novo ritmo de vida a palpitar [...] as plagas goianas” e isso, continua o autor: “deixa antever o que serão os resultados de sua missão civilizadora, considerando o termo na sua mais ampla concepção” (MEDEIROS, 1943, p. 427).

Figura 8 - A Transbrasiliana



Fonte: Medeiros (1943, p. 427).

Retomando o artigo *Estradas – caminhos abertos à civilização*, Amália Hermano Teixeira finaliza-o explicitando que “as estradas farão chegar o [...] progresso social e que as mesmas são caminhos para a civilização” (TEIXEIRA, 1943, p. 246). Parece ficar óbvio, nesse último trecho, que ela defende o progresso e a civilização, mas observando os princípios que regem o respeito ao meio ambiente, ou seja, talvez algo na direção do desenvolvimento consciente, não prejudicial aos povos camponeses. Esse argumento, de certa forma, já foi apresentado nas linhas supracitadas.

A esse respeito, já em outra publicação, no artigo *Amigos da Natureza*, na Revista Educação, Amália apresenta mais algumas importantes revelações sobre o que ela pensa sobre o progresso, civilização e meio ambiente. Inicia o artigo falando sobre proteger, prevenir e reparar as maravilhas da natureza, pois, para ela, os bens naturais são indispensáveis à própria vida do homem. Infelizmente, aponta ainda que o homem, num utilitarismo alarmante, vem destruindo, impiedosamente, os recursos naturais de forma irresponsável (TEIXEIRA, 1960).

Amália faz um alerta em seu artigo a partir de um trecho do livro *Biogeografia Dinâmica*, de A. J. Sampaio: “onde, porém, o homem se esqueça que, não há bem que sempre dure, e imprevidente vá consumindo o que exista, é claro que acabará morrendo à mingua” (TEIXEIRA, 1960, p. 275). Nesse artigo, Amália explica que é possível a proteção à natureza juntamente com o progresso social, trilhando os caminhos para a civilização e modernização paralelamente. Nesse sentido, pode ser notado, a partir da sua reflexão logo abaixo, que Amália olha o passado, reflete o seu presente e preocupa-se com as futuras gerações, quando descreve que:

Protegendo as riquezas naturais do país, fazendo ver a quantos conosco convivem, a imperiosa necessidade desse cuidado, envidando esforços indispensáveis, **à conservação das reservas de que as gerações futuras não de necessitar**, estaremos, sim, realizando a obra de patriotismo, pois teremos em vista não o nosso passageiro interesse, mas a grandeza da pátria, que é imperecível (TEIXEIRA, 1960, p. 299, grifo nosso).

Nesse artigo, a educadora, a todo o tempo, chama atenção para a preservação do meio ambiente, precipuamente, referindo-se ao Cerrado goiano. Sua preocupação não era nova e pautava-se em relatos de outrora, como se segue:

Aqui, vemos, essas zonas semidesérticas, secas, temidas, originalmente cobertas de florestas, ricas de húmus, regadas de rios, segundo os testemunhos de inúmeros naturalistas que nos visitaram, e que não esconderam o assombro diante da destruição implacável de nossas florestas (TEIXEIRA, 1960, p. 299).

Diferentemente dos artigos anteriores, este não aborda diretamente o papel do governo. Porém, Amália descreve que a preservação só pode ocorrer quando houver a superação da ignorância do homem do campo. Inclusive, ela destaca “[...] que a Nova Constituição estabeleceu o ensino rural no país” (TEIXEIRA, 1960, p. 276) e que os objetivos da preservação só ocorreriam com as implantações dos clubes agrícolas.

Ainda sobre o artigo, a autora afirma que as consequências da destruição das florestas no Brasil são sérias e que a responsabilidade de proteger, prevenir e reparar pesa sobre cada brasileiro. Entretanto, Amália mostra-se preocupada, pois destaca que não são asseguradas e cumpridas as leis de sua época, ou seja, o Código Florestal, Código de Caça e Pesca, Código de Minas, e outros. Para ela, “a observância a essas leis depende de uma arregimentação extraordinária de elementos, e acha-se em função do grau de cultura de um povo” (TEIXEIRA, 1960, p. 300).

Amália chama outros profissionais para divulgarem e propagarem os conhecimentos sobre os modos de proteção da natureza. Ela começa convocando os cientistas e pede que eles simplifiquem os ensinamentos, de maneira a serem integrados no plano de educação. Em seguida, completa ela, “ao educador, por certo, é que cabe integrar essas noções nos programas de ensino, com habilidade e precisão” (TEIXEIRA, 1960, p. 300). Essas pontuações de Amália muito esclarecem suas ações, pois em quase toda sua trajetória, de algum modo, tinha como pano de fundo, aspectos da natureza: na docência, sua veia política, seus estudos advocatícios, tudo parece levar ao tema.

Retomando sobre a necessidade de integrar os conhecimentos sobre preservação do meio ambiente na escola, Amália Hermano Teixeira reforça um cenário preocupante em sua época ao destacar que:

A ignorância em que vive o nosso homem rural é um fator negativo à campanha pró-conservação de nossas reservas naturais. E foi, justamente, meditando sobre esse magno problema que a Nova Constituição estabeleceu o ensino rural no país, pois

somente a educação agrícola pode operar o milagre da volta do homem à natureza. Conhecendo os benefícios que dela advém, aprende o homem a amá-la e a respeitá-la (TEIXEIRA, 1960, p. 300).

Parece ficar claro que ela tinha, dentre seus propósitos, usando, inclusive, da sua influência e meios de comunicação, o intuito de levar esclarecimentos para os leitores e para a população em geral sobre suas aspirações educacionais, políticas e nesse caso, estritamente relacionada à natureza e seu cuidado. Entretanto, ela mostrava preocupação sobre como fazer chegar o conhecimento dos fatos para a população, especialmente para o homem do campo. Assim, Amália afirma que “[...] inútil será pensar em proteger a natureza antes de preparar o homem que vive em contato íntimo com ela” (TEIXEIRA, 1960, p. 300).

A educação se torna uma valiosa ferramenta para o esclarecimento, sendo, então, uma importante pauta em sua trajetória. A todo o tempo ela coloca em pauta a responsabilidade dos governos e destaca a legislação vigente em sua época, mas parece também mostrar que também há certa dependência da própria população, a parte mais letrada. Isso pode ser averiguado quando ela diz que “perdidos serão todos os esforços do Governo e legislação enquanto o sertanejo permanecer na situação de desamparo moral, intelectual e moral em que, em grande parte, se encontra” (TEIXEIRA, 1960, p. 300).

As pretensões de Amália não são simples alusões surreais de seu imaginário. Na verdade, encontra amparo em dados que ela projeta no seu artigo *Amigos da Natureza*, onde revela que, “nos centros onde a escola rural exerce sua benéfica ação sobre a mentalidade do sertanejo, as campanhas cujas finalidades são proteger, prevenir e reparar os nossos bens naturais, encontram ambiente propício e apresenta resultados animadores” (TEIXEIRA, 1960, p. 300).

Amália tenta, a todo momento, mostrar que a educação, o conhecimento e a instrução é o caminho. Para ela, esse paradigma precisa estar presente desde os líderes políticos e sumidades – quando ela cita Coelho Neto, Major Archer e da Tijuca, Humberto de Campos – até as classes populares da sociedade. Entende também que não adiantam as leis – cita o Código Florestal, Código de Caça e Pesca, Código de Minas, dentre outros – se não há como o cidadão conhecer e, assim, se fazer cumprir. Todos precisam estar cientes de suas obrigações enquanto patriotas, sendo este um dos pontos que ela frequentemente enfatiza.

Amália sempre deixa evidente que é a favor da modernização e do desenvolvimento, mas desde que sejam observadas às leis de respeito à natureza. Isso deixa subentendido, em outras palavras, seu apreço pelo desenvolvimento sustentável. A partir dos artigos *Estradas – caminhos abertos à civilização* (TEIXEIRA, 1943) e *Amigos da natureza* (TEIXEIRA, 1960), ambos publicados na Revista Oeste, entende-se por *desenvolvimento* o progresso social, os

caminhos para a civilização e a modernização; e por *sustentável* a observância às leis ambientais, respeito às belezas naturais e conservação e proteção das riquezas naturais.

Essas atitudes de Amália encontram respaldo em Lèvi-Strauss (1996, p. 73), o qual aponta que “o homem atribui à natureza, traços humanos, para poder se revestir, ainda que ilusoriamente, das forças da natureza”. Diz também que, “na cosmologia grega, o mundo é dotado de uma hierarquia funcional que o torna semelhante ao organismo biológico”. Nesse sentido, pensando poeticamente, é essa força que toma Amália, fazendo-a quase que se sentindo parte da natureza que a cerca. Assim, podemos compreender toda a sua energia empenhada em prol da natureza, do Cerrado, de Goiás.

No artigo *Orientação Vocacional*, também publicado na Revista Oeste, ano II, n° 15, em abril de 1944, fica evidenciada a participação de Amália enquanto professora. Ela toma como ponto de partida do trabalho o cuidado que o ser humano precisa ter em sua vida. Assim, a autora evoca o método como sendo fundamental para o desenvolvimento do sujeito. Nas palavras de Amália, “para que alcance o homem êxito decisivo em qualquer atividade, terá de seguir o método, levar em conta suas tendências, empregar técnicas apropriadas” (TEIXEIRA, 1944b, p. 543).

Ao reportar seu ponto de vista da história humana, ela descreve que “a experiência mostra a desorganização, o desequilíbrio dos primeiros tempos, em que o homem desmedidamente ambicioso, irresponsável absoluto, aplicou métodos e processos selvagens” (TEIXEIRA, 1944b, p. 543). Num primeiro momento, numa análise superficial, pode parecer que Amália esteja se contradizendo em relação aos seus escritos anteriores sobre estradas, modernização etc., mas, na verdade, ela segue a mesma tese, ou seja, o ensino rural atrelado aos cuidados com a natureza.

Já no segundo instante, ela explicita a relação danosa do homem – quando vive sem um método eficaz de sobrevivência – com a natureza logo no início da colonização brasileira. Desse modo, relata: “nos seja aqui permitido lembrar a destruição inominável que os colonizadores do Brasil recém-descoberto levaram a efeito de soberbas florestas, de espécies vegetais” (TEIXEIRA, 1944b, p. 543). Porém, não se trata de uma crítica ao interventor, em hipótese alguma.

Como nos artigos anteriores, Amália mostra-se preocupada com o futuro, com isso, declara: “[...] quando vivemos nós a assistir essa danosa devastação de riquezas naturais, **sem nos abalarmos com o futuro**, entregues a um intelectualismo tolo, pois divorciado das tendências e necessidades do país” (TEIXEIRA, 1944b, p. 543, grifo nosso). Ela retoma claramente os assuntos dos dois artigos anteriores (Estradas - caminhos abertos à civilização

e Amigos da Natureza). Neste último (Orientação Vocacional), também o faz quando cita as riquezas naturais, que o Brasil é um país essencialmente agrícola, e quando aborda a técnica apropriada para o uso adequado da terra.

Amália esclarece que esses problemas são frutos da falta de orientação no setor da agricultura, pois, ao tê-la, tais problemas não existiriam, pelo menos não na medida em que presenciamos. Amália cita no presente artigo que, nos Estados Unidos, desde o curso primário ao superior, os estudantes têm a oportunidade de aprenderem sobre “a maneira racional de se cultivar a terra, valorizando-a” (TEIXEIRA, 1944b, p. 543).

No artigo *Orientação Vocacional*, Amália Hermano Teixeira começa fala sobre a importância do amor ao trabalho, momento em que reporta à docência, apresentando dois pontos fundamentais para o sucesso de uma instituição escolar: primeiro, ao se tratar do magistério, dizendo que “[...] a seleção do pessoal deveria ser rigorosa, pois nenhum outro setor a atitude, a personalidade exerce tamanha influência”; segundo, afirma que “essa [...] afirmação cresce de valor se considerarmos a atual orientação dispensada ao problema educacional, no tocante a administração escolar, até agora tão descuidada” (TEIXEIRA, 1944b, p. 543).

Amália, em seguida, faz uma crítica de como ocorre a contratação de profissionais que atuam na administração escolar, que é diferente do magistério – na docência há uma grade cobrança de saberes, enquanto para a administração parece haver certa flexibilização:

[...] exige-se do professor, além do diploma, cultura geral e científica bastante para ministrar ensinamentos à infância e juventude, mas, [com relação aos diretores para instituições de ensino] não se cogita da sua capacidade de direção, do seu conhecimento de administração escolar (TEIXEIRA, 1944b, p. 543).

Amália destaca no referido artigo a importância do cargo administrativo e cita, como exemplo, as várias palestras e aulas em que participou “[...] a convite do diretor do Instituto Nacional de Estudos pedagógicos, professor Lourenço Filho, em fevereiro de 1943, no Rio” (TEIXEIRA, 1944b, p. 543). Ela descreve que nesses encontros pôde constatar “o alto valor dessa matéria e da necessidade de se difundirem esses ensinamentos por todo o Brasil, para o bom andamento das questões educativas” (TEIXEIRA, 1944b, p. 543).

Um dos momentos que mais chamam a atenção e revelam o significado do título do trabalho (Orientação Vocacional) mostra-se quando Amália diz:

Louvável, pois a resolução da Diretoria Geral de Educação de nosso Estado ao adotar em seu plano o método de seleção e promoção de professores pelo grau de aproveitamento apresentado por seus alunos em determinado espaço de tempo, abandonando o velho sistema de concurso, que nesse setor causa sempre decepções (TEIXEIRA, 1944b, p. 543).

A intelectual mostra sua preocupação com a aprendizagem do alunado na escola

agrícola. Nesse sentido, ela defende que “a orientação agrícola [ou seja, o papel desempenhado pelo docente], além de transformar o ensino livresco, rotineiro em ativo útil, interessante, vivo” (TEIXEIRA, 1944b, p. 543). De certo modo, segundo Amália, esse formato “[...] seleciona o professorado, pois a atividade do mestre moderno não consiste em apenas ministrar aulas em dias e horas determinadas, mas dirigir, orientar seus alunos em ocasiões diversas”. É nessa prática, completa Amália, que o professor coloca “[...] sua inteligência, imaginação, entusiasmo e atividade a serviço da causa educacional e o que é muito importante de constituir exemplo para seus alunos” (TEIXEIRA, 1944b, p. 543).

Ainda, ressalta que suas afirmações se fundamentam “[...] não na teoria educativa, mas na prática, através de longa e ativa fase de trabalhos” (TEIXEIRA, 1944b, p. 543). Desse modo, para exemplificar, detalha ela:

Em 1936 e 1937, fundamos e orientamos Clubes Agrícolas em vários municípios goianos, quando prestava meus serviços à Secção de Ruralismo do então Departamento de Propaganda e Expansão Econômica, sob a direção do agrônomo Câmara Filho. Já em setembro de 1936, nada menos que 21 Clubes Agrícolas funcionavam em todo o Estado, recebendo todos assistência de nossa Secção, e sementes, mudas e ferramentas do Ministério da Agricultura (TEIXEIRA, 1944b, p. 543).

Os dados desse progresso não foram noticiados somente por Amália. O jornalista Odorico Costa (1943 *apud* TEIXEIRA, 1943, p. 543) publicou matéria no Jornal Correio Oficial no dia 21 de setembro de 1943, noticiando que “Goiás estava em 6º lugar quanto ao número de Clubes Agrícolas escolares”. Porém, Amália precisou deixar a Secção de Ruralismo, pois, em 1937, ela “foi [...] chamada para, ao lado do agrônomo Manoel Alves de Almeida, organizar os programas para a Escola Profissional Rural de Rio-Verde”.

Entretanto, no presente artigo (Orientação Vocacional), sobre a realidade dos Clubes Agrícolas, ela revela duas situações. Na primeira, um cenário desolador, o professorado desanimou e os clubes passaram a existir só em nome. Porém, logo em seguida, no segundo momento, ela, num ar de esperança para os Clubes Agrícolas, discorre sobre o decreto que institui o ensino rural e profissional agrícola:

O decreto-lei nº 7. 298, de 16 de setembro de 1943, baixado pelo Interventor Federal em nosso Estado, dr. Pedro Ludovico Teixeira, instituindo o ensino rural e profissional agrícola, vem de criar uma decisiva fase de para as atividades agrícolas em nosso Estado, atendendo assim a recente determinação do Ministério da Educação, que tornou obrigatória a orientação agrícola em todos os estabelecimentos de ensino (TEIXEIRA, 1944b, p. 543).

O primeiro artigo de Amália para a Revista Oeste tem como objetivo a apresentação do VIII Congresso Nacional de Educação e sua significação cultural para Goiânia, realizado entre os dias 18 e 28 de junho de 1942 (TEIXEIRA, 1942a, p. 28). Foi um evento inovador, uma vez que, marcava o interesse do governo do estado por uma renovação no cenário educacional. O

Congresso foi promovido pela Associação Brasileira de Educação sob o patrocínio do Governo Federal e Estadual.

Nesse artigo, intitulado *O VIII Congresso Nacional de Educação e sua significação cultural para Goiânia*, ela mostra sua admiração pela escolha da nova capital goiana: “[...] uma nova capital - ontem, sonho para Pedro Ludovico e para nós outros brasileiros. Goiânia - na contemporaneidade, a realização ousada de seu próprio idealizador, feito só comparável a um milagre” (TEIXEIRA, 1942a, p. 29). Assim, enaltece de forma poética a construção e transferência da capital do estado e tece elogios ao interventor, bem como ao Estado Novo.

Por fim, Amália diz que, por se encontrarem criadas as instituições e publicado o decreto-lei, bastava ao governo controlar esse movimento em todo o Estado, pois, com isso, tal atividade resultaria “[...] em vida e calor às escolas” (TEIXEIRA, 1942a, p. 543). De acordo com Araújo e Santos (2016, p. 5), Amália faz, no referido artigo (Orientação Vocacional)²⁷, referência a um dos movimentos que emergiram juntamente com a Escola Nova em Goiás, o ruralismo pedagógico. Esta tendência educacional surgiu para invocar a vocação agrícola do estado de Goiás. O pensamento de Amália enquanto professora encontrava-se atrelado ao conceito do Estado Novo e em concordância com o ideário internacional vigente neste período, como se pode ver, quando ela citou os Estados Unidos.

Em seu último artigo, publicado na Revista Oeste, intitulado *Alberto Torres*, ano III, nº 22, Goiânia, novembro de 1944 (p. 863-864), realizou uma dedicatória ao intelectual brasileiro Alberto de Seixas Martins Torres. Porém, antes de falarmos sobre esse artigo, é importante fazer uma contextualização, situando o leitor. Cabe lembrar que em 1936, Amália, motivada pelas ideias do filósofo Alberto Torres, interessou-se pelo ensino rural e participou do Curso de Extensão Rural, promovido pela Sociedade dos Amigos de Alberto Torres (Saat), no Rio de Janeiro.

Em 1942, na ocasião da participação da educadora no VIII Congresso Brasileiro de Educação, realizado em Goiânia, ela usou o trabalho de Alberto Torres como referência para propor a realização da reforma agrária em Goiás. Mais adiante, na mesma obra, já na biografia de Claro Augusto de Godoy – um dos 53 nomes biografados –, descreve ela:

Na semana ruralista de Anápolis (1936) o competente agrônomo Luiz Caiado de Godoy, do quadro do Ministério da Agricultura, administrador do campo experimental de café e do posto de seleção e multiplicação de sementes de trigo, ao lado de Câmara Filho e Erenigeu Teixeira, destacava-se como adepto das ideias do

²⁷ A ideia da “vocação agrícola”, da citação acima, se ramifica em dois braços: um que com o passar do tempo vai se configurar no atual agronegócio e outro que postulava certo romantismo rural. Lembrando que a visão de Amália se pautava nas ideias de Alberto Tôrres. É por natureza uma biografia coletiva, conforme apontado na ficha catalográfica do livro.

filósofo Alberto Torres, incentivando-me no início de minha carreira de ecóloga e professora (TEIXEIRA, 1993, p. 94).

Nessa época, afloravam discussões sobre o ruralismo brasileiro. A partir desse ponto, faz-se necessário evidenciarmos três importantes aspectos sobre o ruralismo brasileiro a partir de Mendonça (1997, p. 177). Para esse autor, os aspectos do ruralismo brasileiro são: “[...] de um movimento político de organização de interesse de frações agrárias da classe dominante no nível da sociedade civil; de um debate de ideias e, finalmente, de uma institucionalização governamental dessas demandas [...]”.

Portanto, como se pode notar até aqui, as ideias de Alberto Torres estavam sempre fomentando as reflexões, escritos e ações de Amália Hermano Teixeira. Assim sendo, voltemos ao artigo *Alberto Torres*, no qual, em suas linhas introdutórias, Amália não poupa adjetivos ao filósofo e o descreve como um “grande pensador, notável sociólogo, e insigne brasileiro” (TEIXEIRA, 1944a, p. 863). Além disso, diz:

De seu pai, Dr. Manoel Martins Torres, senador da República e antigo magistrado, um servidor justo e fiel a sua Pátria, herda Alberto Torres nobreza de caráter, espírito de luta, amor incomensurável por sua terra, por seu país. A mãe, Dr^a. Carlota Sizas Torres, mercê de sua consagração e amor ao próximo, se elevado sentido da vida, soube imprimir no espírito do filho entusiasmo e confiança no valor de nossa raça, donde seu devotamento às causas sociais.

Há uma diferença entre esse artigo e os demais, pelo fato de não haver citação direta ou indireta da política goiana. No entanto, Amália não se desvincula da política nacional, já que ela relembra os cargos políticos de Alberto Torres e sua contribuição para o campo social: “[...] como acadêmico é abolicionista ardoroso”, também um “[...] profundo conhecedor de nossas gentes e de nossas cousas” (TEIXEIRA, 1944a, p. 863). Assim, tendo tal perfil, Alberto “[...] entrega-se definitivamente a um plano de organização nacional, mostrando aos brasileiros a situação de descabro em que se encontra o país, apontando-lhes claramente os meios de se evitar o negro futuro a ele reservado” (TEIXEIRA, 1944a, p. 863).

A obra de Alberto Torres, segundo Amália, aborda “[...] a questão racial, traçando as características do nosso [povo]” (TEIXEIRA, 1944a, p. 863). Diante de sua importância, surge a Sociedade dos Amigos de Alberto Torres que reeditou suas obras e, para completar a ação nacionalista, através de cursos da Universidade Rural Brasileira, formou técnicas de ensino para todo o Brasil (TEIXEIRA, 1944a). Servir à infância e à juventude com amor, dedicação, entusiasmo, persistência e até mesmo sacrifício: essas são algumas características de Alberto Torres, segundo Amália.

Por esse viés, Amália cita uma frase do filósofo: “Precisamos educar o nosso povo na arte varonil de transformar ideias e sentimentos em atos”. E completa a intelectual goiana: “[...] entregue ao seu sacerdócio, dedicando seu carinho e saber à educação de seus alunos, seguindo

o exemplo dos verdadeiros educadores” (TEIXEIRA, 1944a, p. 864). Com isso em vista, Amália afirma que Alberto é um dos pioneiros do ruralismo.

Alberto Torres defende que a criança deve ser ensinada a amar a natureza; que desde a infância ela deve viver em contato com a natureza; que a escola precisa se preparar para o trabalho. Entusiasta de Alberto Torres, Amália inclusive apoiou, nessa época, a ideia do Dr. Luiz da Glória Mendes, que foi seu companheiro de trabalho e adepto da “[...] filosofia construtivista do mestre, de criar um núcleo torreano em Goiaz” (TEIXEIRA, 1944a, p. 864).

Na obra *Perfis: pessoas que marcaram minha vida*, Amália reserva cinco páginas para Alberto Torres. Entretanto, não se acha na biografia, entre as páginas 1 e 5, o momento em que se conhecem. Esse aspecto evidencia a grande admiração que Amália tinha por Alberto Torres. Podemos destacar quando ela explicita, por exemplo, que ele foi um grande pensador, que possuía “nobreza de caráter, espírito de luta, amor incomensurável por sua terra”, que havia “entusiasmo e confiança”; que era “inclinado aos estudos”, “abolicionista ardoroso”, “profundo conhecedor de nossa gente”; “era sincero”, “grande homem”, o “[...] melhor general”. Por fim, diz que “o pensamento fecundo de Torres deve ser conhecido de todos” (TEIXEIRA, 1993, p. 1-5). Esses são alguns dos termos, palavras ou adjetivos admiráveis que a autora usa para descrever ou acentuar alguma qualidade de Alberto Torres. Sua visão torreana é vista, como já apontado, em várias de suas obras.

Como se pode perceber, nos cinco artigos publicados na Revista Oeste, Amália abordou questões relativas à educação, política e natureza (Quadro 4), assuntos estes importantes para esta pesquisa. Sua participação manteve certa frequência de publicações no decorrer dos dois anos em que o periódico esteve em circulação na capital.

4.3 SUA PARTICIPAÇÃO NA REVISTA DE EDUCAÇÃO

As publicações da Revista de Educação podem ser divididas em três fases. A primeira fase corresponde ao período de 1937 a 1944; a segunda de 1945 a 1958; e a terceira de 1958 a 1962. Cabe esclarecer que “[...] essa delimitação temporal corresponde aos anos datados nos números da revista que foram localizados” por Santos (2013, p. 8). Sobre ela, esclarece-se:

Na capa da revista lê-se “Revista de Educação”; já no Decreto, a denominação é “Revista Goiana de Educação e História”, nome que não aparece em nenhum dos três números. Entretanto, na contracapa do exemplar de nº2 da “Revista de Educação”, consta o Decreto que a criou. Assim, pelo número do decreto que instituiu a revista é que se entendeu que se trata do mesmo periódico (SANTOS, 2013, p. 33).

A Revista de Educação também chegou a ser publicada com o seguinte nome: Revista de Educação e Saúde – vindo a circular com esse título somente em 1946 (VIANA, 2017, p.

80). Como se pode supor, ela é uma continuação da Revista de Educação, conforme explica Santos (2013, p. 53):

A segunda fase da revista foi marcada por descontinuidades em sua circulação. Entre o número 21, de junho/1944 – o último da primeira fase – e o número 22, de janeiro/1946 – o primeiro número da segunda fase –, houve um intervalo de dezessete meses, período em que a Revista não circulou. Em 1945, o Decreto-Lei nº 186, de 24 de novembro, reorganizou a Revista, que passou a denominar-se “Revista de Educação e Saúde”.

Visto isso, encontramos que, na primeira fase (1937-1944) da Revista de Educação de Goiás, nº 9, de 1939, Amália publicou um artigo que tem por título *Programas do Ensino na Escola Nova*. Nesse texto, Amália apresenta sua visão de como o governo enxergava a implantação da Escola Nova:

A criança, até então abandonada, passa a ser objeto de estudos sistematizados. Métodos, modos e formas de ensino são deixados, ou melhor, são modificados. As preciosas obras de Sócrates, Pestalozzi, Decroly, Herbart, Rousseau e pedagogos outros antigos são chamados a colaborar na grande obra de reorganização pedagógica. Bem sabemos nós, foram dos grandes filósofos e educadores do passado as teorias em que basearam os princípios da Escola Nova. E unidas, de mãos dadas, a Psicologia Educacional, a Biologia, a Sociologia e a pedagogia formaram o alicerce sobre o qual se levanta segura, vitoriosa, a escola de nossos dias (REVISTA DE EDUCAÇÃO, 1939, p. 7).

Na segunda fase (1945-1958), a educadora publica dois trabalhos. O primeiro deles encontra-se na seção de assuntos pedagógicos, nº 23/24, de 1946, cujo título foi *O Problema do Ensino no Norte de Estado*. Em seu texto, Amália destaca o aluno como centro do ensino. Ela busca mecanismos para flexibilizar o sistema educacional através das suas ideias, pautadas na escola nova. Tais aspectos, especialmente os problemas enfrentados na educação no Norte do estado, podem ser percebidos no referido trabalho.

É perceptível que ela era crítica às salas de aula, descrevendo como eram apertadas e cheias de cadeiras, dificultando o ensino e a aprendizagem. No texto, fica evidente a tristeza que Amália sentiu ao retratar a situação dos alunos. No artigo, ela aponta que “[...] o norte enfrentava algumas contrariedades no quesito social, o que contribui ainda mais na falta de produção de uma educação que poderia ser transformadora na vida dos alunos” (REVISTA DE EDUCAÇÃO, 1946a, p. 22). A análise de Amália acerca da precariedade do ensino para as pessoas mais pobres, a falta de salas de aula, as distâncias e a dificuldade de locomoção, foram retratadas em suas publicações. Ela escreveu sobre a falta de salário justo e materiais didáticos básicos como, lápis, cadernos e livros.

No segundo trabalho dessa segunda fase, Amália publicou outro artigo na Revista de Educação (a qual não conseguimos acesso), nº 31/32, de 1946, que tem por título *A criança e as atividades agrícolas*. Entretanto, encontramos em Araújo, Rodrigues e Catão (2017), autores do *Dicionário de Educadores e Educadoras em Goiás: Séculos XVIII – XXI*, sobre o referido

texto que Amália teceu:

[...] uma crítica ao ensino conservador que valoriza apenas o livro e os estudos em sala de aula. Ancorando-se em Decroly, Pestalozzi, entre outros, afirma que a escola deveria preparar o aluno para a vida, sendo que o importante é ensinar a fazer. “A escola não visa formar agricultores, mas preparar a infância e a juventude para a vida. Seria grotesco até obrigar crianças e moças ao duro trabalho de cavar grandes extensões de terreno, arar, e plantar áreas imensas” (p. 22). Com relação aos Clubes Agrícolas, afirma que: as atividades do Clube têm de ser associadas aos programas escolares, não se admitindo tarefas completamente divorciadas dos assuntos a serem conhecidos (ARAÚJO; RODRIGUES; CATÃO, 2017, p. 47-48).

Ela foi diretora do periódico, publicando trabalhos pautados em pesquisas voltadas para a educação no Brasil. Dessa forma, vale destacar a importância destes estudos e como as revistas publicadas por Amália geraram uma compreensão a respeito do modelo de ensino e das mudanças de concepção que a educação sofreu ao longo do tempo. Assim, a intelectual goiana seguiu publicando, também, textos sobre temas diversificados.

Na terceira fase (1958-1962), Amália Hermano Teixeira já aparece como diretora da Revista de Educação de Goiás. Conforme Santos (2013), ela foi nomeada diretora, no dia 11 de setembro de 1958, por meio da Portaria nº 887, permanecendo até 1963, quando se aposentou. Ela foi diretora da revista durante toda a terceira fase, onde colaborou diversas vezes. Nesse período, suas colaborações foram, até onde se pode catalogar, as dispostas no Quadro 6:

Quadro 6 - Publicações de Amália Hermano Teixeira na Revista de Educação de Goiás – 3ª fase

REVISTA DE EDUCAÇÃO DE GOIÁS		
Diretora da Revista e autora	Temas e assuntos	Nº
Amália Teixeira Hermano	II Congresso Nacional de Educação de Adultos	Nº 37
	Carta de Educação de Adultos	Nº 37
	Salvação de Madrinha	Nº 38
	Serviço de Educação de Adultos em Goiás	Nº 38
	Movimentação ruralista em Goiás - Criação do serviço de Clube Agrícola - O Clube Agrícola Escolar e a motivação	Nº 39
	Brasil Capital Brasília	Nº 42
	Amigos da Natureza	Nº 45
	Dia da Criança em Goiânia	Nº 50
	Reportagem sobre a instalação do V congresso Nacional de professores primários	Nº 51
	Parques, Recreios e Recantos Infantis	Nº 52

Fonte: Santos (2013, p. 84).

Como esta seção anuncia os escritos de Amália para preservação do Cerrado, focamos nesse assunto dialogando com o artigo *Amigos da Natureza*. O referido trabalho/artigo²⁸, é

²⁸ O presente artigo foi publicado na Revista de Educação (na época levando exatamente esse nome), ano XVIII, nº 45, fascículo de agosto-setembro de 1960.

importante esclarecer, foi publicado na Revista Oeste, ano II, n° 8, p. 275-276, em 1943 (inclusive já analisado nesse trabalho) e na Revista de Educação, ano XVIII, n° 45, p. 10-14, em 1960. Nessa última publicação, Amália Hermano Teixeira já era catedrática do Instituto de Educação de Goiás:

Interessante notar que, ao publicar o artigo *Amigos da Natureza* na Revista de Educação, 17 anos depois de tê-lo publicado na Revista Oeste, ela suprime os dois últimos parágrafos do original e divide o artigo em cinco subtítulos; o é um texto novo (em cinco parágrafos), no qual Amália destaca a importância dos “parques nacionais para preservação das espécies vegetais e animais” (TEIXEIRA, 1960, p. 10). No referido trecho, mais especificamente, Amália parabeniza o trabalho do então deputado goiano, Gerson de Castro Costa, pela criação do Parque Nacional do Araguaia. Segundo Amália,

O projeto apresentado pelo Deputado Castro Costa e por ele brilhantemente defendido na Câmara Alta, mereceu a aprovação nas duas Casas do Congresso, tendo o presidente Juscelino Kubitschek, a seguir, baixado o decreto n° 47.570, de 31-12-1950, criando o PARQUE NACIONAL DO ARAGUIA, integrante da Secção de Parques e Florestas Nacionais do Ministério da Agricultura (TEIXEIRA, 1960, p. 10).

A professora finaliza o artigo acima citando que o Presidente Juscelino Kubitschek assina o Decreto n° 49.187, de 8 de novembro de 1960, no qual autoriza o Serviço de Patrimônio a aceitar a doação feita pela Lei Estadual n° 2.370, de 17 dezembro de 1958, da Ilha do Bananal, em Goiás (TEIXEIRA, 1960, p. 14).

Serão pontuados, a partir desse momento, aspectos gerais dos demais artigos dessa terceira fase de Amália Hermano Teixeira na Revista de Educação de Goiás. No periódico, posicionando-se de maneira afirmativa e decisiva, Amália cooperou para a divulgação de conceitos e teorizações do movimento escolanovista no estado de Goiás. Enquanto autora, realizou a publicação de uma diversidade de artigos, como se pode notar nos quadros desta subseção, a respeito de assuntos que perpassam e reverberaram em sua atuação no campo da educação na capital goiana.

Em vários trabalhos publicados na Revista de Educação, a autora promove uma defesa do ideário renovador na educação goiana, propondo reflexões e questionamentos sobre a necessidade de a educação no estado acompanhar as mudanças no painel mundial a partir da popularização da Escola Nova. Em seus textos, apresentando explícitas referências aos postulados teóricos de pensadores como Pestalozzi, Decroly, Herbart e Rousseau, a professora atestava e defendia que a psicologia educacional, em associação a outras ciências e disciplinas, como a pedagogia, biologia e sociologia, compunham a estrutura elementar para consolidar uma escola renovadora capaz de propiciar aos alunos elementos de uma educação com o potencial de colaborar para vida em coletividade, respeitando suas características pessoais,

culturais e sociais.

No artigo *Parques, Recreios e Recantos Infantis*, nº 52, matéria A, Amália refere-se às instituições paulistas que utilizam de recursos educativos de assistência médica, e ainda discorre que não há referência a instituições similares em Goiânia, então faz uma sugestão para a Secretaria de Estado de Educação e Cultura e, também, à Prefeitura de Goiânia (TEIXEIRA, 1962). O texto evidencia a difusão dos preceitos higienistas da época e, ainda, dialogava com a Lei Orgânica do Ensino Normal²⁹ (Lei nº 2.580, de 17 de setembro de 1959), uma proposição para que permanecesse em todos os cursos a disciplina Higiene.

Vimos, portanto, que nas três fases da Revista de Educação – 1937 a 1944; 1945 a 1958; 1958 a 1962 – há a importante participação de Amália, especialmente no que diz respeito ao movimento escolanovista em Goiás, entre os anos de 1937 e 1963 (MARTINS, 2018; SANTOS, 2013). Nas duas primeiras fases, ela aparece como autora e, com isso, fala da criança, dos métodos e modos de ensino, bem como dos programas escolares. Nesses momentos, a criança é ponto central de sua preocupação. Na última fase, já como diretora, seus escritos abordam temas diversos, como a educação de adultos, o Clube Agrícola, o professorado, a natureza, mas ainda continua a discorrer sobre as crianças. Desse modo, pode-se afirmar que a Revista de Educação foi um importante meio para pautar, na época, tais temáticas, não só na nova capital, mas em todo o país.

4.4 OUTRAS CONTRIBUIÇÕES DE AMÁLIA

A partir de 1967, o tema dos textos, entrevistas e/ou reportagens de Amália Hermano Teixeira centra-se em flores (como orquídeas) e plantas (como a Begônia) do Cerrado. Os artigos foram publicados nos seguintes veículos de comunicação – Diário da Tarde, Orquídeas, Flores do Brasil, Orchidee, O Popular, A Nota (Rio), Cinco de Março, Atualidades Pedagógicas, e Revista Leia Agora. A reportagem foi publicada no Correio Oficial, em 1943, e a entrevista na revista Manchete (ARAÚJO; RODRIGUES; CATÃO, 2017; CURADO, 2016b; SANTOS, 2013).

Entretanto, não é citado, nas referências desses dois trabalhos, onde poderíamos localizar os trabalhos de Amália e, infelizmente, não encontramos, com exceção dos seguintes títulos na internet: *Begônias* (v. 3, nº 3-4, 1967) e *A Begônia* (v. 4, nº 4, 1968), que serão discutidos mais adiante. Como forma de encontrá-los, contatamos os autores supramencionado

²⁹ O Ensino Normal, conforme apresentava o texto da Lei n. 2.580, era composto pelo curso ginásial normal, curso colegial normal e curso normal superior (REVISTA DE EDUCAÇÃO, 1960).

através do e-mail, solicitando o compartilhamento dos artigos, mas, até a presente data, não obtivemos resposta. Por ocasião da impossibilidade de apresentarmos, neste subtópico, essas outras publicações de Amália, iremos dialogar a partir do que outros estudiosos, que tiveram acesso aos escritos, desenvolveram.

De todo modo, as pesquisas que discorrem sobre esses escritos de Amália mostram que ela retratou, de 1967 em diante: a botânica, as plantas e as separou por espécies e lugares onde podem ser encontradas. Nesse período, de acordo com Pereira (2017, p. 28), ela passa a analisar “cada grupo, dando exemplos, descrevendo as folhas, [e] atribuindo as características específicas de cada espécie”.

Curado (2016b, p. 11), no artigo *O centenário e a vida em flor de Amália Hermano*, publicado no Diário da Manhã, destaca que a intelectual:

[...] publicou numerosos artigos em revistas e jornais de Goiás e do País, deixou inéditos os livros História de Goiás (depois publicado pelo IHGG) e Perfis (biografias), publicado postumamente por sua família. Manteve seção permanente sobre história de Goiás e ecologia na revista Presença, dirigida e editada pela saudosa jornalista Consuelo Nasser.

Outro ponto que os estudos afirmam sobre essas publicações é que Amália contribuiu, também, para a história da nova capital de Goiás. Nesse sentido, conforme aponta Curado (2016b, p. 12), na efetivação de Goiânia, ela fez “[...] um estudo sobre Goiás – A velha e a nova Capital –, conferência proferida na Faculdade de Direito de Belo Horizonte, Minas Gerais, em junho de 1936, e publicado no jornal ‘A Nota’ (Rio), dirigido pelo jornalista baiano Geraldo Rocha”.

Amália contribuiu para projetar Goiás e o Cerrado, nacional e internacionalmente. De acordo com Rocha (2022), a intelectual ficou conhecida como *a botânica goiana-tocantinense*. Em certo ponto de sua trajetória, passou a se dedicar ao cruzamento de rosas, sendo que em uma de suas experiências, conseguiu uma raridade, rosas de cor verde, e, em certa ocasião, entregou essa espécie para o escritor baiano Jorge Amado – que era muito amigo do casal Hermano, Amália e Maximiano – levar para o celebrado escritor russo Iliá Erenburg, em Paris (ROCHA, 2022).

Como visto ao longo da pesquisa, Amália organizou congressos que geraram visibilidade para a botânica no estado, e angariou patrocínios para expor orquídeas e plantas ornamentais goianas, dedicando-se, assim, ao cuidado e preservação de plantas nativas do Cerrado. Diante disso, é interessante perceber que, sobre a botânica, Amália tem seus dois trabalhos publicados em 1947, ambos no mês de novembro: o primeiro, *Amigos da Natureza*, no dia 8, e o segundo, *Semana da Árvore em Goiânia*, dia 29.

Por esse mesmo viés, treze anos depois, a pesquisadora publica o artigo *Begônias*, em 4

de dezembro de 1956, e, somente após onze anos, em 1967, ela retorna e publica no referido ano três artigos: *Falando de Orquídeas*, *Orquídeas em Goiás* e *Begônia* (PEREIRA, 2017). Ou seja, quase uma década separa o que – talvez – podemos chamar de primeira (1943-1955), segunda (1956-1966) e terceira fase (1967-1983) de sua escrita sobre a botânica. Nessas outras publicações, como aponta o título desta subseção, ela publicou, de 1967 a 1983, dez trabalhos. Ao longo de sua trajetória foram treze trabalhos, sem contar os excertos sobre a temática, que podem ser encontrados em seus livros e demais artigos.

Desse modo, pode-se concluir que, enquanto intelectual, Amália Hermano Teixeira analisou e descreveu, de modo geral, a botânica – sendo que a educação estava sempre envolta nessas temáticas. Tais aspectos mostram sua preocupação com as plantas, com a natureza e com a educação. Para tal percepção, nesse sentido, considere-se, por exemplo, suas duas publicações de 1967 e 1968, ambas com a mesma temática, com apenas uma pequena diferença nos títulos: *Begônias* e *A Begônia*, na Revista Flores do Brasil. Isto ocorreu “[...] devido à falta de espaço para publicação do artigo inteiro na edição de novembro/dezembro de 1967, como descrito nas páginas da própria revista” (PEREIRA, 2017, p. 28). Com isso, é importante destacar que, no período dessas duas publicações, ela era presidente dos orquidófilos de Goiás (PEREIRA, 2017, p. 27).

No primeiro artigo, *Begônias*, Amália apresenta aspectos gerais e históricos da planta ornamental, o que, segundo Pereira (2017, p. 28), demonstra aspectos marcantes de sua personalidade. Sobre essa planta, a Begônia, Amália escreve: “oriundas de regiões tropicais, as begônias têm seu habitat em zonas isoladas ou em recantos sombreados, em montanhas e serras, matas e vales de onde vêm sendo trazidas para canteiros a céu aberto ou para ripados e estufas, conforme a natureza de cada uma” (TEIXEIRA, 1967, p. 11).

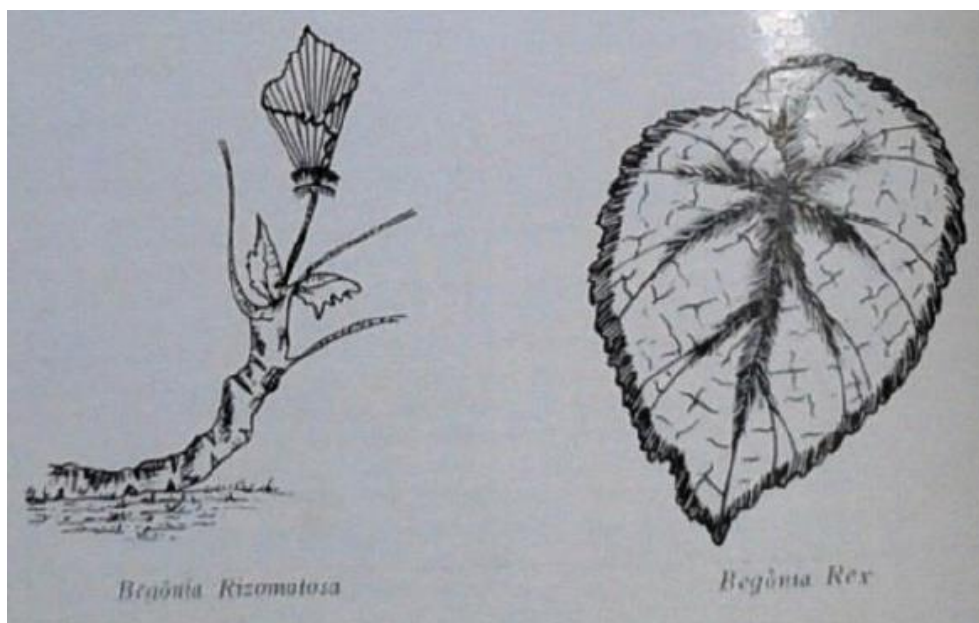
No segundo artigo, *A Begônia*, que é a continuação do primeiro e sua conclusão, Amália segue apresentando “as características mais peculiares da planta, com uma linguagem [...] mais rebuscada [e com] termos científicos [...] da área da botânica [...]” (PEREIRA, 2017, p. 28). Nas palavras de Amália, as Begônias “se reproduzem por sementes, por hastes ou estacas, partes do rizoma pelas túberas e ainda pelas folhas” (TEIXEIRA, 1968, p. 5). Cabe destacar que a intelectual analisou dezenas de exemplares da espécie e revela que possui mais que uma centena de formas diversificadas.

Nota-se, ainda nesse segundo trabalho, que, por ser professora, ela discorre seu texto didaticamente, de maneira instrutiva; e, por ser amante da natureza, destaca-se, ainda, sua maneira poética de falar sobre a terra, como se vê:

Á terra vegetal em si é rica e as begônias desenvolvem muitíssimo bem quando nela plantadas. Essa terra se recolhe de mata, o sol penetrando por entre as copas das árvores. Galhos e folhas se decompõem num meio quente e úmido, de mistura com os restos animais, Retira-se daquela superfície aquela grossa camada de material grosso e decomposto, e eis aí o humo, escuro, cheiroso, permeável, rico, maravilha para todas as plantas ornamentais. Como não é fácil encontrar essa terra, os jardineiros reúnem folhas secas de plantas não resinosas, sob-ripado, conservando o solo úmido, esperam uns dois meses e já podem ir usando a terra vegetal (TEIXEIRA, 1968, p. 8).

Amália, além de apontar as características das plantas, escreve também sobre suas classificações. Esses dados, segundo ela, fundamentam-se nos estudos de João Decker³⁰. Ela faz uma análise pormenorizada de cada grupo de maneira detalhada, revela ao leitor a localização de cada espécie, sua predominância em cada ponto geográfico e as características sobre o clima desses locais. Outra face de Amália, percebida nesse trabalho, diz respeito ao lado artístico, pois ela própria faz as ilustrações das espécies e descreve os detalhes mais marcantes de cada uma, como se pode notar na Fotografia 19:

Fotografia 19 - Begônia Rizomatosa e Begônia Re



Fonte: Revista Flores do Brasil (1967).

Conforme consta no artigo, a Begônia Rizomatosa, originária do México, é assim chamada por possuir algumas características peculiares: o rizoma/caule é mais curto que o comum e suas folhas variam de tamanho, podendo ser de 9 a 12 centímetros. A Begônia Rex, também conhecida popularmente como Begônia Real, originária da Índia, é a espécie mais usada como planta ornamental em jardins. Nesse sentido, ela disserta sobre a maneira correta do cultivo de mudas da espécie e destaca esse tipo de cultivo como a possibilidade do

³⁰ João Siegfried Decker (1882-1954), alemão naturalizado brasileiro, professor do Ginásio Brasileiro-Alemão, redator da Diretoria de Publicidade Agrícola da Secretaria de Agricultura de São Paulo, autor de títulos como *As Orquídeas e sua cultura* (1956), *Floricultura* (1946) e *Aspectos biológicos da flora brasileira* (1936).

surgimento de novas espécies.

É perceptível, portanto, que Amália falava sobre questões regionais da botânica e do meio ambiente, buscando, inclusive, levar os assuntos para os meios políticos. Visto isso, é importante considerar que ela não só falou, mas publicou e discutiu esses e outros temas em uma época em que a mulher encontrava inúmeros obstáculos, como o machismo, por exemplo.

Além disso, outro ponto de destaque é que “[...] a questão da botânica brasileira não era amplamente estudada [nacionalmente] em meados da segunda metade do século XX, o que sugere que este assunto era menos ainda trabalhado no estado de Goiás, fato que reforça o pioneirismo de Amália [...]” (PEREIRA, 2017, p. 24). Ainda conforme essa autora, “é possível constatar a preocupação [de Amália] em transmitir para a população o conhecimento botânico e sua importância”. Por fim, afirma que seus “estudos contribuem para a compreensão quanto à preservação da flora goiana [...]” e, por consequência, do Cerrado (PEREIRA, 2017, p. 32).

Dessa maneira, por meio de suas publicações, é possível compreender as especificidades da botânica, da natureza e do Cerrado atrelados à educação. De certo modo, portanto, pode-se afirmar que ela conseguiu participar, de modo ativo, no processo histórico e regional em que estava inserida.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esse estudo tomou como objetivo geral compreender a atuação de Amália Hermano Teixeira em prol das questões educacionais e como amante da natureza e, também, a respeito do seu legado para essas áreas. A seguir, algumas considerações serão apresentadas como desfecho da investigação.

Os resultados revelam – em resposta ao problema de pesquisa – que Amália Hermano Teixeira deixa, com toda sua trajetória de vida artística-cultural, uma obra viva. Como ficou demonstrado ao longo dessa investigação, diversos estudiosos consideram seu legado como importante para compreensão histórica de Goiás, pois é uma narrativa de si articulada em pensamentos, reflexões e ações com o lugar, com o meio e com o seu contexto. Em seus múltiplos papéis ou faces, havia em Amália algo que direcionava seus atos, pois foi uma mulher plural, além do seu tempo e, ainda, singular. Ela estava ligada ao Cerrado, sua terra e sua gente.

Suas ações, escritos e discursos estavam alinhados com seus pares, no que se pode chamar de um projeto coletivo, com temas que envolviam sempre o Cerrado, a natureza, o ruralismo e a educação, como aclarado em seu artigo *Amigos da Natureza* (TEIXEIRA, 1960). Além disso, destacou-se como defensora da agricultura (não de modo geral), com um projeto fundamental ligado às questões pedagógicas, aspecto notório enquanto esteve na chefia do Serviço de Clubes Agrícolas de Goiás, por exemplo.

Como demonstrado nessa pesquisa, as várias facetas da vida de Amália Hermano Teixeira – como uma mulher bem entrosada com pessoas importantes, que estudou em instituições de destaque e atuou em campos de saber (educação), onde obteve grande prestígio – podem ser percebidas a partir da ótica dos três conceitos de Bourdieu (1989) apresentados na introdução. O primeiro, capital social, é constituído por dois elementos: as redes de relações sociais e suas redes intrínsecas, que permitem o acesso a determinados recursos; e a relação não só da quantidade, mas da qualidade dos recursos do grupo.

Nesse sentido, o alinhamento de Amália com os pares estão, em parte, em “ligação estreita com uma rede durável de relações institucionalizadas de reconhecimento e de inter-reconhecimento mútuo” (BOURDIEU, 1989, p. 41), representando aqui o primeiro elemento supramencionado. Por outro lado, em dependência, falando-se do “[...] volume de capital social de um agente individual [e] da extensão da rede de relações que ele pode efetivamente mobilizar” (BOURDIEU, 1989, p. 41), representando aqui o segundo elemento.

Os escritos acadêmicos – vida profissional – de Amália não distorcem ou maquam sua vivência no cotidiano e vida social. A partir disso, pode-se inferir, com base tanto em seus

escritos quanto nos autores que se dedicaram a analisar sua obra. Atuou de forma ativa, convicta e ininterrupta sobre esses temas, como é possível observar em seus tantos escritos sobre esses e outros assuntos, além dos vínculos (empregatícios ou institucionais) e participações nos mais variados eventos. Como atestado por Curado (2016b), poeticamente, uma vida em flor.

Havia, de certo modo, uma visão romântica da natureza nos escritos de Amália. Ela enxergava um povo caminhando para o progresso e construindo uma nação consciente do seu papel. Dessa maneira, pode-se afirmar que ela fez emergir na diversidade suas singularidades a partir dos seus vários escritos que buscavam direcionar os leitores nessa direção. Diante disso, é possível compreender tal aspecto pelo próprio título do artigo *Orientação Vocacional* (TEIXEIRA, 1944b), no qual ela enaltece, dentre outros assuntos, o zelo, o cuidado, o profissionalismo, o amor do professor pela docência e tudo que a profissão abarca, especialmente no que diz respeito ao alunato.

Esses aspectos parecem ter forte influência e relação com a sólida formação de Amália. A formação intelectual, ou seja, a aquisição de diplomas, dialoga, dessa vez, com o segundo conceito de Bourdieu (1989), o capital cultural. Contudo, não é só sobre a aquisição de títulos, diz respeito, também, à formação artística e outras competências. Está relacionado “[...] aos benefícios mediados pelas redes extrafamiliares e às lutas concorrenciais entre indivíduos ou grupos no interior de diferentes campos sociais” (BOURDIEU, 1989, p. 7).

Dessarte, alguns dos episódios que ocorreram durante sua formação são descritos por Amália nas obras *Perfis* (1993) e *Reencontro* (1981), nas quais revela como era o ensino, a atuação dos professores e como foi importante sua formação nesse ambiente. Destacam-se, ainda, os cursos de aperfeiçoamento que frequentou e a participação em eventos (conferências e congressos, dos quais enfatizamos o Primeiro Congresso Estadual de Educação, que aconteceu em Goiânia, em 1937; e o Batismo Cultural de Goiânia, no 8º Congresso Brasileiro de Educação, em 1942).

Por meio desta pesquisa, evidenciou-se que as teias de relações de Amália foram múltiplas. Desde pessoas dos mais altos cargos públicos e políticos, passando pelo meio artístico-cultural, se estendendo às pessoas simples de seu cotidiano, aspecto que pode ser notado na obra *Perfis: pessoas que marcaram minha vida* (TEIXEIRA, 1993).

Pode-se inferir que suas atuações nos mais variados espaços se consubstanciam como legado em prol das questões educacionais. Quase sempre publicava suas falas dos eventos que participou em revistas ou jornais, sendo que os artigos originais foram muitos, como já citado. Ademais, seu comprometimento com a educação rural, com os alunos e Cerrado, se tratando do que acreditava e vivia no cotidiano, podem ser vistos especialmente, por exemplo, no livro

O Curioso Caso da Escola Normal Oficial – história de uma Injustiça (TEIXEIRA, 1946).

Conforme revela Carauta (1991, p. 75), Amália deixa um legado ímpar, “por sua rica coleção de orquídeas conhecida internacionalmente”, por “publicar mais de 100 trabalhos”, por “ser amante da natureza” e ter, dentre outros exemplos, “defendido o Parque dos Ipês – sendo esse o testemunho de sua luta em prol do bem-estar humano”. Tais ponderações encontram ressonância nos mais diversos estudos sobre/de Amália.

Em sua produção foi possível perceber ações e preocupações na direção da educação e da natureza, as quais encontraram reforço e apoio em suas redes pessoais e profissionais, apesar de alguns impasses, como no caso relatado em seu livro acima, de 1946. Tanto este quanto em relação ao afastamento da UFG, sofrido no dia 6 de outubro de 1964, por ocasião da Ditadura Militar, Amália não recuou; pelo contrário, continuou produzindo. Seus últimos artigos e os livros surgem a partir desse período.

Nesse contexto, lembrando as questões colocadas no início desta pesquisa, analisemos a primeira: qual é a representação de natureza na obra de Amália Hermano? Para Amália, a natureza é uma dádiva para o ser humano. Então, para ela, é primordial a boa relação do homem com a natureza, fazendo surgir uma rede de significados e sentidos com o lugar. Essa vivência harmoniosa também era perceptível em seu ciclo de amigos, dos quais destacamos, por exemplo, Bariani Ortêncio, José Ângelo Rizzo e Leolídio Caiado, que, como ela, também eram amantes da natureza. Além disso, a intelectual buscava despertar nas crianças e jovens este amor. Fato talvez explicado por ela, pois, desde a infância, viveu envolta pela natureza e, quando adulta, a sua casa em Goiânia, na rua 24, era um retrato disso.

A segunda questão tem direta ligação com sua atuação no Cerrado. Assim, vale destacar que, para muitos, Amália Hermano Teixeira foi percebida como uma defensora do Cerrado, por razões como suas denúncias contra o indiscriminado ou devastação desse bioma. Contudo, percebemos, na literatura, seu amor à natureza, mas não como defensora, de fato, do bioma.

Diante desse contexto, Galinkin (2002, p. 174) reforça a ideia quando descreve que Amália Hermano Teixeira figurava dentre “algumas personalidades públicas goianas [que] tiveram um importante papel na luta pelo uso sustentável de nosso meio ambiente [e] na denúncia das agressões à natureza, antes do surgimento das organizações não governamentais”. Com isso, voltemos a questão supramencionada: a pesquisa documental não revelou claramente seu papel como “defensora” do Cerrado. Parece estar evidenciado, na verdade, que sua preocupação maior era defender os recursos naturais que seriam úteis para o desenvolvimento. Seria uma defesa mais geral, uma visão mais instrumentalizada. Entretanto, apesar dos textos não apresentarem uma defesa específica do bioma do Cerrado, o conjunto da obra, aponta nessa

direção. O que sustenta como apontamentos futuros para nova pesquisa com esse propósito.

A preservação, proteção aos bens naturais e a valorização da vida campesina são pontos característicos da sua personalidade. Assim, é um aspecto perceptível quando Amália conclama a todos a não somente proteger, mas também prevenir e buscar meios de reparar os males causados à natureza, como em seu trabalho sobre os Clubes Agrícolas – idealizados por ela. Sua percepção era a de uma ecologista (não se trata de atuação como uma profissional dessa área). Para Amália, devido à falta de respeito pelo meio ambiente, as gerações futuras estariam prejudicadas de forma drástica (destruição do solo, dos animais e do ser humano). Ainda, um ponto que merece destaque é que o tema Cerrado fazia parte das suas aulas, de modo que ensinava na prática, por meio de suas aulas de campo.

Como ficou demonstrado, ela se envolveu com questões ambientais e educacionais, lutando em prol dessas causas e incentivando a criação de políticas públicas de preservação ambiental, o que pode ser observado no artigo *Amigos da Natureza*, no qual defendia ser “imperiosa [a] necessidade [de] esforços indispensáveis à [...] conservação das reservas de que as gerações futuras hão de necessitar” (TEIXEIRA, 1960, p. 299). No mesmo artigo, destacando a questão da preservação, Amália parabeniza o deputado goiano Gerson de Castro Costa pela criação do Parque Nacional do Araguaia. Nessa perspectiva, de acordo com Amália, a preservação só pode ocorrer quando houver a superação da ignorância do homem rural. Inclusive, ela destaca “que a Nova Constituição estabeleceu o ensino rural no país” (TEIXEIRA, 1960, p. 276) e que os objetivos da preservação só ocorreriam com as implantações dos clubes agrícolas.

Ainda sobre as questões ambientais e educacionais, em outro trabalho, *A propriedade e o Uso da Terra*, a intelectual defendia que a degradação da natureza era parte de um processo histórico, interligado diretamente à ação humana, que se iniciou no período colonial. Desse modo, ela buscou implantar uma proposta para o ensino rural voltada ao governo da época, com base nas ideias de Alberto Torres que contemplava: o progresso da agricultura, a conservação dos recursos naturais e a reforma agrária. Amália passou a se dedicar, até onde se pode perceber, desde a década de 1960, ao cuidado e preservação de plantas nativas do Cerrado.

Nos eventos em que participou sobre botânica e orquídeas, enfatizou seu interesse pelo bioma referido. Na obra *Perfis*, relata Amália que, junto com seu esposo, após a aposentadoria do Tribunal de Justiça de Goiás, em 1961, entregaram-se “à campanha pela preservação de nossas flora e fauna”³¹, ou seja, estavam envolvidos pelas questões ambientais.

³¹ Quando ela escreve “nossas flora e fauna”, trate-se claramente sobre o Cerrado.

A terceira questão de pesquisa colocada é uma continuação da anterior: em que sentido a contribuição de Amália foi relevante para os debates sobre o Cerrado? Percebe-se esta importância considerando seu protagonismo voltado para o tema nas publicações em revistas e imprensa do estado. Seus estudos tornaram-se referência nas áreas em que escreveu e isso mostra, de certa forma, sua importância no processo de desenvolvimento social, cultural e histórico de Goiás. Amália participou de momentos históricos valiosos, como o Batismo Cultural de Goiânia, além de ser imprescindível personagem em outros movimentos culturais no estado.

Por último, a quarta e última questão: quais as contribuições de Amália para o movimento escolanovista, os Clubes Agrícolas e o campesinato em Goiás? Nos escritos de Amália, como no livro *O curioso caso da Escola Normal Oficial* e em outras pesquisas que a tem como tema, fica aparente sua atuação no contexto educacional goiano nos três pontos elencados. Primeiro, no movimento escolanovista, na qual buscou combinar “[...] estratégias e ideários advindos do governo, de forma a concretizar uma ação educativa voltada para novos padrões sociais em que a sociedade engrenava-se” (MARTINS, 2018, p. 9). A partir disso, “configurou-se [...] um pertencimento a um cenário em que ela fez-se parte integrante e ativa, com propósitos pensados e normatizados à época”, o que ela viveu na pele ao tentar colocar em prática os ideários escolanovistas (didática/aulas práticas e saídas de campo), mas que acabou sendo penalizada por isso.

Também, tem-se os Clubes Agrícolas, que são instituições educacionais decorrentes do movimento ruralista brasileiro que defendia a vocação agrícola brasileira e a fixação do homem à terra e ao trabalho rural. Essa ruralização do ensino é entendida como ruralismo pedagógico (BARBOSA, 2017). Os Clubes Agrícolas foram instalados em Goiás “como instrumentos a serviço do ideário ruralista, principalmente no que concerne à *civilização* dos habitantes das zonas rurais” ou, em outras palavras, com o propósito de construir “mentalidades ruralistas nas futuras gerações [...]” (BARBOSA, 2017, p. 76).

Assim, “os Clubes Agrícolas escolares expressam a materialização de um projeto de educação condizente com os anseios de progresso, desenvolvimento e inserção” da população rural ao espectro econômico (BARBOSA, 2017, p. 126). Esse itinerário, Amália começa a traçar em 1936, quando passa a frequentar o Curso de Extensão Rural no Rio de Janeiro. Em seguida, aplica os conhecimentos em toda sua trajetória profissional e, como se pode notar até aqui, pessoal também.

Por fim, há a questão do campesinato. De acordo com Silva J. (2019, p. 40), em sua revisão a esse conceito no Brasil, campesinato significa um modo de vida, uma cultura; ainda,

diz que “esta categoria social é composta por agricultores não patronais e não latifundiários, que desenvolvem formas próprias de viver e trabalhar”. Amália, como professora e amante da natureza, por estar imersa nas questões caras a tais temáticas, compreendia e buscou ensinar, pela sua perspectiva, não somente aos estudantes, mas as comunidades escolares, o gosto pelo rural, como apontou Curado (2016a, 2016b). Valorizava o campesino e as relações entre educação e natureza.

Nesse viés, o que significa ser amante da natureza? Pela trajetória de Amália, significa ser uma pessoa ativa nas discussões sobre o tema (não necessariamente de modo geral, mas num específico, como a botânica, por exemplo); é cultivar a natureza não somente no seu lar, mas fazer dela assunto de suas discursões, colaborando com a causa nos mais diversos ambientes³²; é, ainda, denunciar ações destrutivas à natureza, se preocupar com os que dela precisam e alinhar os seus conhecimentos profissionais com as relações interpessoais em busca de solução para os problemas que a acometem; e, finalmente, sem a intenção de esgotar outras possibilidades, ser amante da natureza é fundamentar-se em ações educacionais aliadas à ciência, para comunidades e pessoas que nela vivem e dela precisam.

Portanto, acreditamos que esta pesquisa, apesar de não ser conclusiva sobre todas as questões levantadas, pode trazer contribuições para estudos futuros em vertentes direcionadas às histórias de vida de outras mulheres que atuaram em questões correlatas. Além disso, há necessidade de dar continuidade à catalogação, digitalização e disponibilização de todos os trabalhos de Amália.

Conclui-se, portanto, que Amália, como intelectual que foi, teve uma atuação propositiva no cenário goiano nos diversos campos em que atuou. Em resumo, pode-se dizer que suas principais contribuições foram como educadora, incentivadora dos clubes agrícolas visando ao ensino rural, além de sua relevante presença como figura da sociedade goiana. Certa vez, ela escreveu o seguinte sobre Alberto Tôrres: ele é “o melhor general para os vivos, [...] o guia da geração presente, e dos que hão de vir” (TEIXEIRA, 1993, p. 5). Não seria exagero parafrasearmos sua menção para falarmos dela própria. Assim, finalizamos afirmando: Amália Hermano Teixeira é umas das melhores profissionais/generais e exemplo/guia para a geração presente e daqueles que hão de vir.

³² Na época dela, estava presente no trabalho, no meio social e nos textos publicados. Certamente, na atualidade, as redes sociais figuram como um importante meio de divulgação.

REFERÊNCIAS

123i. Condomínio Edifício Amalia Hermano. **123i**, Goiânia, [202-?]. Disponível em: <https://www.123i.com.br/condominio-4907a2346.html>. Acesso em: 1 ago. 2022.

ACERVO JORDANA HERMANO. [Sem título]. 1969. 1 fotografia.

ACERVO ROSINHA HERMANO. [Sem título]. [192-?]. 1 fotografia.

AIRES NETO, Abílio Wolney. **No Tribunal da História**. Anápolis: Biblioteca Virtual AW Editor, 2002. Disponível em: <http://abilio-wolney.blogspot.com/2006/06/abilio-wolney-aires-neto-no-tribunal-da.html>. Acesso em: 18 jul. 2022.

ALEGO. O Batismo Cultural de Goiânia ou a “inauguração oficial” da capital de Goiás é o marco registrado na série “Nossa história”. **Alego**, Goiânia, 8 out. 2021. Disponível em: <https://portal.al.go.leg.br/noticias/120589/o-batismo-cultural-de-goiania-ou-a-inauguracao-oficial-da-capital-de-goias-e-o-marco-registrado-na-serie-nossa-historia>. Acesso em: 26 jan. 2023.

AMADO, Janaína. História e Região. Reconhecendo e Construindo Espaços. *In*: SILVA, Marcos A. da (org.). **República em Migalhas: História Local e História Regional**. São Paulo: Ed. Marco Zero, 1999. p. 7-15.

ANDRADE, Alexandre de Melo Andrade. **A Palo Seco**, [s. l.], ano 8, n. 8, 2016. Disponível em: <https://seer.ufs.br/index.php/apaloseco/article/view/6317/pdf>. Acesso em: 27 out. 2022.

ARAÚJO, Jael Flávia de Paiva; SANTOS, Silveir Félix dos. Como serei quando for professora: a constituição do “sujeito docente” na Revista Oeste. *In*: SEMINÁRIO DE PESQUISA, PÓS-GRADUAÇÃO, ENSINO E EXTENSÃO, do CCSEH – SEPE, 2., 2016, Anápolis. **Anais** [...]. Anápolis: UEG, 2016. p. 1-10. Disponível em: <https://www.anais.ueg.br/index.php/sepe/article/view/7193/4752>. Acesso em: 4 jun. 2020.

ARAÚJO, Jaqueline Veloso Portela de; RODRIGUES, Anderson de Brito; CATÃO, Alvinan Magno Lopes. Amália Hermano Teixeira (1961-1991). *In*: VALDEZ, Diana. **Dicionário de educadores em Goiás: séculos XVIII-XXI**. Goiânia: Imprensa Universitária, 2017. p. 45-48.

ARAÚJO, Marta Maria de; BRZEZINSKI, Iria (org.). **Anísio Teixeira na Direção do Inep: Programa para a Reconstrução da Nação Brasileira (1952-1964)**. Brasília, DF: Inep, 2006. Disponível em: https://download.inep.gov.br/publicacoes/diversas/historia_da_educacao/anisio_teixeira_na_direcao_do_inep_programa_para_a_reconstrucao_da_nacao_brasileira_1952-1964.pdf. Acesso em: 4 ago. 2022.

BARBOSA, Deuzenir Dias Fernandes. **Uma semente para o futuro: os clubes agrícolas escolares e a formação de mentalidades ruralistas (Goiás, 1930-1960)**. 2017. 154 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2017. Disponível em: <https://repositorio.bc.ufg.br/tede/handle/tede/7968>. Acesso em: 20 jul. 2021.

BARROS, Francisco Messias Gomes. **I Congresso Nacional de Intelectuais (Goiânia-**

1954): cultura nacional, PCB e hegemonia. 2018. 147 f. Dissertação (Programa de Pós-graduação em Comunicação) – Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2018. Disponível em: <https://repositorio.bc.ufg.br/tede/handle/tede/8504>. Acesso em: 4 nov. 2022.

BARROS, José D'Assunção. **O campo da História**: especialidades e abordagens. Petrópolis: Vozes, 2004.

BERNARDES, Genilda D'Arc. O cotidiano dos trabalhadores da construção de Goiânia: o mundo do trabalho e extratrabalho. **Revista UFG**, Goiânia, ano 11, n. 6, p. 37-51, jun. 2009. Disponível em: <https://www.revistas.ufg.br/revistaufg/article/view/48230>. Acesso em: 8 jun. 2021.

BORGES, Adrielly Melo. **Sororidade com saber goiano**: o feminismo pioneiro de Consuelo Nasser. 2020. 62 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais e Humanidades) – Universidade Estadual de Goiás, Anápolis, 2020. Disponível em: <https://www.btdt.ueg.br/handle/tede/403>. Acesso em: 8 jun. 2021.

BORGES, Rogério. Amália Hermano. **O Popular**, [s. l.], 27 mar. 2018. Disponível em: <https://opopular.com.br/noticias/80-anos/am%C3%A1lia-hermano-1.1490320>. Acesso em: 13 out. 2022.

BORGES, Rogério. Legado redescoberto. **O Popular**, [s. l.], 25 mai. 2011. Disponível em: <https://www.opopular.com.br/noticias/magazine/legado-redescoberto-1.4135>. Acesso em: 8 jun. 2021.

BORGES, Vavy Pacheco. Grandezas e misérias da biografia. In: PINSKY, Carla Bassanezi (org.). **Fontes históricas**. São Paulo: Contexto, 2008.

BOURDIEU, Pierre. **Escritos de educação**. Rio de Janeiro: Vozes, 2010.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Tradução de Fernando Tomaz. Rio de Janeiro: Editora Bertrand, 1989.

BRASIL. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. **Inep**, Brasília, DF, 2019. Disponível em: <https://www.gov.br/inep/pt-br>. Acesso em: 1 ago. 2022.

CAPEL, Heloisa Selma Fernandes. Sob o signo da resistência cultural. **União Brasileira de Escritores**, Goiânia, [202-?]. Disponível em: <https://ubegoias.com.br/ube-go/>. Acesso em: 7 ago. 2022.

CARAUTA, Jorge Pedro Pereira. Crônica: Amália Hermano Teixeira. **Unirio**, [s. l.], 1991. Disponível em: <http://www.unirio.br/ccbs/ibio/herbariohuni/pdfs/albertoa-v-3-n-8-amalia-hermano-teixeira>. Acesso em: 4 ago. 2022.

CARLOS, Ana Alessandri Fani. **O Lugar no/do Mundo**. São Paulo: FFLCH, 2007.

CASAG. Espaço Cultural Amália Hermano Teixeira. **Casag**, Goiânia, [2022?]. Disponível em: <https://www.casag.org.br/servicos/espaco-cultural-amalia-hermano-teixeira/>. Acesso em: 1 ago. 2022.

CAVALCANTE, Maria do Espírito Santo Rosa. **O discurso autonomista do Tocantins**. Goiânia: Ed. da UCG, 2003. Disponível em: <https://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=y79v1JGzTbgC&oi=fnd&pg=PA10&dq=CAVALCANTE,+Maria+do+Esp%C3%ADrito+Santo+Rosa.+&ots=Ax9HhAAC2K&sig=BLtntkO-DFNzEJ4rZOZeixRZ4TA#v=onepage&q=CAVALCANTE%2C%20Maria%20do%20Esp%C3%ADrito%20Santo%20Rosa.&f=false>. Acesso em: 25 out. 2022.

CHARTIER, Roger. O mundo como representação. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 5, n. 11, p. 173-191, jan./apr.,1991. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40141991000100010. Acesso em: 16 jun. 2021.

CHAUL, Nasr Fayad. Apresentação. *In: Coronelismo em Goiás: estudos de casos e famílias*. Goiânia: Kelps, 1998, p. 9-44.

CHAUL, Nasr Fayad. **Caminhos de Goiás: da construção da decadência aos limites da modernidade**. 3. ed. Goiânia: Editora UFG, 2010.

CHAUL, Nasr Fayad. Goiás: a capital do sertão. **Revista UFG**, Goiânia, ano 11, n. 6, p. 100-110, jun. 2009. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/revistaufg/article/view/48235/23591>. Acesso em: 24 out. 2022.

CHIZZOTTI, Antonio. **Pesquisa em ciências humanas e sociais**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 1991.

COLÉGIO ESTADUAL AMÁLIA HERMANO TEIXEIRA. Amália Hermano Teixeira: A vida de uma pioneira. **Blog Em dia com Colégio Amália**, Goiânia, 2007. Disponível em: <http://amalia-comunidade.blogspot.com/2007/03/amalia-hermano-teixeira.html>. Acesso em: 3 set. 2021.

COMPARA ESCOLA. Colégio Estadual Amália Hermano Teixeira. **Compara Escola**, [s. l.], 2021. Disponível em: <https://comparaescola.com/index.php/escola-estadual-colegio-estadual-amalia-hermano-teixeira-av-marcio-silva-sn-qd-80-lt-10-jd-bal-meia-ponte-74590-400-goiania-go/>. Acesso em: 1 ago. 2022.

CONEXÃO TOCANTINS. Um século depois do “Barulho do Duro”, familiares das vítimas reúnem-se para homenagear os 9 mortos. Palmas, **Conexão Tocantins**, 16 jan. 2019. Disponível em: <https://conexaoto.com.br/2019/01/16/um-seculo-depois-do-barulho-do-duro-familiares-das-vitimas-reunem-se-para-homenagear-os-9-mortos>. Acesso em: 19 jul. 2022.

CORRÊA, Vitória Marques Bento; OLIVEIRA, Maria de Fátima. Amália Hermano Teixeira em defesa dos Clubes Agrícolas de Goiás na década de 1930. *In: SEMINÁRIO DE PESQUISA, PÓS-GRADUAÇÃO, ENSINO E EXTENSÃO*, 5., 2019, Anápolis. **Anais [...]**. Anápolis: UEG, 2019. p. 266-272. Disponível em: <https://www.anais.ueg.br/index.php/sepe/issue/view/377>. Acesso em: 8 jun. 2021.

CURADO, Bento Alves Araújo Jayme Fleury. [Sem título]. [19--]. 2 fotografias.

CURADO, Bento Alves Araújo Jayme Fleury. [Sem título]. 1939. 1 fotografia.

CURADO, Bento Alves Araújo Jayme Fleury. [Sem título]. 1942. 1 fotografia.

CURADO, Bento Alves Araújo Jayme Fleury. [Sem título]. 1954. 1 fotografia.

CURADO, Bento Alves Araújo Jayme Fleury. [Sem título]. 1954. 1 fotografia.

CURADO, Bento Alves Araújo Jayme Fleury. [Sem título]. 1960. 1 fotografia.

CURADO, Bento Alves Araújo Jayme Fleury. [Sem título]. 1966. 1 fotografia.

CURADO, Bento Alves Araújo Jayme Fleury. **Inventário das cinzas: Brasas dormentes da produção literária sobre o Cerrado em Goiás**. 2016. 790 f. Tese (Doutorado em Geografia) – Instituto de Estudos Socioambientais, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2016a. Disponível em: <https://repositorio.bc.ufg.br/tede/handle/tede/5962>. Acesso em: 7 ago. 2022.

CURADO, Bento Alves Araújo Jayme Fleury. O centenário e a vida em flor de Amália Hermano. **Jornal Diário da Manhã**, Goiânia, 27 dez. 2016b. Disponível em: <https://www.dm.com.br/opiniao/2016/12/o-centenario-e-vida-em-flor-de-amalia-hermano/>. Acesso em: 17 jul. 2022.

CURADO, Bento Alves Araújo Jayme Fleury. Páginas soltas no inventário do tempo: história do livro e da biblioteca em Goiás. *In*: VASCONCELOS, Maria Luíza Batista (org.). **Biblioteca escolar: uma ponte para o conhecimento**. Goiânia: SEDUC, 2009.

DAYRELL, Eliane Garcindo. A revista “Oeste” – Ideologia e História. *In*: SIMPÓSIO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO DOS PROFESSORES UNIVERSITÁRIOS DE HISTÓRIA, 9., 1977, Florianópolis. **Anais [...]**. São Paulo: Anpuh, 1979. p. 2-32. Disponível em: <https://anpuh.org.br/index.php/component/cobalt/user-item/542-sergiomariz/3792-a-revista-oeste-ideologia-e-historia?Itemid=1092>. Acesso em: 3 abr. 2020.

DELORY-MOMBERGER, Cristine. Abordagens metodológicas na pesquisa biográfica. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, v. 17, n. 51, p. 523-740, set./dez., 2012. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/rbedu/v17n51/02.pdf>. Acesso em: 28 set. 2020.

ELIAS, Norbert. **A sociedade dos indivíduos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.

ÉLIS, Bernardo. **O Tronco**. 6. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1979.

FAVERO, Franciele. O romantismo e a estetização da natureza. **DAPesquisa**, Florianópolis, v. 7, n. 9, p. 206-217, 2018. Disponível em: <https://www.revistas.udesc.br/index.php/dapesquisa/article/view/13957>. Acesso em: 28 out. 2022.

FELÍCIO, Brasigóis. Quem diz orquídeas diz Amália Hermano Teixeira. *In*: TEIXEIRA, Amália Hermano. **Perfis: pessoas que marcaram minha vida**. Goiânia: Luzes, 1993. p. 327-331.

FERREIRA, Marieta de Moraes. **A História como ofício: a constituição de um campo disciplinar**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2013.

GALINKIN, Maurício. **GeoGoiás: Estado Ambiental de Goiás** 2002. Goiânia: Fundação CEBRAC, 2002. Disponível em: <https://www.terrabrasil.org.br/ecotecadigital/pdf/geo-goias-2002.pdf>. Acesso em 12 nov. 2022.

GOIÁS. **Lei nº 7.610, de 30 de novembro de 1972**. Considera a Árvore do Papel, Tibouchina Papyrus Pohl, Toledo, a planta símbolo representativa do Estado de Goiás. Goiânia: Gabinete Civil da Governadoria, 28 dez. 1972. Disponível em: <https://legisla.casacivil.go.gov.br/api/v2/pesquisa/legislacoes/89124/pdf>. Acesso em: 4 nov. 2022.

GOOGLE MAPS. Colégio Estadual Amália Hermano Teixeira. **Google Maps**, Goiânia, 2019. Disponível em: <https://bityli.com/WXAbhl>. Acesso em: 1 ago. 2022.

GOYAZ, Edna J. de. **O Ensino Superior de Artes Plásticas em Goiás: a Escola Goiana de Belas Artes**. Salvador: EGBA, 2010. Disponível em: http://www.anpap.org.br/anais/2010/pdf/ceav/edna_de_jesus_goya.pdf. Acesso em: 5 ago. 2022.

GUIMARÃES, Paulo José Fernandes. Tibouchina papyrus. **Flora e Funga do Brasil**, Rio de Janeiro, 2020. Disponível em: <https://floradobrasil.jbrj.gov.br/FB30853>. Acesso em: 4 nov. 2022.

GUINSBURG, Jacob. **O Romantismo**. São Paulo: Perspectiva, 1978.

IESA. Estado de Goiás na década de 1920. **Iesa**, [s. l.], 2008. Disponível em: https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/215/o/Goias_decada_de_1920.pdf. Acesso em: 17 jul. 2022.

IPHAN. Monumentos e Espaços Públicos Tombados - Natividade (TO). **Iphan**, Brasília, DF, [2014?]. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/1218/>. Acesso em: 1 ago. 2022.

IPHAN. Natividade – Conjunto Arquitetônico, Urbanístico e Paisagístico. **Iphan**, Brasília, DF, [2022?]. Disponível em: <http://www.ipatrimonio.org/natividade-conjunto-arquitetonico-urbanistico-e-paisagistico/#!/map=38329&loc=-11.939878000000009,-47.61552999999999,17>. Acesso em: 3 nov. 2022.

LEMES, Rita Castorina Gonçalves Gundim. **O Cerrado na visão de Amália Hermano Teixeira: meio ambiente e cultura**. 2018. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) – Curso de História, Campus Anápolis de Ciências Socioeconômicas e Humanas, Universidade Estadual de Goiás, Anápolis, 2018.

LEONE, Salvino; PRIVITERA, Salvatore; CUNHA, Jorge Teixeira (comp.). **Dicionário de bioética**. Aparecida: Editorial Santuário, 2001.

LÉVI-STRAUSS, Claude. **Tristes trópicos**. São Paulo: Companhia das letras, 1996.

LIMA, Gabriela. Jardim Botânico de Goiânia inaugura orquidário com homenagem a Amália Hermano Teixeira. **O Popular**, [s. l.], 1 jul. 2022. Disponível em: <https://opopular.com.br/noticias/magazine/jardim-bot%C3%A2nico-de-go%C3%A2nia->

inaugura-orquid%C3%A1rio-com-homenagem-a-am%C3%A1lia-hermano-teixeira-1.2483656. Acesso em: 1 ago. 2022.

MACEDO-ECKEL, Ercília. A Pedra Goiana tombou do céu. **Ercília Macedo Escritora**, [s. l.], 2019. Disponível em: <http://www.erciliamacedoescritora.com.br/A%20Pedra%20Goiana.pdf>. Acesso em: 4 nov. 2022.

MACHADO, Ana Lúcia Soares. **A educação ambiental para gestão sustentável da água: estudo de caso do Igarapé do Mindu – Manaus, AM. 2012. 245 f. Tese (Doutorado em Desenvolvimento Sustentável) – Universidade de Brasília, Brasília, 2012. Disponível em: https://repositorio.unb.br/bitstream/10482/12845/3/2012_AnaLuciaSoaresMachado.pdf. Acesso em: 10 nov. 2021.**

MAPA RODOVIÁRIO DO TOCANTINS. Agência Tocantinense de Transporte e Obras. **Mapa Rodoviário do Tocantins**, Palmas, 2020. Disponível em: <https://central3.to.gov.br/arquivo/525857/>. Acesso em: 3 nov. 2022.

MARTINS, Luciana da Silva. **A participação da intelectual Amália Hermano Teixeira no movimento escolanovista em Goiás – 1937 a 1963. 2018. 234 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Goiânia, 2018. Disponível em: <http://tede2.pucgoias.edu.br:8080/handle/tede/4011>. Acesso em: 8 jun. 2021.**

MATTOS, Sandra Maria Nascimento de. **Conversando sobre metodologia da pesquisa científica**. Porto Alegre: Editora Fi, 2020.

MEDEIROS, Frederico. A Transbrasiliana. **Revista Oeste**, Goiânia, ano 2, n. 11, p. 427-428, dez. 1943.

MENDONÇA, Sonia Regina de. **O ruralismo brasileiro (1888-1931)**. São Paulo: Hucitec, 1997.

MESSIAS, Noeci Carvalho. **Religiosidade e devoção: as festas do divino e do rosário em Monte do Carmo e em Natividade. 2010. 352 f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de História, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2010. Disponível em: <https://repositorio.bc.ufg.br/tede/bitstream/tde/1219/1/Tese%20Noeci%20C%20Messias.pdf>. Acesso em: 25 out. 2022.**

MORAES, Antonio Carlos Robert. **Bases da Formação Territorial do Brasil: o território colonial brasileiro no "longo" Século XVI**. São Paulo: Hucitec, 2000.

NEPOMUCENO, Maria de Araújo. A Revista “Oeste”: seus intelectuais e a organização da cultura e modernidade em Goiás (1942-1944). *In: CONGRESSO BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO*, 5., 2008, Aracaju. **Anais [...]**. Aracaju: Universidade Federal de Sergipe, 2008. p. 1-11.

NUNES, Caroline Gomes. **A repressão aos estudantes, professores e funcionários da Universidade Federal de Goiás durante a ditadura militar (1964-1979)**. 2019. 164 f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2019. Disponível em:

[https://repositorio.bc.ufg.br/tede/bitstream/tede/11854/3/Disserta%
%20Caroline%20Gomes%20Nunes%20-%202019.pdf](https://repositorio.bc.ufg.br/tede/bitstream/tede/11854/3/Disserta%c3%a7%c3%a3o%20-%20Caroline%20Gomes%20Nunes%20-%202019.pdf). Acesso em: 10 ago. 2022.

NUNES, Jordão Horta. O pioneiro Sílvio Berto: fotografia e sociabilidade. **Sociedade e Cultura**, Goiânia, v. 4, n. 1, p. 107-143, jan./jul. 2001. Disponível em: <https://www.revistas.ufg.br/fchf/article/view/2234/2992>. Acesso em: 7 ago. 2022.

OLIVEIRA, Antônio. **Metaficção historiográfica no romance *O Tronco*, de Bernardo Élis**. 2019. 116 f. Dissertação (Mestrado em Educação, Linguagem e Tecnologias) - Universidade Estadual de Goiás, Anápolis, 2019. Disponível em: <http://www.bdtd.ueg.br/handle/tede/396#preview-link0>. Acesso em: 19 jul. 2022.

OLIVEIRA, Carolina Fidalgo. **A cidade de Goiás como patrimônio cultural mundial: descompassos entre teorias, discursos e práticas de preservação**. 2016. 306 f. Tese (Doutorado em História e Fundamentos da Arquitetura e do Urbanismo) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/16/16133/tde-20122016-142028/publico/carolinafidalgo.pdf>. Acesso em: 25 jul. 2022.

OLIVEIRA, Eliézer Cardoso de. “Valente mesmo era Catulino”: um estudo biográfico sobre um policial em Goiás no tempo da República Velha. *In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA*, 26., 2011, São Paulo. **Anais [...]**. São Paulo: USP, 2011. p. 1-15. Disponível em: [http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1299589216_ARQUIVO_Textocompletoanais\(Eliezer\).pdf](http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1299589216_ARQUIVO_Textocompletoanais(Eliezer).pdf). Acesso em: 18 jul. 2022.

OLIVEIRA, Eliézer Cardoso de. **Imagens e mudança cultural em Goiânia**. 1999. 242 f. Dissertação (Mestrado em História das Sociedades Agrárias) – Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 1999.

OLIVEIRA, Maria de Fátima; LEMES, Rita Castorina Gonçalves Gundim. O pensamento de Amália Hermano Teixeira sobre o meio ambiente e suas ações em defesa do cerrado. *In: CONGRESSO DE ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO DA UNIVERSIDADE ESTADUAL DE GOIÁS*, 5., Anápolis, 2018. **Anais [...]**. Anápolis: UEG, 2018. p. 1-10. Disponível em: <https://www.anais.ueg.br/index.php/cepe/article/view/12634>. Acesso em: 4 ago. 2022.

PÁDUA, José Augusto. As bases teóricas da História Ambiental. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 24, n. 68, p. 81-101, jan./abr., 2010. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/eav/article/view/10468/12202>. Acesso em: 28 set. 2020.

PALACÍN, Luiz. **1722-1822 – Goiás: Estrutura e Conjuntura numa Capitania de Minas**. Goiânia: Universidade Federal de Goiás, 1972.

PALACÍN, Luiz. **Sociedade Colonial: 1549-1599**. Goiânia: Ed. da UFG, 1981.

PALACÍN, Luiz. **Subversão e Corrupção: Um Estudo da Administração Pombalina em Goiás**. Goiânia: Ed. da UFG, 1983.

PALACÍN, Luiz; MORAES, Maria Augusta de S. **História de Goiás**. Goiânia: UCG Goiânia, 1994.

PEREIRA, Micaelle Cristina Peixoto. **Amália Hermano Teixeira**: vestígios da história da educação em Goiás. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) – Universidade Estadual de Goiás, Anápolis, 2017.

PEREIRA, Micaelle Cristina Peixoto; OLIVEIRA, Maria de Fátima. As faces de Amália. *In*: SEMINÁRIO DE PESQUISA, PÓS-GRADUAÇÃO, ENSINO E EXTENSÃO, 3., 2017, Anápolis. **Anais** [...]. Anápolis: UEG, 2017. p. 1-5. Disponível em: <https://www.anais.ueg.br/index.php/sepe/article/view/8885>. Acesso em: 2 ago. 2022.

PERES, Selma Martines. A Informação Goyana e Oeste e as estratégias para uma nova civilidade em Goiás (1917-1944). *In*: SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE PROCESSOS CIVILIZADORES: CIVILIDADE, FRONTEIRA E DIVERSIDADE, 14., 2012, Dourados. **Anais** [...]. Dourados: UFGD, 2012. p. 1-11. Disponível em: http://www.uel.br/grupo-estudo/processoscivilizadores/portugues/sites/anais/anais14/arquivos/textos/Comunicacao_Ora/Trabalhos_Completos/Selma_Peres.pdf. Acesso em: 5 nov. 2022.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. Cultura e representações, uma trajetória. **Revista do Programa de Pós-Graduação em História**, Porto Alegre, v. 13, n. 23/24, p. 45-58, jan./dez. 2006. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/anos90/article/view/6395>. Acesso em: 8 jun. 2021.

PETERS, Gabriel. Bourdieu em pílulas (5): introdução à teoria dos campos. **Blog do Sociólogo**, [s. l.], 2020. Disponível em: <https://blogdolabemus.com/2020/05/14/bourdieu-em-pilulas-5-introducao-a-teoria-dos-campos-por-gabriel-peters/>. Acesso em: 20 out. 2022.

PRADO JUNIOR, Bento. Romance, Moral e Política no Século das Luzes: o caso de Rousseau. **Discurso**, [s. l.], n. 17, p. 57-74, 1988. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/discurso/article/download/37930/40657>. Acesso em: 28 out. 2022.

PRODANOV, Cleber Cristiano; FREITAS, Ernani Cesar de. **Metodologia do trabalho científico**: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho. 2. ed. Novo Hamburgo: Feevale, 2013.

REVISTA DE EDUCAÇÃO. Goiânia: Órgão da Secretaria de Educação e Cultura de Goiás, 1939. n. 9.

REVISTA DE EDUCAÇÃO. Goiânia: Órgão da Secretaria de Educação e Cultura de Goiás, 1946a. n. 23/24.

REVISTA DE EDUCAÇÃO. Goiânia: Órgão da Secretaria de Educação e Cultura de Goiás, 1946b. n. 31/32.

REVISTA DE EDUCAÇÃO. Goiânia: Órgão da Secretaria de Educação e Cultura de Goiás, jan./fev. 1959. n. 37.

REVISTA DE EDUCAÇÃO. Goiânia: Órgão da Secretaria de Educação e Cultura de Goiás, ago./set. 1960. n. 45.

REVISTA DO INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DE GOIÁS. Goiânia: IHGG,

2004. n. 18.

REVISTA FLORES DO BRASIL. Goiânia: Revista Flores do Brasil, 1967. n. 3.

RICOEUR, Paul. A vida: uma narrativa em busca de narrador. *In*: RICOEUR, Paul. **Escritos e conferências 1** – em torno da psicanálise. Tradução de Edson Bini. São Paulo: Edições Loyola, 2010. p. 197-211.

RIZZO, José Ângelo. Jardim Botânico de Goiânia: histórico e importância. **UFG**, Goiânia, 23 dez. 2011. Disponível em: <https://www.uc.ufg.br/n/29364-jardim-botanico-de-goiania-historico-e-importancia>. Acesso em: 1 ago. 2022.

ROCHA, Hélio. As rosas verdes de Amália Hermano para o escritor russo Iliá Erenburg. **Jornal Opção**, [s. l.], 31 maio 2022. Disponível em: <https://www.jornalopcao.com.br/colunas-geral/memorando/as-rosas-verdes-de-amalia-hermano-para-o-escritor-russo-ilia-erenburg-258056/>. Acesso em: 14 ago. 2022.

RODRIGUES, Maria Regina da Cunha. Noticiário: II Simpósio dos Professores Universitários de História. **Revista História**, [s. l.], 1963. p. 546-572. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/revhistoria/article/download/121812/118674/227503>. Acesso em: 6 ago. 2022.

ROMANELLI, Otaiza de Oliveira. **História da educação no Brasil** (1930/1973). 8. ed. Petrópolis: Vozes, 1986.

SANTOS, Ekristayne Medeiros de Lima. **A circulação do ideário escolanovista no Estado de Goiás**: a revista de educação (1937-1962). 2013. 138 f. Dissertação (Mestrado em Educação Escolar) - Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara, Universidade Estadual Paulista Julio de Mesquita Filho, São Paulo, 2013. Disponível em: <http://hdl.handle.net/11449/90107>. Acesso em: 25 out. 2022.

SANTOS, Marcos Vinícius. OLIVEIRA, Maria de Fátima. Atuação de Amália Hermano Teixeira na imprensa. *In*: SEMINÁRIO DE PESQUISA, PÓS-GRADUAÇÃO, ENSINO E EXTENSÃO, 4., 2018, Anápolis. **Anais [...]**. Anápolis: Universidade Estadual de Goiás, 2018. p. 189-197 Disponível em: <https://www.anais.ueg.br/index.php/sepe/issue/view/340>. Acesso em: 8 jun. 2021.

SILVA, Elen Glauciene. **Chacina do Duro**: do evento à representação dos acontecimentos. 2017. 185 f. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2017. Disponível em: <https://repositorio.bc.ufg.br/tede/handle/tede/7744>. Acesso em: 19 jul. 2022.

SILVA, Jesiel Souza. Breve revisitação ao conceito de campesinato no Brasil. **Revista NERA**, Presidente Prudente, n. 50, p. 40–63, 2019. Disponível em: <https://revista.fct.unesp.br/index.php/nera/article/view/6006>. Acesso em: 11 abr. 2023.

SIMPÓSIO DOS PROFESSORES UNIVERSITÁRIOS DE HISTÓRIA, 2., 1962, Curitiba. **Anais [...]**. Curitiba: Faculdade de Filosofia da Universidade do Paraná, 1962. Disponível em: https://anpuh.org.br/uploads/anais-simposios/pdf/2018-12/1543937787_41598ae7d62374cd4fa228ed3d0a74a1.pdf. Acesso em: 6 ago. 2022.

SIQUEIRA, Jacy. Gosto de louro e vitória régia: crônica. *In*: TEIXEIRA, Amália Hermano (org.). **Dois anos sem Maximiano**. Goiânia: Líder, 1986. p. 307.

SKINNER, Quentin. **Visões da política**: sobre os métodos históricos. Algés: Difel, 2005.

SOUSA, Sheyla. Flamboyants colorem a paisagem de Goiânia: Frente a podas de árvores cada vez mais frequentes [...]. **O Hoje**, [s. l.], 5 nov. 2020. Disponível em: <https://ohoje.com/noticia/cidades/n/182165/t/flamboyants-colorem-a-paisagem-de-goiania/>. Acesso em: 28 out. 2022.

SOUZA, Rildo Bento de. Pelas páginas da revista Oeste: poder e imprensa em Goiás (1942-1944). **Territórios e Fronteiras**, Cuiabá v. 11, n. 2, p. 237-255, jul./dez., 2018. Disponível em: <http://www.ppghis.com/territorios&fronteiras/index.php/v03n02/article/view/755>. Acesso em: 8 jun. 2021.

SOUZA, Vinícius Antonelli de. **Cidade de Goiás**: o patrimônio em questão. 2020. 252 f. Dissertação (Mestrado em Projeto e Cidade) – Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2020. Disponível em: <https://repositorio.bc.ufg.br/tede/handle/tede/10798>. Acesso em: 25 jul. 2022.

TAMASO, Izabela. Festas e procissões da cidade de Goiás: O patrimônio em movimento. *In*: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 26., São Paulo **Anais** [...]. São Paulo: USP, 2011. p. 1-17. Disponível em: http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1308174025_ARQUIVO_Tamaso_ANPUH_2011_TextoCompleto.pdf. Acesso em: 25 jul. 2022.

TEIXEIRA, Amália Hermano (org.). **Dois anos sem Maximiano**. Goiânia: Líder, 1986.

TEIXEIRA, Amália Hermano. A Begônia. **Flores do Brasil**, [s. l.], v. 4, n. 1, p. 5-10, 1968.

TEIXEIRA, Amália Hermano. Alberto Torres. **Revista Oeste**, Goiânia, ano 3, n. 22, 1944a. Disponível em: <https://pt.slideshare.net/enderbass/revista-oeste-completa-gois>. Acesso em: 10 set. 2021.

TEIXEIRA, Amália Hermano. Amigos da natureza. **Revista de Educação**, Goiânia, ano 18, n. 45, p. 10-14, ago./set. 1960. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/175706>. Acesso em: 10 set. 2022.

TEIXEIRA, Amália Hermano. Begônias. **Flores do Brasil**, [s. l.], v. 3, p. 11-16, 1967.

TEIXEIRA, Amália Hermano. Estradas-Caminhos abertos à civilização. **Revista Oeste**, Goiânia, ano 2, n. 6, p. 222-224, 1943. Disponível em: <https://pt.slideshare.net/enderbass/revista-oeste-completa-gois>. Acesso em: 10 set. 2021.

TEIXEIRA, Amália Hermano. **História de Goiás**. Instituto Histórico e Geográfico de Goiás. Goiânia: Kelps, 2011.

TEIXEIRA, Amália Hermano. Instituições auxiliares do ensino. histórico, conceito, função e influência do clube agrícola. **Jornal de Notícias**, Goiânia, n. 12, 5 out. 1952.

TEIXEIRA, Amália Hermano. **O curioso caso da Escola Normal Oficial**: a história de uma injustiça. São Paulo: Empresa Gráfica da Revista dos Tribunais Ltda, 1946.

TEIXEIRA, Amália Hermano. O VIII Congresso Nacional de Educação e sua significação cultural para Goiânia. **Revista Oeste**, Goiânia, ano 1, n. 1, p. 28-29, 1942a. Disponível em: <https://pt.slideshare.net/enderbass/revista-oeste-completa-gois>. Acesso em: 10 set. 2021.

TEIXEIRA, Amália Hermano. Orientação vocacional. **Revista Oeste**, Goiânia, ano 2, n. 15, p. 543-544, 1944b. Disponível em: <https://pt.slideshare.net/enderbass/revista-oeste-completa-gois>. Acesso em: 10 set. 2021.

TEIXEIRA, Amália Hermano. **Perfis**: pessoas que marcaram minha vida. Goiânia: Luzes, 1993.

TEIXEIRA, Amália Hermano. Problemas do ensino rural brasileiro. *In*: CONGRESSO BRASILEIRO DE EDUCAÇÃO, 8., Goiânia, 1942b. **Anais** [...]. Goiânia: UFG, 1942b.

TEIXEIRA, Amália Hermano. **Reencontro**. Goiânia: Líder, 1981.

TIBERGHIEU, Gilles A. Nature, Art, Paysage. **École Nationale Supérieure du Paysage**, [s. l.], 2001.

TOCANTINS. Trajetória de luta pela criação do Tocantins. **Secretaria da Cultura e Turismo**, Tocantins, [2022?]. Disponível em: <https://www.to.gov.br/sectur/j-trajetoria-de-luta-pela-criacao-do-tocantins/5za77iw36s5a>. Acesso em: 17 jul. 2022.

UNIÃO BRASILEIRA DE ESCRITORES. **Escritores em ação**: Trinta anos de atividade cultural. Goiânia: UBE-GO, 1986.

VIANA, Verônica Pereira. **Manter sadia a criança sadia**: os preceitos higienistas veiculados na Revista de Educação de Goiás (1937-1962). 2017. 137 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2017.

VIEIRA, Martha Victor. O movimento separatista do Norte Goiano (1821-1823): Desconstruindo o discurso fundador da formação Territorial do Estado do Tocantins. **Revista Sapiência**, [s. l.], p. 63-84, 2014.

WORSTER, Donald. Para fazer história ambiental. **Revistas Estudos Históricas**, Rio de Janeiro, v. 4, n. 8, p. 198-215, jul./dez., 1991. Disponível em: <http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/2324>. Acesso em: 28 set. 2020.

**APÊNDICE A - LINHA CRONOLÓGICA DA VIDA DE AMÁLIA HERMANO
TEIXEIRA**

Ano	Acontecimento
1916	Nascimento em Natividade, atual estado de Tocantins.
1919	Mudou para Currálinho, mais tarde Itaberaí, em consequência da tragédia do Duro.
[1920?]	Mudança para a Cidade de Goiás, a velha Vila Boa.
1926- 1928	Fez o curso primário no Grupo Escolar.
1934	Cursou o Secundário no Lyceu de Goyaz.
1935	Normalista pela Escola Normal Oficial de Goiás.
1936	Frequentou o Curso de Extensão Rural, em grau universitário, promovido pela Sociedade dos Amigos de Alberto Torres (SAAT) no Rio de Janeiro.
1936 a 1937	Trabalhou com o saudoso Joaquim Câmara Filho; então diretor do Departamento Estadual de Propaganda e Expansão Econômica (DEPEE). Com o Agrônomo Manoel Alves de Almeida, instalou a Escola Profissional de Rio Verde, sudoeste de Goiás.
1936	Chefiou o Serviço de clubes Agrícolas Escolares.
1936	Semana Ruralista
1936	Semanas de Atividades Rurais: evento em nível estadual e mais voltado aos clubes agrícolas escolares.
02 de maio de 1936	Fez o relatório da Conferência proferida pelo cientista Vital Brasil sobre animais venenosos, em Niterói, para professores de todo o Brasil, participantes do Curso Rural Universitário da Sociedade dos Amigos de Alberto Torres (Saat).
Em junho de 1936	Publicou também um estudo sobre Goiás – A velha e a nova Capital, conferência proferida na Faculdade de Direito de Belo Horizonte (MG), publicado no jornal “A Nota” (Rio), dirigido pelo jornalista baiano Geraldo Rocha.
Em agosto de 1936	Em Goiânia, no mês de agosto de 1936, aconteceu a Primeira Semana de Atividades Rurais no Estado de Goiás (<i>A Federação</i> , 03 set. 1936), realizada por Amália Hermano e Manuel Almeida com o patrocínio do Departamento de Propaganda e Expansão Econômica do Estado de Goiás.
01 de fevereiro de 1937	Amália Hermano casou-se com seu conterrâneo, o então advogado Maximiano da Matta Teixeira, grande prosador e contista.
1937	Muda com seu esposo para Goiânia, a nova capital do Estado.
Goiânia a 29 de Outubro de 1937	Participação no Primeiro Congresso Estadual de Educação.
1938 a 1944	Trabalha na Escola Normal Oficial de Goiás.

1942	Participou ao ensejo do Batismo Cultural de Goiânia – a nova Capital de Goiás – do 8º Congresso Brasileiro de Educação, sendo publicada nos anais desse memorável conclave sua tese: Problemas do Ensino Rural Brasileiro.
1942	Catedrática por concurso de Geografia, da antiga Escola Normal Oficial, hoje Instituto de Educação de Goiás.
Em Novembro de 1942	Fez o curso de Samaritanas Socorristas, promovido pela Comissão Estadual da Legião Brasileira de Assistência (LBA).
1944	Fundou o jornal “A Colméia”.
1945	Formou-se em Direito.
11/01/1945 a 08/11/1945	Comissionada pelo governo estadual nos cargos de Secretária.
09/11/1945 a 05/02/1946	Diretora da Imprensa Oficial de Goiás
1945	- Associou-se à Sociedade Pró-Arte de Goiás - I Exposição de Pintura, Escultura e Arquitetura de Goiás
1946	- II Exposição de Pintura, Escultura e Arquitetura de Goiás
1947	- III Exposição de Pintura, Escultura e Arquitetura de Goiás
1946	Foi diretora da Imprensa Oficial do Estado.
1946	Publicou “O Curioso Caso da Escola Normal Oficial” – história de uma injustiça.
1946 a 1949	À disposição da residência da Ordem dos Advogados do Brasil Seção de Goiás.
No dia 29 de março de 1949	Homenageada pelos advogados e juízes da cidade de Campos, Estado do Rio de Janeiro no Fórum local, como Diretora da Revista de Jurisprudência e Legislação de Goiás.
Em novembro de 1950	Integrou a delegação de Goiás à X Conferência Nacional de Educação promovida pela Associação Brasileira de Educação (ABE), realizada no Rio de Janeiro.
1951	Membro da Associação Goiana de Imprensa e Associação Brasileira de Escritores, hoje União Brasileira de Escritores, Seção de Goiás. Como vice-presidente desta compôs a delegação ao VIII Congresso Brasileiro de Escritores, que teve lugar em Porto Alegre. Nesta oportunidade apresentou a tese: o Clube Agrícola Escolar – fator de democratização.
1952	Participa do IV Congresso Brasileiro de Escritores
14 a 21 de fevereiro de 1954	Presidiu a Comissão Social do Primeiro Congresso Nacional de Intelectuais, realizado em Goiânia.
Em janeiro de 1955, em São Paulo	Integrou a representação de Goiás ao VI Congresso Jurídico e 1ª Convenção Nacional de Advogados, em São Paulo, sob a presidência do professor Noé Azevedo, presidente da OAB – SP.
De 21 a 25 de outubro de 1956	Membro da Comissão Social da III Conferência Nacional de Jornalistas, realizada em Goiânia.

1957	Ganhou uma bolsa de estudos do Ministério da Educação e Cultura (Ministro Clóvis Salgado), para pesquisa de história no Rio de Janeiro e São Paulo, na Biblioteca Nacional, Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e instituições congêneres, à disposição da Secretaria de Educação e Cultura.
[1957?] ano provável	Nesse período iniciou as pesquisas para a escrita dos volumes sobre A História de Goiás. Assim, Amália, “[...] para se familiarizar com a ciência da manipulação de documentos, fez o curso de Paleografia na Biblioteca Nacional” (FELÍCIO, 1993, p. 328).
1957	Representante do Estado de Goiás no VII Congresso Nacional de Jornalismo, levado a efeito no Rio de Janeiro, por ocasião dos festejos comemorativos do cinquentenário da Associação Brasileira de Imprensa (ABI).
1957	Organizou, em 1957, as primeiras exposições de orquídeas e plantas ornamentais de Goiás patrocinadas pelo então Secretário de Estado de Viação e Obras Públicas, Jornalista Jaime Câmara.
de 1958 a 1963	Dirigiu de 1958 a 1963 a Revista da Educação, órgão oficial da Secretaria de Educação e Cultura publicando os números 37 a 52.
09 a 16 de julho de 1958, Rio de Janeiro	Representou Goiás no II Congresso Nacional de Educação de Adultos; participou ativamente na Campanha de Educação de Adultos, tendo sido a primeira diretora do estabelecimento da magnífica cruzada encetada em Goiás – Ginásio “Professor Ferreira” –; colaborou na instalação de congêneres para o aperfeiçoamento da educação de adultos no Brasil; conseguiu a primeira dotação para os cinco ginásios da campanha, por meio do Senador Alfredo Nasser.
1963 a 1964	Professora de História do Brasil e de Goiás do Centro de Estudos Brasileiros e do Centro de Estudos Goianos da Universidade Federal de Goiás.
De 27 a 31 de outubro de 1962	Participou do II Simpósio de Professores Universitários de História, realizado em Curitiba.
03 de setembro de 1965	Recebeu diploma e medalha, por ocasião da Exposição Nacional de Orquídeas, comemorativa do IV Centenário do Rio de Janeiro, pela apresentação de plantas de sua coleção
1966	Organizou a I Exposição da Sociedade Goiana de Orquidófilos, ajudada pela Prefeitura Municipal de Goiânia.
1966	Participou do Congresso Nacional de Botânica realizado em Brasília.
19 de novembro de 1966	Recebeu certificado comemorativo do Centro Paulista de Orquidófilos.
1969	Participou do Congresso Nacional de Botânica realizado em Brasília.
1969	Foi Secretária-Tesoureira do XX Congresso Nacional de Botânica, realizado em Goiânia.

1975	Participou do Congresso Nacional de Botânica realizado no Rio de Janeiro.
1976	Participou do Congresso Nacional de Botânica realizado em São Luís do Maranhão.
1977	A orquídea que ela e seu marido descobriram em 1977 no município de Taguatinga, Goiás, foi classificada pelo taxônomo PABST com o nome de <i>Catleya nobilior Amaliae</i> , como se vê em Bradea nº 33, Boletim do Herbarium bradeanurn, de 15 de março de 1978, e incluída no catálogo internacional de orquídeas.
De 22 a 29 de Janeiro de 1978	Participou do 11 Congresso Latino-Americano e XXIX Brasileiro de Botânica realizado de 22 a 29 de Janeiro de 1978 em Brasília e Goiânia; tendo redigido o roteiro sobre microorquídea – <i>Inopsis utricularioides</i> .
1979	Colaboradora especial da Grande Enciclopédia Delata Larousse.
21 a 27 de janeiro de 1979	Participou do XXX Congresso Nacional de Botânica, no Mato Grosso do Sul, expondo orquídeas de Goiás.
25 a 31 de janeiro de 1981	Esteve presente no XXXII Congresso Nacional de Botânica de Teresina, Piauí.
1986	Publicação do livro <i>Dois Anos sem Maximiano</i> (1986).
1991	Falecimento.

**APÊNDICE B – RELAÇÃO DAS PUBLICAÇÕES QUE CITAM A CONTRIBUIÇÃO
DE AMÁLIA HERMANO TEIXEIRA ENQUANTO EDUCADORA, NA
LITERATURA, NA IMPRENSA E SOBRE AS QUESTÕES AMBIENTAIS**

Título	Fonte	Autor(es)
Ruralismo pedagógico e escolanovismo em Goiás na primeira metade do século XX: o oitavo Congresso Brasileiro de Educação.	Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Centro de Educação e Ciências Humanas, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2012.	ARAÚJO, Jaqueline Veloso Portela de.
. As escolas família agrícola no território goiano: a pedagogia da alternância como perspectiva para o desenvolvimento e o fortalecimento da agricultura camponesa.	Dissertação (Mestrado em Geografia) – Programa de Pós-Graduação em Geografia, Instituto de Estudos Socioambientais, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2010.	JESUS, José Novais de.
Apropriações do Movimento Escolanovista no Ensino de Aritmética e Geometria no Ensino Primário: análise das revistas pedagógicas goianas.	SEMINÁRIO TEMÁTICO, 11., 2014, Florianópolis. Anais [...]. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, p. 1-12, 2014.	MACIEL, Viviane Barros.
O que dizem as revistas goianas sobre as finalidades de ensino da aritmética (1937-1949)	SEMINÁRIO TEMÁTICO, 12., 2015, Florianópolis. Anais [...]. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, p. 130-141, 2015.	MACIEL, Viviane Barros.
Goianidade em canto: ideologia e educação no movimento da mercadoria ou na modernização do sertão goiano.	Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2015.	MAGALHÃES, Alcio Crisóstomo.
Modernização em cantos: o sistema cultural na forma goianidade	REUNIÃO NACIONAL DA ANPED, 38., 2017, São Luís. Anais [...]. São Luís: Universidade Federal do Maranhão, p. 1-17, 2017.	MAGALHÃES, Alcio Crisóstomo.
A repressão a estudantes, professores e funcionários na Universidade Federal de	Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-graduação em História,	NUNES, Caroline Gomes.

Goiás durante a Ditadura Militar (1964-1985).	Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2019.	
O pioneiro Sílvio Berto: fotografia e sociabilidade.	Sociedade e Cultura, Goiânia, v. 4, n. 1, p. 107-143, jan./jul., 2001.	NUNES, João Horta.
O sentido revolucionário do Centro de Estudos Brasileiros (1962-1964): entre o nacional, regional e o global.	Eventos IFG. ([2015?])	PAULA, Gabriel Teles de.
Resgate histórico da enfermagem global, brasileira e goiana: uma revisão narrativa de literatura.	International Journal of Development Research, v. 10, n. 11, p. 42239-42247, nov., 2020.	PEREIRA, Mayara Cândida et al.
A modernização do Cerrado goiano: influência na formação das instituições culturais e nas práticas de leitura.	Revista Sapiência: Sociedade, Saberes e Práticas Educacionais, Iporá, v. 9, n. 3, p. 278-298, jul./set., 2020.	SANTOS, Andréa Pereira dos; VILELA, Benjamim Pereira.
A circulação do ideário escolanovista no estado de Goiás: A Revista de Educação (1937-1962).	Dissertação (Mestrado em Educação Escolar) – Programa de Pós-Graduação em Educação Escolar, Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Araraquara, 2013.	SANTOS, Ekristayne Medeiros de Lima.
A Revista de Educação do Estado de Goiás: primeira fase (1937-1944).	SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 28., 2015, Florianópolis. Anais [...]. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, s/p, 2015.	SANTOS, Ekristayne Medeiros de Lima.
A filosofia de Agostinho da Silva na criação de centros de estudos no Brasil.	Revista UFG: Pró-Reitoria de Extensão e Cultura, Goiânia, v. 14, n. 14, p. 223-232, jan./dez., 2013.	TELES, Gilberto Mendonça.
Dicionário de educadores e educadoras em Goiás: séculos XVIII - XXI.	Editora Imprensa Universitária, 2017.	VALDEZ, Diane (org).
História da Educação em Goiás: estado da arte.	Revista de Educação Pública, Cuiabá, v. 21, n. 45, p. 105-126, jan./abr., 2012.	VALDEZ, Diane; DA BARRA, Valdeniza Maria Lopes da.
Manter sadia a criança sadia: os preceitos higienistas veiculados na Revista de Educação de Goiás (1937-1962).	Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2017.	VIANA, Verônica Pereira.

Congresso Nacional de Intelectuais (Goiânia- 1954): cultura nacional, PCB e hegemonia.	Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Programa de Pós-graduação em Comunicação, Faculdade de Informação e Comunicação, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2018.	BARROS, Franciso Messias Gomes.
Sororidade com saber goiano: o feminismo pioneiro de Consuelo Nasser.	Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais e Humanidades) – Programa de Pós-Graduação em Territórios e Expressões Culturais no Cerrado, Unidade Universitária de Anápolis - Ciências Socioeconômicas e Humanas, Universidade Estadual de Goiás, Anápolis, 2020.	BORGES, Adrielly Melo.
O congresso que colocou Goiânia no mapa.	O Popular, s/p, 7 jul. 2018.	BORGES, Rogério
“Sou paranaíba pra cá”: literatura e sociedade em Cora Coralina.	Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Faculdade de Ciências Humanas e Filosofia, Universidade Federal de Goiás, 2006.	BRITTO, Clovis Carvalho.
História da Esquerda em Goiás: 1960-1979	Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Faculdade de Ciências Humanas e Filosofia, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2001.	CUNHA, Bruno Domingues.
Município: a escala da (des)ordem.	. Tese (Doutorado em Geografia) - Programa de Pós-Graduação em Geografia, Instituto de Estudos Socioambientais, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2016.	DIAS, Wagner Alceu.
Zoroastro Artiaga traz mostra sobre o Cerrado.	O Popular, s/p, 13 out. 2012.	GOIÁS AGORA.
As "mulheres de azul" da Academia Feminina de Letras e Artes de Goiás: trajetórias, (res) existências e estratégias de intelectuais e artistas	Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Faculdade de História, Universidade Federal de	MAIA, Débora de Faria.

goianas (1969-1993).	Goiás, Goiânia, 2021.	
Bazar Oió: uma livraria, um livreiro e um campo literário.	Dissertação (Mestrado em Literatura) – Programa de Pós-Graduação em Literatura, Departamento de Teoria Literária e Literaturas, Instituto de Letras, Universidade de Brasília, Brasília, 2016.	MOLLO, Lúcia Tormin.
A imprensa universitária da UFG: políticas editoriais e formação do campo da cultura em Goiás (1962-1982).	Tese (Doutorado em Letras e Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística, Faculdade de Letras, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2018.	NUNES, Margareth de Lourdes Oliveira.
Bernardo Élis: de Corumbá de Goiás ao mar.	Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Faculdade de História, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2014.	PAULA, Gabriel de.
História da educação e imprensa: revisitando velhos e novos objetos.	Espaço e Tempo Midiáticos, Palmas, v. 2, n. 1, p. 62-71, jan./jun., 2017.	SANTOS, Jocyléia Santana dos.
Diálogos epistolares e a construção de um “campo”: a escrita do folclore em Goiás nas correspondências institucionais (1948/1978).	Patrimônio e Memória, Assis v. 8, n. 2, p. 26-51, jan./jun., 2012.	SILVA, Mônica Martins da.
A intelectualidade telúrica de Ada Curado: uma grande escritora em Goiás no século XX.	Dimensões, Vitória, n. 45, p. 284-314, jul./dez., 2020.	SOARES, Ana Carolina Eiras Coelho; SANTOS, Danielle Silva Moreira dos.
Pelas páginas da revista Oeste: poder e imprensa em Goiás (1942-1944).	Territórios e Fronteiras, Cuiabá v. 11, n. 2, p. 237-255, jul./dez., 2018.	SOUZA, Rildo Bento de.
Biblioteca escolar: uma ponte para o conhecimento.	Secretaria de Estado da Educação, Goiânia: SEDUC, 2009.	VASCONCELO, Maria Luíza Batista Bretas (org).
O lazer traduzido nas festas e folguedos presentes na Revista Brasileira de Folclore (1961-1976): uma questão de educação das sensibilidades?	Dissertação (Mestrado em Lazer) – Programa de Pós-Graduação em Estudos do Lazer, Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2013.	VIEIRA, Jenifer Lourenco Borges.

<p>Diante da sacralidade humana: produção e apropriações do moderno em Nazareno Confaloni (1950-1977).</p>	<p>Tese (Doutorado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Faculdade de História, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2017.</p>	<p>VIGÁRIO, Jacqueline Siqueira.</p>
<p>Viaggiare per osservare. Noterelle dall'esperienza del viaggiatore Roberto Burle Marx.</p>	<p>Ri-Vista: Research for landscape architecture, Florença, v. 13, n. 1, p. 9-16, 2009.</p>	<p>RIZZO, Giulio.</p>